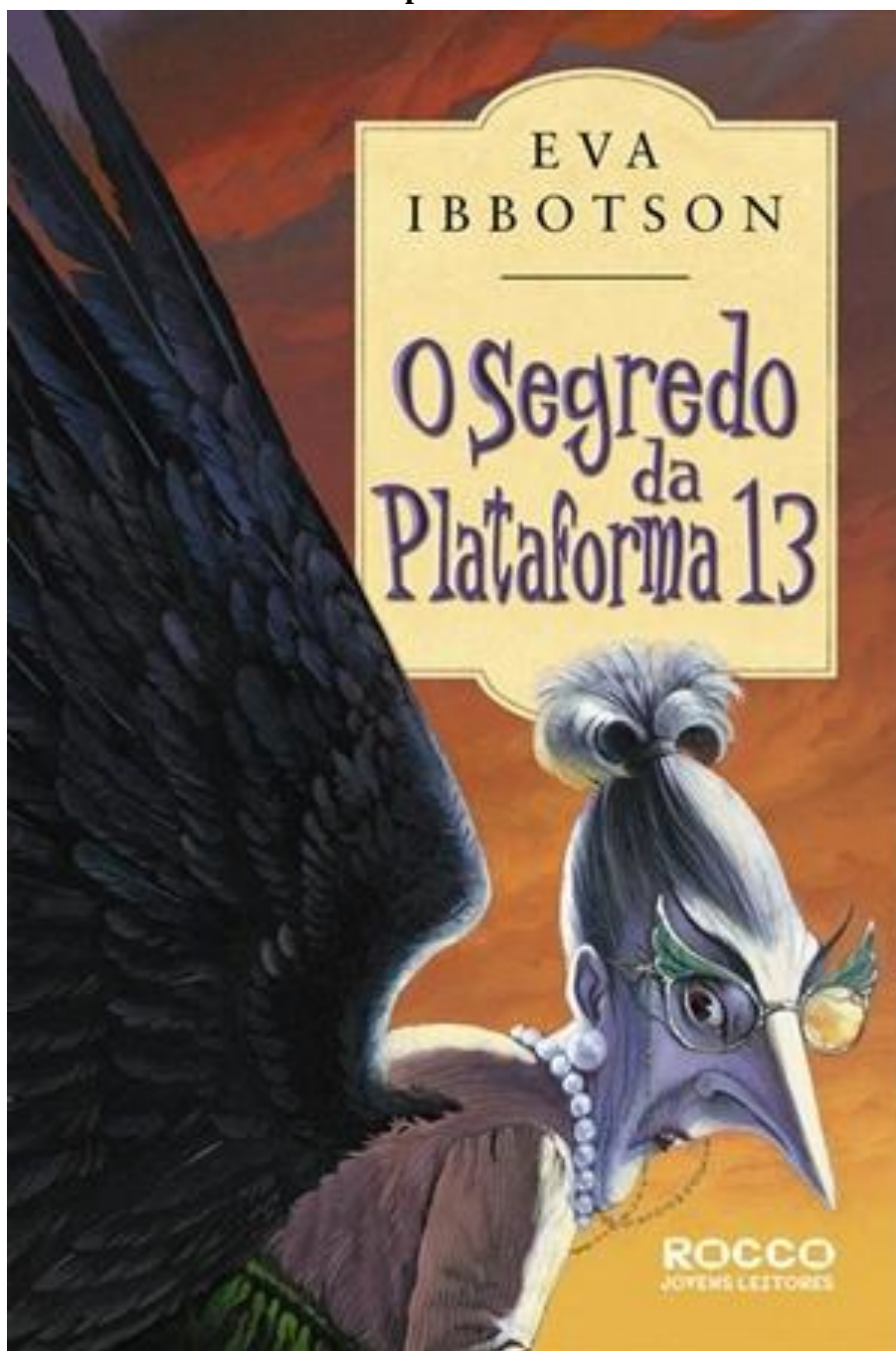




Apresenta:





EVA
IBBOTSON

O segredo da Plataforma 13

Tradução
ANGELA MELIM



ROCCO
JOVENS LEITORES

Biblioteca Municipal "Brito Broca"
Av. Mutinga, 1425 - CEP 05110-000

Sistema Alexandria
A.L.: 1389340
Tombo: 2436



FL 52452

Digitalização: Isis Maat

Revisão e formatação: Mara

Titulo original
THE SECRET OF PLATFORM 13

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Copyright © Eva Ibbotson

Os direitos de Eva Ibbotson identificados como autora
desta obra foram assegurados por ela em concordância
com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 – 4º andar

20011-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: 2507-2000 – Fax: 2507-2244

e-mail: rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais

ANA MARIA MARTINS

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

I21s	Ibbotson, Eva
	O segredo da plataforma 13/Eva Ibbotson; tradução de Angela Melim. – Rio de Janeiro: Rocco, 2002
	Tradução de: The secret of platform 13 "Jovens Leitores" ISBN 85-325-1421-9
	1. Literatura infanto-juvenil. I. Melim, Angela. II. Título
02-0786	CDD - 028.5 CDU - 087.5



Para Laurie e para David

Um

Se você fosse hoje a uma escola e perguntasse às crianças o que é gampi, é provável que recebesse respostas muito bobas:

- Uma pessoa sem cérebro, cabeça de pau oco – diria uma. Ou:
- Um camelo que ficou com a corcunda presa. Ou:
- Um tipo de chiclete.

Mas houve época em que não era assim. Houve época em que todas as crianças da Terra seriam capazes de lhe dizer que gampi é um monte especial, um monte de terra com capim, e que neste monte se esconde uma porta, que se abre de tempos em tempos, revelando um túnel, que leva a um mundo completamente diferente.

Saberiam que todo país tem seu próprio gampi e, na Grã-Bretanha, o gampi ficava num lugar chamado Morro da Cruz dos Reis, não muito distante do rio Tâmsa. E as crianças sábias, as que lêem as histórias de antigamente e escutam as lendas, saberiam ainda mais que isto. Saberiam que esse gampi em particular se abre exatamente durante nove dias a cada nove anos, nem um segundo a mais, e que não era bom mudar de idéia a respeito de ir ou vir, porque nada faria a porta se abrir depois do tempo esgotado.

Mas as crianças esqueceram – todo mundo esqueceu – e talvez não se possa culpá-las. O gampi, porém, ainda permanece lá. Fica embaixo da plataforma 13 da estação de trem Encruzilhada dos Reis, e a porta secreta fica atrás da parede do velho vestiário masculino, com seus cartazes soltos, que dizem: “Vá até lá de trem”, os bancos de madeira esfolados e cinzeiros sujos, em que os cavalheiros antigos costumavam apagar cigarros fedorentos.

Ninguém mais usa a plataforma. Construíram plataformas novas, mais bonitas, com filas de carrinhos brilhantes para bagagens, máquinas automáticas, que funcionam de verdade, e telas de televisão, que lhe mostram o quanto estará atrasado o seu trem. Mas a plataforma 13 é diferente. O relógio parou; as aranhas teceram teias através da porta do vestiário. Existe um setor de achados e perdidos, com uma papeleta que diz: FORA DE USO, e lá dentro se encontra um guarda-chuva coberto de mofo que uma dama deixou no 5.25 de Doncaster no ano do Jubileu de Prata da rainha. As máquinas de chocolate estão enferrujadas e tortas, e se você fosse idiota o bastante para botar seu dinheiro numa delas, esta faria um ruído assim: “rra-rumpf”, e engoliria o dinheiro, e você esperaria pelo resto da vida que o chocolate saísse.

No entanto, quando as pessoas tentavam derrubar aquela parte da estação e reformá-la, algo sempre dava errado. Um arquiteto, querendo construir lojas ali, de repente apareceu cheio de bolhas horríveis e foi morar na Espanha. Quando tentaram

refazer os trilhos elétricos, o supervisor disse que a terra não era apropriada e murmurou qualquer coisa a respeito de subsidência e rachaduras. Era como se as pessoas soubessem alguma coisa sobre a plataforma 13, mas não exatamente o quê.

Em toda cidade, porém, existem aqueles que não se esqueceram dos tempos antigos ou das histórias antigas. Os fantasmas, por exemplo... Ernie Hobbs, carregador da estação, que passou a vida trabalhando em Encruzilhada dos Reis, e ainda gostava de assombrar trens, sabia – assim como sua amiga, fantasma de uma faxineira, chamada dona Partridge, que era quem esfregava o setor dos pacotes, de quatro, no chão. As pessoas que afundavam nos esgotos, debaixo da cidade, e ocasionalmente subiam pelos buracos junto à estação, elas sabiam... e também sabiam, a seu modo, os pombos...

Sabiam que o gampi continuava ali e sabiam onde levava.

Através de um túnel comprido, enevoadado e misterioso, se chegava a uma caverna secreta, onde um navio aguardava para levar aqueles que desejassem a uma ilha tão linda de cortar a respiração.

As pessoas que aí viviam a chamavam de Ilha, mas ela teve todo tipo de nome: Avalon, Terra de São Martinho, Lugar das Névoas Repentinas. Há anos e anos foi unida ao continente, depois desligou-se e distanciou-se lentamente, flutuando em direção oeste, do mesmo modo como Madagascar deslizou para longe do continente da África. As ilhas fazem isto a intervalos de uns milhões de anos. Não é nada que mereça espanto.

Com a ilha flutuante, é claro, vieram as pessoas que nela viviam: pessoas sensíveis em sua maior parte, que compreendiam que nem todo mundo tinha de ter exatamente dois braços e duas pernas. Ao contrário, todos podiam ser diferentes, tanto na forma como na maneira de pensar. De modo que viviam em paz com os ogros de um olho só e com os dragões (existiam muitos deles naquela época). Não se jogavam no mar cada vez que viam uma sereia penteando o cabelo em cima de um penedo. Simplesmente diziam: “bom-dia.” Aceitavam as Eller, mulheres que tinham costas ocas e detestavam ser vistas aos sábados, e os demônios, que gostavam de usar a barba tão comprida a ponto de nela pisarem quando andavam. Isto era assunto que só dizia respeito a eles.

Também viviam em paz com os animais. Havia um bocado de animais interessantes na Ilha, bem como carneiros, vacas e cabras comuns. Pássaros gigantes, que haviam esquecido como voar e botavam ovos do tamanho de um tambor; brolacãs, que pareciam borbulhas de geléia, com olhos vermelho-escuros, e cavalos-marinheiros de crinas de seda, a galopar e bufar nas ondas.

Mas quem o povo da Ilha mais amava eram os fabricantes de névoa. Não se encontra destes animais adoráveis em nenhuma outra parte do mundo. São brancos e pequenos, de pelo macio em todo o corpo, parecem focas bebês, mas sem nadadeiras. Têm pernas curtas e pés grandes, como patas de cachorrinhos recém-nascidos. Os olhos pretos são enormes, úmidos; as narinas têm bigodes, são frias, e eles mancaram um tanto quando andam, porque mais se assemelham a pequenas almofadas e não gostam de se movimentar muito depressa.

Mas os fabricantes de névoa não são só adoráveis, são também muitíssimo importantes.

Porque, à medida que se passavam os anos, e os jornais que chegavam às praias ou os refugiados que atravessavam o gampi contavam histórias do Mundo Lá em Cima, os ilhéus ficavam cada vez mais determinados a serem deixados em paz. É claro que sabiam de algumas boas invenções modernas, como os cobertores elétricos, que mantêm as pessoas aquecidas na cama, ou o flúor, que não deixa os dentes se estragarem, mas de outras coisas não gostavam nada, como armas nucleares, arranha-céus, em que senhoras idosas sentiam calafrios por causa dos elevadores quebrados, ou galinhas em série sufocadas aos pares numa gaiola. Os ilhéus tinham pavor de serem descobertos por navios de passagem ou aviões voando baixo.

E é aí que entram os fabricantes de névoa. Essas criaturas sensíveis, imagine, simplesmente adoram música. Quando você toca música para um fabricante de névoa, ele arregala os olhos e solta a respiração, num grande suspiro:

– Ah... – suspira. – Ah... ah...

E cada vez que suspira, sai névoa de sua boca: névoa limpa, densa, branca, com cheiro de manhã e grama molhada. Centenas e centenas de fabricantes de névoa pululam por sobre a relva ou ao longo da costa da Ilha: isto significa um bocado de névoa.

Assim, quando se avista um navio ou mancha no céu que possa ser um avião, todas as crianças saem correndo da escola com flautas e cometas e se põem a tocar para os fabricantes de névoa... E os curiosos – que poderiam aterrar e invadir – vendo apenas nuvens de brancura, seguem caminho.

Embora exista tanta criatura incomum na Ilha, a família real é e sempre foi inteiramente humana. Era real no sentido certo –não era avarenta, não se cobria de jóias; mas era corajosa, justa. Via-se como servidora do povo, que é como todos os bons dirigentes deveriam se ver, mas muitas vezes não o fazem.

O rei e a rainha não viviam num palácio de ouro cheio de desconfortáveis tronos dourados, a prender os traseiros das pessoas que neles se sentam, nem se cercavam de criados, caídos pelos bancos, depois de atender Suas Majestades. Moravam numa casa branca baixa, numa baía de areia dourada, cheia de conchas – e sempre, dia ou noite, podiam ouvir o murmúrio e a batida das ondas e o sussurro suave do vento.

Os cômodos do palácio eram simples e frescos; as janelas mantidas abertas para os pássaros voarem para dentro e para fora. Cães inteligentes dormitavam no chão. Havia tigelas de frutas frescas e flores fragrantes sobre as mesas – e todo mundo que não tinha para onde ir – bruxinhos órfãos, focas com as nadadeiras feridas ou velhos magos em depressão – encontrava ali um santuário.

E no ano de 1983 – ano em que os norte-americanos puseram uma mulher no espaço –, a rainha, que era jovem, boa e bonita –teve um bebê. E é aqui que esta história começa, na verdade.

O bebê era menino, com tudo que um bebê deveria ter: olhos brilhantes, um tufo engraçado de cabelo, um botão de nariz e orelhas interessantes. Mais que isto. Antes de

completar um mês, o pequeno príncipe era capaz de assobiar. Não determinadas cantigas, mas um pio bonito, como de um pássaro novo.

A rainha estava absolutamente encantada com o filho, e o rei, tão feliz, que achava que ia explodir. Em toda a Ilha, as pessoas se alegravam, porque desde muito cedo se pode prever o que vai se tomar um bebê e se podia ver que o príncipe viria a ser exatamente o tipo de dirigente que queriam.

É claro, desde que a criança nasceu, filas de pessoas andavam pelo palácio querendo cuidar dele, ser babás: mulheres sábias queriam ensinar coisas, sereias queriam cantar, bruxos queriam mostrar seus estranhos truques. Tinha até uma sereia achando que era capaz de cuidar do bebê, mesmo que isto significasse andar pelo palácio dentro de uma banheira com rodas.

Agradecendo a todos da maneira mais educada possível, a rainha escolheu, porém, para o seu bebê, uma babá perfeitamente humana. Ou melhor, três seres humanos perfeitos: trigêmeas, que se chamavam Violeta, Lili e Rosa. Tinham vindo para a Ilha quando crianças, eram enfermeiras treinadas apropriadamente, que sabiam como trocar fraldas, proteger do vento e cozinhar verduras, e o fato de não serem capazes de magia alguma deixava a rainha aliviada, pois às vezes achava que já havia magia demais em sua vida. Ter trigêmeas lhe pareceu boa idéia, porque cuidar de bebê é coisa que continua noite e dia. Assim sempre haveria alguém de cabelo vermelho espetado, nariz grande e sardas a acalmar e embalar o príncipe, cantando. Ele não se assustaria com as mudanças porque, por mais notável que fosse, não conseguiria diferenciar Violeta de Lili e Lili de Rosa.

Então, as três enfermeiras chegaram e de fato cuidaram do príncipe da maneira mais dedicada. E tudo correu bem – por algum tempo. Quando o bebê estava com três meses de idade, porém, chegou o momento da Abertura do Gampi. E, depois disto, as coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas.

Antes da Abertura, sempre havia excitação. No cais, os marinheiros aprontavam o navio de três mastros para navegar até a Caverna Secreta; as pessoas que queriam deixar a Ilha preparavam suas malas e começavam suas despedidas, e o alojamento era preparado para aqueles que vinham do outro lado.

Foi então que a saudade começou a atacar Lili, Violeta e Rosa.

A saudade é uma coisa terrível. As crianças de internato às vezes se sentem como se fossem morrer de saudade. Não importa como é a casa delas – é delas –, e é isto que conta. Lili e Violeta amavam a Ilha e adoravam o príncipe, mas começaram a lembrar a vida que levavam quando crianças nas ruas pobres do norte de Londres.

– Lembra os salões de bingo? – perguntava Lili. – Aquela gritaria toda lá dentro quando alguém ganhava?

– E a noite de sábado no Odeon, com um saco de batatinha? – dizia Violeta.

– E a batida das frutas no liquidificador na sorveteria Paddy? – dizia Rosa.

E assim ficavam dias, quase esquecendo de como tinham sido infelizes quando meninas: importunadas na escola, sem jamais terem visto uma folha de relva limpa e surradas pelo pai. Tão infelizes que passaram a brincar na estação Encruzilhada dos



Reis, onde se encontravam quando a porta do gampi se abriu, e não puderam passar por ela com a necessária rapidez.

– Sei que não podemos ir Lá em Cima – disse Lili. – Temos o príncipe para tomar conta. Mas quem sabe Suas Majestades nos permitiriam pelo menos ir no navio, só dar uma olhada na velha terrinha?

Então perguntaram à rainha se podiam levar o príncipe bebê ao navio e esperar com ele na Caverna Secreta – e a rainha disse não. A idéia de se separar do bebê embrulhava seu estômago de tal modo que sentiu-se mal.

Foi porque se importava tanto, que começou a mudar de idéia. Estaria sendo uma daquelas horríveis mães melosas, que sufocam os filhos, em vez de deixá-los crescer livres, sem medo? Falou com o rei, desejando que ele proibisse o filho de ir, mas o rei disse:

– Bem, querida, na verdade, aventura é uma coisa boa, mesmo quando a pessoa é muito nova. Aventura entra no sangue, mesmo que a pessoa não se lembre dela. E você, sem dúvida, confia nas enfermeiras.

Confiava, é claro. E confiava nos marinheiros que tripulavam o navio... E o ar do mar, como todo mundo sabe, faz um bem danado aos pulmões...

Então concordou, embora tenha chorado um pouquinho no quarto. As enfermeiras levaram o bebê para bordo num cesto de palha trançada com coberta franjada de renda e o acomodaram para a viagem.

Um pouco antes de o navio sair, veio a rainha, correndo do palácio, o rosto branco como giz, dizendo:

– Não, não! Tragam-no de volta! Não quero que ele vá!

Mas era tarde demais quando alcançou o cais. O navio tinha virado um ponto na distância e apenas as gaiotas fizeram eco à sua voz trágica.

Dois

Dona Trottle era rica. Tão rica que possuía onze casacões de inverno, cinco colares de diamantes e tinha na banheira torneiras de ouro. Seu Trottle, o marido, era banqueiro e passava os dias emprestando dinheiro a pessoas que já tinham muito dinheiro, e recusando-se a emprestá-lo a pessoas necessitadas. A casa em que os Trottle moravam ficava na melhor parte de Londres, junto a um belo parque e não distante do palácio de Buckingham. Tinha um endereço comum, mas os comerciantes a chamavam de Torres Trottle, devido às grades pontudas que a circundavam, às estátuas no jardim e ao mastro de bandeira.

Embora Larina Trottle fosse perfeitamente forte e saudável e Landon Trottle se mantivesse em forma, tendo contratado um homem com quem lutar, na sua academia de ginástica particular os Trottle tinham nada menos que cinco criados para servi-los: mordomo, cozinheiro, motorista, empregada doméstica e jardineiro. Possuíam três carros e sete telefones celulares, sobre os quais seu Trottle às vezes se sentava por engano, uma cabana para as temporadas de caça na Escócia, onde ele ia atirar nos veados, e uma casa de praia no Sul da França, com telhado plano, sobre o qual dona Trottle se deitava sem nada em cima, para se bronzear – uma visão que não era agradável.

Mas uma coisa não tinham. Não tinham um bebê.

À medida que os anos passavam e o bebê não chegava, dona Trottle ia ficando cada vez mais zangada. Ficava olhando as pessoas que passavam empurrando carrinhos de bebê, bufava quando apareciam bebês na televisão, no seu tatibitati, anunciando fraldas. Até mesmo cachorrinhos e gatinhos recém-nascidos a aborreciam.

Então, depois de cerca de dez anos de casamento, resolveu adotar um bebê.

Antes, porém, foi procurar a mulher que tinha tomado conta dela quando pequena. Babá Brown estava envelhecendo. Era uma pessoa miúda, rabugenta, que mergulhava a dentadura falsa em aguardente e nunca ia para a cama sem olhar embaixo, para ver se tinha ladrão escondido. Mas sabia tudo o que era preciso saber sobre bebês.

– É melhor você vir comigo – disse dona Trottle. – E quero aquela minha boneca velha.

Babá Brown foi buscar a boneca, que era daquelas grandes, à moda antiga, com olhos que abrem e fecham e vestido de renda, braços e pernas frios, de porcelana chinesa.

E um belo dia, lá pelo final de junho, o motorista levou dona Trottle a um orfanato, no Norte da Inglaterra, e a seu lado, no Rolls Royce, ia sentada a Babá Brown, parecendo um velho pássaro mal-humorado, segurando no colo a boneca de louça.

Chegaram ao orfanato. Dona Trottle entrou.

– Vim escolher um bebê – disse. – Tanto pode ser menino como menina, mas precisa ser saudável, é claro, e não ter mais de três meses de idade. Além disto, preferiria que tivesse cabelo claro.

Matrona olhou para ela.

– Infelizmente não temos bebês para adoção – disse. – Tem lista de espera.

– *Lista de espera?*

O peito de dona Trottle inchou tanto que parecia que ia levantar vôo pelo espaço.

– Minha senhora! Sabe quem eu sou? Sou Larina Trottle! Meu marido é diretor do Trottle & Blatherspoon, o maior banco mercantil da cidade, e ganha quinhentas libras por ano de salário.

Matrona respondeu que ficava feliz com isto.

– Quem tiver a sorte de se tornar um Trottle será criado como príncipe – continuou dona Trottle. – E esta boneca que eu trouxe para o bebê é antigüidade de verdade, me ofereceram um dinheirão por ela. Esta boneca não tem preço!

Matrona concordou, estava certa de que dona Trottle tinha razão, mas não havia bebês para serem adotados, não ia repetir.

A viagem de volta a Londres não foi agradável. Dona Trottle falando com raiva, Babá Brown curvada no banco, com a boneca no colo, e o motorista dirigindo diretamente para o Sul.

Então, assim que entraram em Londres, o motor começou a fazer um barulho esquisito.

– Ah, não, isso é demais! – enraiveceu-se dona Trottle. – Eu não vou permitir que o carro quebre nestas ruas nojentas, horrorosas!

Encontravam-se perto da estação Encruzilhada dos Reis e eram onze horas da noite.

Mas o barulho no motor piorou.

– Infelizmente tenho de parar neste posto, madame – disse o motorista.

Pararam junto a uma das bombas de gasolina. O motorista saiu e foi procurar um mecânico.

Dona Trottle, no banco de trás, continuou esbravejando.

De repente calou-se. Num banco entre o posto e uma loja que vendia peixe e batata frita estava sentada uma mulher, sobre cujos cabelos vermelhos arrepiados e nariz comprido batia a luz do poste. Trajava uniforme de babá e a seu lado se encontrava um cesto de bebê... um cesto de vime lindamente trançado, cuja cobertura abrigava alguém, deitado.



O motorista voltou com um mecânico e pôs-se a acelerar o motor. Escapou fumaça do enorme carro em direção ao banco, onde a mulher de cabelo vermelho, sentada, segurava a alça do cesto. Sua cabeça balançava, com sono, mas ela se sacudia para se manter desperta.

O motorista acelerou mais forte ainda, e outra nuvem de gás venenoso rolou até o banco. A cabeça da enfermeira balançou de novo.

– Dê a boneca – ordenou Larina Trottle. E saiu do carro.

Durante oito dias, as enfermeiras esperaram no navio que desatracou da Caverna Secreta. Cantaram para o príncipe, embalaram-no e levantaram-no para que visse as aves marinhas e os rochedos da terra natal delas. Levaram-no à terra para patinhar na areia, juntar conchas e dar boas-vindas às pessoas que chegavam à boca da caverna, vindas do gampi.

A viagem através do gampi dura apenas um momento. Correntes de sucção e estranhas brisas são ali armazenadas durante nove longos anos e têm suas próprias leis, podendo se transformar em bolsas de vento, nas quais as pessoas entram e são levadas para cima ou para baixo num instante. É uma forma maravilhosa de viajar, mas pode ser estonteante para os que não estão acostumados, de modo que as enfermeiras trataram de ajudar a receber os recém-chegados ao navio.

Então, no nono dia, uma coisa diferente chegou através do túnel... e essa coisa era – um cheiro.

As enfermeiras se encontravam bem na entrada, no penedo, quando este chegou até elas. E quando sentiram o cheiro, seus olhos se encheram de lágrimas.

– Oh, Lili! – disse a pobre Violeta, com o nariz tremendo.

– Oh, Rosa! – disse a pobre Lili, que agarrou a irmã.

Era o cheiro da infância delas: cheiro de peixe e batata frita. Toda noite de sábado os pais mandavam buscar cinco pacotes, que elas traziam, quentes como cachorrinhos recém-nascidos, pelas ruas iluminadas.

– Lembra da massa, toda crespa e dourada? – perguntou Lili.

– E daquela brancura macia, quando você chegava no peixe? – disse Violeta.

– O modo como as batatas ficavam encharcadas quando você as mergulhava no vinagre? – disse Rosa.

E ali, em pé, acharam que iam morrer se não provassem pelo menos mais uma vez o sabor glorioso do peixe com batata frita.

– Não podemos ir – disse Lili, que era a cuidadosa. – Vocês sabem disto.

– Por que não? – perguntou Rosa. – Estaríamos lá em cima num minuto. Ainda faltam pelo menos umas duas horas para o Fechamento.

– Mas e o príncipe? Não podemos deixá-lo de jeito nenhum – disse Lili.

– Não, é claro que não podemos – disse Violeta. – Vamos levá-lo. Ele vai adorar andar numa bolsa de vento, não vai, meu bonequinho?



E, de fato, o príncipe sorriu, com ar de que nada pudesse lhe agradar mais.

Bem, resumindo uma longa história, as três irmãs encaminharam-se à boca da caverna, subiram numa bolsa de vento – e num tempo mínimo se viram na estação Encruzilhada dos Reis.

Cheiro é coisa estranha. Segue você quando não se está pensando nele. Mas quando você aguça o nariz, não está onde devia. As enfermeiras vagaram pelas ruas pobres e, na verdade, já desejavam não ter vindo. As calçadas estavam sujas, os carros que passavam jogavam lama nelas e o cinema Odeon, onde tinham visto filmes tão maravilhosos, fora transformado em pista de boliche.

Mas, de repente, lá estava ele outra vez: o cheiro, mais forte que nunca. E, de repente, ao lado de um posto Noite e Dia, viram a loja, explodindo de luz, com placa na vitrine, dizendo: FRITO NA HORA.

As enfermeiras correram para lá. Em seguida, pararam.

– Não podemos levar o príncipe para dentro de uma loja ordinária de peixe e fritas – disse Lili. – Não pegaria bem.

As outras concordaram. Algumas pessoas que aguardavam lá dentro tinham aparência bastante rude.

– Olhe, você espera ali no banco com o bebê – disse Rosa. Ela era meia hora mais velha que as outras, e muitas vezes tomava a iniciativa. – Violeta e eu entramos e compramos três pacotes. Estamos a apenas um par de ruas da estação; temos tempo suficiente.

Então, Lili sentou-se no banco e Rosa e Violeta entraram na fila, dentro da loja. É claro, quando chegaram ao balcão, o peixe tinha acabado – é sempre assim quando chega a nossa vez. Mas o homem foi buscar mais e não havia com que se preocuparem: tinham três quartos de hora até o Fechamento do gampi e estavam a apenas dez minutos a pé da estação.

Lili, esperando no banco, viu o grande Rolls Royce chegar ao posto... viu o motorista sair e uma mulher, com o cabelo desalinhado preso no alto, abrir a janela e deixar escapar uma enfiada de reclamações.

O motorista voltou em seguida e começou a acelerar...

– Oh, céus, estou me sentindo esquisita – pensou Lili, e segurou com força as alças do cesto. Sua cabeça caiu para a frente, e ela se sacudiu para manter-se acordada. Outra nuvem de fumaça veio em sua direção... e mais uma vez ela apagou.

Mas só por um instante. Quase na mesma hora voltou a si e tudo estava bem. O carro grande tinha ido embora, o cesto estava a seu lado e já as irmãs chegaram com três pacotes embrulhados em jornal. O cheiro era maravilhoso e aquele suor gorduroso lhe trouxe a imediata lembrança da face do Primeiro-Ministro.

Todas contentes, as enfermeiras percorreram apressadamente as ruas escuras, alcançaram a plataforma 13 e entraram no vestiário.

Só quando estavam a salvo no túnel é que desempacotaram o peixe e as fritas, que soltavam vapor.



– Vamos dar só uma batatinha para ele chupar? – sugeriu Violeta.

Mas Lili, que era a que criava caso, disse não, o príncipe só comia comida saudável, nada de muito sal ou fritura.

– Está dormindo tão profundamente – disse ela, amorosa. Debruçou-se sobre o berço, espiou debaixo da coberta...

desfez o lençol bordado, o xale de renda...

Então começou a berrar.

Em vez do bebê quentinho, vivo, respirando – ali estava deitada uma boneca fria, sem vida,

E a parede do vestiário masculino começava a se movimentar... movimentar... estava quase de volta à posição inicial.

Chorando, gritando, as enfermeiras tentaram segurá-la à unha.

Tarde demais. O gampi estava fechado, e poder algum na Terra seria capaz de reabri-lo antes do tempo esgotado. Mas no pequeno apartamento da Babá Brown, dona Trottle contemplava o bebê roubado com olhos triunfantes.

– Sabe o que vou fazer? – disse. Babá Brown fez que não com a cabeça.

– Vou embora daqui com o bebê imediatamente. Para a Suíça. Por um ano inteiro. Quando voltar, finjo que o tive lá. Que é meu, meu mesmo – não adotado, meu. Ninguém vai descobrir; é tão pequenino! Nem meu marido vai descobrir, se eu ficar longe; está tão ocupado com o banco que nem vai reparar.

Babá Brown olhou para ela, perplexa.

– Não vai conseguir fugir com ele, dona Larina. Nunca.

– Ah, vou, sim! Vou trazê-lo de volta como meu próprio filho. Não é, meu lindinho? Vou chamá-lo Raimundo. Raimundo Trottle. Não soa bem? Vai crescer como um pequeno príncipe, e ninguém vai ter pena ou zombar de mim, porque vão pensar que ele é mesmo meu. Mando embora todos os empregados e contrato novos, de modo que não possam inventar histórias, e quando eu voltar, será com o meu querido Raimundinho nos braços.

– Não pode fazer isso – disse Babá Brown, com obstinação. – É maldade.

– Posso sim. E você vai abrir mão do seu apartamento e vir comigo, porque não vou trocar fraldas. Se não vier, vou à polícia e digo que foi você quem roubou o bebê.

– A senhora não seria capaz de fazer isso! – disse Babá Brown.

Mas sabia perfeitamente que seria. Quando menina pequena, Larina Trottle jogou no tapete cinco peixes dourados vivos para vê-los se contorcerem até morrer, porque a mãe tinha mandado limpar o aquário. Era capaz de qualquer coisa.

Mas não foi só o medo que fez Babá Brown acompanhar dona Trottle à Suíça. Foi o bebê, com seu hálito de leite, os olhos grandes, que agora se abriam para olhar em volta, e o barulhinho engraçado de assobio que fazia. Ela não era uma mulher particularmente amável, mas adorava bebês e sabia que Larina Trottle tinha tanta



capacidade de tomar conta de um bebê recém-nascido quanto um macaco. Na verdade, muito menos capacidade, porque as macacas são excelentes mães. De modo que dona Trottle seguiu para a Suíça – e sobre a Ilha caiu uma espécie de escuridão. A rainha quase morreu de dor, o rei fazia seu trabalho como um homem que tivesse o dobro da sua idade. O povo ficou de luto, as sereias choravam nos rochedos e os estudantes fizeram um calendário gigantesco, que mostrava o número de dias que teriam de passar até o gampi reabrir e o príncipe poder ser trazido de volta.

Mas, de tudo isto, o menino chamado Raimundo Huntingdon Trottle nada sabia.

Três

Oti Gribble era uma bruxa.

Uma bruxa muito jovem, e um desapontamento para os pais. Os Gribble moravam no norte da Ilha e vinham de uma longa linhagem de mulheres assustadoras, monstruosas, que viviam agitadas, aos gritos, levando pesadelos às pessoas que tinham sido más ou fazendo sair lagartos das bocas de quem dissesse mentiras. A irmã mais velha de Oti tinha uma unha tão comprida que se podia cavar terra no jardim com ela; a menina seguinte tinha pêlos negros como cordas de piano saindo das orelhas; a terceira, pés raiados e por aí afora – até à sexta, que tinha dentes azuis e uma verruga do tamanho de um pires no queixo.

Depois vinha Oti.

Houve uma grande excitação antes dela nascer, porque dona Gribble tinha sido ela própria a sétima filha, e o novo bebê seria também o sétimo. Dizem que a sétima filha de uma sétima filha é mesmo muito especial.

Mas quando o bebê chegou, todos ficaram calados. Só uma prima da dona Gribble exclamou:

– Oh, querida!

As unhas do bebê eram curtas; não saía pêlo algum de seus ouvidos; os pés eram completamente normais.

– Parece um brotinho cor-de-rosa, nada mais – continuou a prima.

Então, dona Gribble decidiu não chamar a nova filha de Noctícula nem Valpurgina, e optou por Oti (de brotinho), esperando que melhorasse conforme crescesse.

E até certo ponto Oti, de fato, ficou um pouco mais parecida com bruxa. Tinha olhos diferentes: o esquerdo era verde, e o direito, castanho; e um dente azul – mas era molar, bem atrás, do tipo que você só vê quando está no dentista. Tinha também um calombo num dos pés, que poderia ser simplesmente o começo de um dedo extra, embora não muito grande.

Nada é pior que saber que você desapontou seus pais, mas Oti não dava a mínima. Era uma menina de vontade própria e muito independente, o queixo parecido com os desses lutadores que vivem em competições e longos cabelos pretos, que fechava como cortina quando não queria falar com ninguém. O que mais gostava era vagar à beira do mar, fazendo amizade com os fabricantes de névoa e apanhando os tesouros que encontrava.

Foi num desses passeios solitários que se deparou com a Caverna da Babá.

Era uma caverna grande, escura, com água pingando das paredes, e o barulho que vinha dela fazia o sangue de Oti gelar. Murmúrios horríveis, lamentos assustadores, soluços trêmulos... Parou para escutar e, depois de um tempo, ouviu palavras em meio aos lamentos. Parecia não ser uma voz a se lamentar, mas três.

– Oh! – escutou. – Oh, oh... Jamais me perdoarei, jamais!

– Jamais, jamais! – lamentava a segunda voz.

– Mereço morrer – gemia uma terceira.

Oti atravessou a baía de areia e entrou na caverna. Três mulheres se encontravam ali sentadas, trajando uniformes de enfermeira. Seus cabelos estavam emplastados de cinzas, as caras lambuzadas de lama. Lamentando-se, balançando-se, apanhavam num espeto pedaços de torradas completamente queimados num fogo abafado e os punham na boca.

– O que aconteceu? – perguntou Oti.

– O que aconteceu? – disse a primeira mulher. Oti viu que ela tinha cabelo ruivo, por baixo da cinza, e nariz comprido, sardento.

– O que ACONTECEU? – repetiu a segunda, que se parecia tanto com a primeira que Oti se deu conta de que devia ser sua irmã.

– Como pode não saber da nossa tristeza e da nossa culpa?

– falou a terceira, também tão parecida com as outras que Oti achou que deveriam ser trigêmeas.

Então Oti lembrou quem eram. Da tragédia que havia acontecido antes de ela nascer. Até hoje, porém, a Ilha estava de luto.

– Vocês são as enfermeiras que levaram o príncipe Lá em Cima e deixaram que fosse roubado?

– Somos – disse uma das mulheres. E voltou-se furiosamente para a irmã:

– A torrada ainda não queimou o suficiente, Lili. Vá queimá-la mais.

Oti, depois, ouviu a história da vida delas na caverna desde aquele dia horrível. Para se castigarem, só comiam comida queimada, mofada, ou tão velha que doía nos dentes, e jamais comiam nada de que gostassem, como banana. Nunca escovavam os dentes nem se lavavam, para as moscas andarem por suas roupas, mordendo-as. E, para dormir, sempre escolhiam as pedras mais pontudas, assim acordavam doloridas e machucadas.

– O que aconteceu com o príncipe depois que foi roubado?

– perguntou Oti. Estava muito mais interessada no bebê roubado que nos machucados e na comida horrível das enfermeiras.

Ficou com uma malvada chamada dona Trottle, que o levou para casa.

– Como sabe disso? – perguntou Oti. – A porta do gampi está fechada. (As bruxas só começam a freqüentar a escola aos oito anos, de modo que ela ainda tinha muito a aprender.)



– Têm aqueles que conseguem passar pelo gampi mesmo fechado, e eles nos disseram.

– Fantasmas, você quer dizer? Violeta fez que sim.

– Sinto o pé confortável. Preciso mergulhá-lo em água gelada, para os dedos ficarem azuis.

– O que ela fez com ele? Com o bebê?

– Fingiu que era filho dela. Agora mora com ela. Deu-lhe o nome de Raimundo Trottle.

– Raimundo Trottle? – repetiu Oti. O nome parecia improvável para um príncipe.

– E ele continua morando lá, indo à escola, coisa e tal? Não sabe quem ele é?

– Isso – disse Rosa, enfiando um pau no ouvido, para tirar sangue. – Mas daqui a dois anos, o gampi vai se abrir, e a equipe de resgate o trará de volta. Então, paramos de nos lamentar e comer torrada queimada, poderemos aquecer os pés, e o sol voltará a brilhar nos nossos rostos.

– E a rainha voltará a sorrir – disse Lili.

– Sim, a melhor parte: a rainha voltará a sorrir de verdade.

Oti fez o caminho de volta pela orla muito pensativa, cuidando para não pisar nos dedos dos pés dos fabricantes de névoa, deitados ao sol, na areia. O príncipe era apenas quatro meses mais velho que ela. Como será que ele estaria se sentindo, sendo Raimundo Trottle e morando no Centro de Londres? O que acharia quando descobrisse que não era quem pensava ser?

E quem seria escolhido para trazê-lo de volta? A equipe de resgate ficaria famosa; ficaria para a História.

– Gostaria de poder ir – pensou Oti, passando a língua no dente azul. – Eu gostaria de fazer parte do resgate.

Já se sentia como se conhecesse o príncipe e iria gostar de tê-lo como amigo.

De repente, parou. Tomou uma decisão.

– Eu vou – disse em voz alta. – Vou conseguir permissão para ir.

Daquele dia em diante, Oti transformou-se numa menina dotada de uma missão. Entrou para a escola no ano seguinte e se aplicou tanto que logo se transformou na primeira da classe. Corria, jogava bola para fortalecer os bíceps, estudava os mapas de Londres e tentava cuspir sapos. Um mês antes da abertura prevista do gampi, escreveu uma carta ao palácio.

Quando você batalhou muito por uma coisa, é quase impossível acreditar na possibilidade do fracasso. No entanto, ao anunciarem os nomes dos componentes da equipe de resgate, não constava entre eles o de Oti Gribble.

Foi o mais amargo desapontamento. Ela teria recebido melhor a notícia se as pessoas escolhidas fossem guerreiros poderosos, esplêndidos, capazes de ir até o gampi a cavalo, mas não eram. Um mago velho ofegante, uma fada meio boba e um

gigante de um olho só, que vivia nas montanhas, mexendo com cabras e fazendo queijo...

Quando, na Assembléia, a professora anunciou quem ia, justificou:

– Cornelius, o mago, foi escolhido porque é sábio. Gurkintrude, a fada, foi escolhida porque é boa. E o gigante Hans foi escolhido porque é forte.

É claro, sendo a professora–chefe, teve depois de dizer às crianças que, se quisessem realizar grandes feitos quando fossem mais velhas, não poderiam esquecer: que fossem sábias, boas e fortes. E poderiam começar fazendo o dever de casa em tempo e mantendo a sala de aula em ordem.

Quando você é bruxa, é importante não chorar, mas Oti, naquela noite, sentada numa pedra, envolvida no cabelo, sentia-se profunda e seriamente ferida.

– Sou sábia – dizia a si mesma. – Fui de novo a primeira em álgebra. E sou forte: lancei uma bola através da baía da Ancoragem. Quanto a ser boa, não vejo razão para isto, não no caso de uma missão que pode ser perigosa.

No entanto, um secretário tinha respondido à sua carta ao rei e à rainha, dizendo que achava a srta. Gribble nova demais. Sozinha à beira do mar, Oti Gribble cerrou os dentes.

Mas havia uma outra razão por que essas três pessoas tinham sido escolhidas. O rei e a rainha queriam que o filho fosse trazido de volta tranquilamente. Não queriam pôr em cena um monte de criaturas estranhas e mágicas na cidade de Londres – criaturas que fariam truques sensacionais e seriam notadas. Detestavam a idéia de equipes de televisão entusiasmadas e jornalistas escrevendo artigos a respeito de um Continente Perdido, que queriam que assim permanecesse, e estavam determinados a proteger o filho do tipo de confusão que acontecia Lá em Cima quando algo incomum ocorria.

De modo que escolheram uma equipe de salvamento capaz de fazer mágica, caso isto fosse absolutamente necessário, mas que poderia também passar por humana – bem, mais ou menos. É claro, se alguma coisa desse errado, eles tinham hordas de criaturas poderosas de reserva: harpias com garras espantosas, cães negros que ladravam e uivavam em cima dos telhados, monstros com olhos descorados, achatados, que podiam se disfarçar de pedras... Todos eles poderiam ser mandados através do túnel se os Trottle resolvessem endurecer, mas ninguém esperava por isso. Os Trottle haviam feito uma coisa horrível; com certeza estariam arrependidos e devolveriam a criança de boa vontade.

Naquele momento, diante dos salvadores, no salão do palácio – prontos para receberem instruções, o rei e a rainha sentiam-se angustiados. Cornelius era o mago mais poderoso da Ilha; um homem tão letrado, capaz de dividir vinte e três mil, setecentos e quarenta e um por seis e três quartos no tempo que um gato levaria para espirrar. Era capaz de mudar o tempo e tirar fogo de uma rocha. E o mais importante: fora professor universitário e vivera Lá em Cima, de modo que conseguiria parecer humano sem nenhum problema. Bem, ele era humano.

Mas não haviam se dado conta do quanto estava velho. Lá na cabana, nas montanhas, a pessoa não notava muito, mas debaixo da luz forte que vinha do mar, as manchas do fígado na cabeça careca apareciam bastante, assim como as faixas amareladas na longa barba branca. O pescoço de Cor se dobrava, como se segurar aquela cabeça com o cérebro cheio fosse demais, e era possível ouvir seus ossos se partindo como madeira velha toda vez que se movimentava. Além disto, estava muito surdo.

Mas quando sugeriram que poderia sentir demais a viagem, ficou profundamente ofendido:

– Trazer o príncipe de volta será a glória que coroará minha vida – ele disse.

– E estarei lá para ajudá-lo – prometeu Gurkintrude, olhando para o velho com olhos azuis suaves.

– Sei que estará, querida – disse a rainha, sorrindo para sua fada favorita. E, de fato, Gurkintrude já havia feito nascer uma pequena mecha de cabelo na cabeça do mago, para mantê-lo aquecido durante a viagem. É verdade, mais parecia grama, porque a fada era uma espécie de deusa do crescimento, uma espécie de fada da agricultura, mas o mago ficou muito satisfeito.

Se a rainha não podia buscar pessoalmente o filho (e os Conselheiros Reais a tinham proibido de fazê-lo), não havia ninguém melhor para mandar senão essa generosa e amorosa fada. As flores brotavam da terra para Gurkie, as árvores faziam surgir folhas. Gurkie também jamais esquecia as verduras. Era devido a coisas assim, ricas, exuberantes, como seiva, abóbora – e em particular aqueles deliciosos pepinos minúsculos, que têm um gosto maravilhoso em conserva –, que seu nome (que havia sido Gertrudes) gradualmente mudou para o que era.

E Gurkintrude também se sentia em casa em Londres, porque a mãe havia sido professora de ginástica numa escola de meninas, andava de short cinza gritando “Boa jogada!”, “Excelente!” antes de vir para a Ilha. Gurkie adorava a mãe, e às vezes conversava com suas plantas como se fossem meninas do colégio Santa Inês, gritando “Bom crescimento!” para as framboesas ou dizendo a uma árvore bojuda: “Puxe as meias e jogue.”

O terceiro salvador estava deitado atrás de um biombo, sendo examinado pelo médico. Hans era um ogro – um gigante de um olho só –, uma pessoa de grande bondade e simplicidade, que morava nas montanhas, tratando de cabras, juntando penas para o chapéu alpino e cantarolando.

Para um gigante, não era muito grande, mas uma pessoa maior não passaria pela porta do vestiário masculino. Mesmo assim, um metro mais alto que uma pessoa comum seria notado, de modo que ficou decidido torná-lo invisível durante a viagem.

Isso não era problema. As sementes de samambaia, como todo mundo sabe, tornam as pessoas instantaneamente invisíveis, só que algumas pessoas não podem usá-las na pele. Aquilo dá bolotas e caroços, ou alergia, e foi para testar a pele do ogro que o médico o levou para trás do biombo. Naquele momento, este vinha saindo, encurvado, carregando a valise preta.



– Está tudo bem, Suas Majestades – disse ele. – Não haverá efeito nocivo algum.

Hans o seguia, timidamente. O ogro sempre usava short de couro com suspensórios bordados e, no lugar da imensa coxa cor-de-rosa, via-se uma mancha de puro nada.

Mas Hans tinha um ar um tanto preocupado.

– Meu olho – disse. – Não quero semente no olho. (Falava em frases curtas e com sotaque estrangeiro, porque seu povo há muito tempo tinha vindo através de um gampi nos Alpes austríacos).

Todo mundo entendeu aquilo. Se você só tem um olho, é coisa da maior importância.

– Acho que ninguém vai notar um único olho flutuando tão alto no ar – disse o conselheiro-chefe. – E, se notarem, sempre pode fechá-lo.

Então, ficou assim estabelecido, e o secretário do palácio entregou a Cornelius um mapa do metrô de Londres e uma mala cheia de dinheiro. Sempre havia muito dinheiro, porque as pessoas que vinham através do gampi o traziam para o tesouro, não havendo uso para dinheiro na Ilha. O rei, então, deu as ordens:

– Já sabem que não se deverá usar magia diretamente sobre o príncipe – disse ele, e a equipe de resgate concordou. O rei e a rainha gostavam de governar um lugar onde coisas incomuns aconteciam, mas eles próprios eram completamente humanos e só conseguiam tocar o barco se mantivessem a magia estritamente fora de suas vidas particulares. – Quanto ao resto, acho que entenderam o que têm de fazer. Encaminhem-se tranquilamente à casa dos Trottle e encontrem o suposto Raimundo. Se estiver pronto para vir logo, voltem imediatamente pelo túnel, mas se ele precisar de tempo...

– Como? – gritou a rainha. – Como poderia precisar de tempo?

A idéia de que seu filho pudesse não querer vir de uma vez feriu-a tanto que teve de conter a respiração.

– Entretanto, minha querida, tudo isso pode ser um choque para ele. Se for esse o caso... – voltou-se para os salvadores –, vocês têm um dia ou dois para fazê-lo acostumar-se com a idéia. Mas façam o que fizerem, não demorem mais que...

Foi interrompido por uma batida na porta, e um criado do palácio entrou.

– Com licença, Suas Majestades, mas tem uma pessoa esperando no portão. Está lá faz horas, e mesmo eu explicando que estão ocupados, ela simplesmente não vai embora.

– Quem é? – perguntou a rainha.

– Uma menininha, Sua Majestade. Está com uma mala cheia de sanduíches e um livro e diz que esperará a noite toda se for necessário.

O rei franziu a testa.

– É melhor mandá-las entrar – disse ele.



Oti entrou e fez uma reverência. Parecia séria e determinada, e carregava uma maleta com as palavras OTI GRIBBLE – BRUXA pintadas na lombada.

A rainha sorriu – um sorriso quase de verdade, agora que iria ver seu filho.

– Você não é a filha mais nova da dona Gribble? – disse ela com sua voz suave.

–Sou.

– E o que podemos fazer por você, minha querida? Suas irmãs estão bem, espero.

Oti fechou a cara. As irmãs estavam muito bem, se exibindo, soltando gritinhos, se batendo, cavando o jardim com as unhas compridas e, de modo geral, fazendo-a sentir-se mal. Mas não era o momento de falar nos próprios problemas.

– Quero que os senhores me deixem ir com a equipe de resgate para buscar o príncipe – disse Oti. – Escrevi uma carta sobre o assunto.

O secretário do rei deu um passo à frente e disse que a srta. Gribble de fato oferecera seus préstimos, mas ele tinha achado que a juventude a tomava inadequada.

O rei concordou, e a rainha disse com delicadeza:

– Você é muito jovem, minha querida; você mesma tem de entender isto.

– Tenho a mesma idade que o príncipe – disse Oti. – Quase. E acho que para ele seria bom alguém jovem.

– A equipe já foi escolhida – disse o rei.

– Eu sei. Mas não ocupo muito espaço. Acho que sei como ele vai se sentir. Raimundo Trottle, quero dizer.

– Como? – perguntou a rainha, ansiosa.

– Bem, um tanto confuso. Quero dizer, ele acha que é um Trottle, e que dona Trottle é a mãe dele e...

– Mas não é! Não é! É uma ladra! Uma malvada!

– Isto é verdade – disse Oti. – Mas se ele é um príncipe real, vai ser difícil ele odiar a mãe e... – Ela parou de falar e não quis dizer mais nada.

– A viagem pode ser perigosa... – disse a rainha.

Oti cresceu, embora não fosse muito alta. Seu olho verde cintilava, e o marrom olhava.

– Sou bruxa – disse, arrogantemente. – Sou Oti do Dente. –Deu um passo à frente e abriu bem a boca, e a rainha de fato pôde ver um brilho azul lá atrás. – Trevas e Perigo são como comida e bebida para as bruxas.

O rei e a rainha sabiam que aquilo era verdadeiro, mas era absurdo mandar uma menina como aquela, tão pequena. Estava fora de questão.

– Às vezes cuspo sapos – disse Oti, corando em seguida, porque não era verdade. Uma vez cuspira alguma coisa que achou que poderia ser um sapinho, mas não era.

– Por que quer ir? – perguntou o rei.

– Só quero ir – disse Oti. – Quero tanto, que acho que deve ter um sentido.



“Fez-se um longo silêncio. Então, a rainha disse:

– Oti, se lhe fosse permitido ir, o que você diria ao príncipe da primeira vez que o visse?

– Não diria nada – disse Oti. – Levaria um presente para ele.

– Que tipo de presente? – perguntou o rei. Oti disse a ele.

Quatro

– Bem, é isso! – disse Ernie Hobbs, passando pelo setor de achados e perdidos, forrado de madeira, a flutuar, e pousando numa antiga mala de correio. – É hoje o dia!

Era um fantasma magro, de bigodes caídos, triste, ainda trajando o uniforme de carregador de quando trabalhava na estação. Ernie odiava os novos carrinhos para bagagem, moda recente, que tiravam o pão das bocas dos homens honestos que costumavam carregar as malas das pessoas. Também carregava a tristeza de saber que, depois que morreu, a mulher casou-se outra vez. Quando foi assombrar sua antiga casa, viu um homem chamado Albert Fisher sentado na velha cadeira de Ernie, de guardanapo amarrado no pescoço nojento, comendo salsichas com purê preparados pela esposa de Ernie.

Mesmo assim, Ernie era herói. Foi quem viu dona Trottle levar o príncipe-bebê da loja de peixe. Deslizou atrás do Rolls Royce para tentar impedir o roubo. Como não deu certo, saiu flutuando bravamente através do gampi (apesar de os túneis de vento fazerem coisas horríveis com a substância de que os fantasmas são feitos) e levou a horrível notícia para os marinheiros que esperavam na Caverna.

Desde então, durante nove longos anos, Ernie e os outros fantasmas da estação fizeram guarda na casa dos Trottle. Agora, esperavam a equipe de resgate para lhes dar boas-vindas e mostrar o caminho.

– Você vai dizer alguma coisa? – perguntou dona Partridge.

– Sobre... você sabe... Raimundo.

Ela era um fantasma mais velho que Ernie. Ainda se lembrava da guerra, de como todo mundo havia sido tão amigo, os soldados lotando a estação, sempre dispostos a um papo. Ser um espectro lhe convinha; quando viva, tinha pernas horríveis –inchadas e feridas de esfregar chão o dia inteiro. Adorava sentir-se livre e leve como o ar. Ernie balançou a cabeça.

– Nem pense nisso – disse ele. – Não adianta aborrecê-los. Logo vão descobrir.

Dona Partridge concordou. Nunca achou que valesse a pena criar caso. Uma fantasma muito pálida, frágil, chamada Miriam Hughes–Hughes também concordou. Tinha sido uma mulher que pedia desculpas – uma daquelas pessoas cuja voz vinha pelo alto-falante o dia todo pedindo “desculpas” aos viajantes pelo atraso dos trens. Ninguém pode fazer isto por muito tempo e permanecer saudável, e ela morreu bastante jovem, de tristeza e pneumonia.

Eram um bando íntimo os fantasmas que assombravam a plataforma treze. Os Fantasmas do Gampi, como chamavam a si mesmos, e não se davam muito com forasteiros. Havia o fantasma de um fiscal de trem, chamado Brian, que tinha se metido



entre as molas e o 9.15 de Peterborough, e o fantasma de uma velha senhora que tinha perdido o guarda-chuva e ainda rondava o setor de achados e perdidos a procurá-lo... E havia outros, assombrando timidamente várias partes da estação, sem querer se mostrar, mas prontos para dar uma mão, se fosse necessário.

Os ponteiros do grande relógio se moveram lentamente para diante. Não o relógio da plataforma treze, que estava coberto de teias de aranhas mas o principal. Onze e meia... onze e quarenta e cinco... meia-noite...

Então, aconteceu! A parede do vestiário masculino moveu-se devagar, devagar, para um lado. Um buraco apareceu... um buraco profundo, escuro... e dele saíram espirais de névoa e, muito leve, o cheiro do mar...

Dona Partridge agarrou o braço de Ernie.

– Oh, estou tão excitada! – disse.

E de fato era excitante; era assustador. O buraco escuro, a névoa em espiral... e, de repente, do, buraco surgiram... vultos. Três... e pairando bem acima deles, um olho azul límpido.

– Bem-vindos! – disse Ernie Hobbs. E curvou-se. As mulheres cumprimentaram.

E os salvadores deram um passo à frente e entraram na luz.

Deve-se dizer que os fantasmas ficaram surpresos. Sabiam que o príncipe devia ser trazido de volta sem confusão, mas esperaram... bem... algo mais vigoroso.

É claro, viam que o velho cavalheiro que cambaleava em direção a eles era mago. Tinha um rosto muito sábio e parecia haver signos astrológicos no manto comprido e escuro. Quando olharam, porém, com mais cuidado, eram pedaços muito velhos de espagete com molho de tomates! O aparelho de audição do mago, em forma de cometa, que usava numa corda em torno do pescoço, tinha de tal modo se enrolado no cordão que segurava os óculos, que parecia que ele poderia morrer estrangulado antes mesmo de dar início à sua missão, e embora se pudesse ver um ponto no ombro dele, onde uma águia poderosa num momento passado devia ter pousado, esta, definitivamente, já não se encontrava ali. No entanto, quando o mago veio à frente para os apertos de mão, os fantasmas ficaram impressionados. Apertar a mão de um fantasma é coisa que importa, porque, é claro, você não sente nada, e alguém que não seja um verdadeiro cavalheiro é capaz de simplesmente abanar a mão no ar e fazer o fantasma se sentir realmente diminuído.

– Sou Cornelius, o Poderoso – disse Cor –, e trago os agradecimentos de Suas Majestades por sua guarda do gampi.

Então, apresentou Gurkintrude.

A fada usava um grande chapéu decorado com flores, mas também com uma única beterraba. Uma beterraba viva – Gurkie jamais usaria nada que estivesse morto –, e levava um cesto de palha cheio de coisas importantes para jardinagem: um regador, algumas sacolas de papel pardo, um rolo de corda... Os fantasmas sabiam tudo a respeito dessas mulheres curadoras, que viviam melhorando a vida das pessoas, e tinham visto fadas madrinhas no teatro de bonecos, mas dona Partridge preocupou-se um pouco por causa do chapéu. A beterraba combinava com Gurkie – ia bem com seu



rosto bom, cor-de-rosa – mas, é claro, em Londres, não se usa muito legume no chapéu.

Mas foi a terceira pessoa quem mais particularmente intrigou os Fantasmas do Gampi. Por que os reis da Ilha tinham mandado uma menina pequena?

O cabelo preto grosso de Oti tinha sido dividido em dois rabos-de-cavalo, e ela estava usando uma saia de ginástica pregueada e um blazer com “Não deixe a peteca cair” bordado no bolso. O uniforme era a cópia exata do que as meninas do Santa Inês usavam na fotografia que a mãe de Gurkie tinha sobre a lareira, mas isto os fantasmas não sabiam – também não compreendiam por que a mala que ela agarrava, segurando à frente, como uma bandeja de chá, estava toda furada.

Felizmente, o Olho, pelo menos, pertencia ao tipo de salvador que esperavam. Porque eles próprios muitas vezes ficavam invisíveis, os fantasmas eram capazes de imaginar a forma do ogro, mesmo estando coberta por sementes de samambaia. Conseguiram ver seus músculos enormes, cada um do tamanho de um carneiro novo, e os punhos de marreta, e acharam, apesar dos suspensórios bordados, que ele se sairia muito bem como guarda-costas.

Cornelius, então, explicou que estavam disfarçados, como uma família humana comum.

– Eu sou professor universitário aposentado; Gurkintrude é minha sobrinha, que trabalha para o Ministério da Agricultura, e Oti, afilhada dela, a caminho do internato.

Quanto ao ogro, Cornelius explicou a eles que iria ficar invisível, fechando o olho quando necessário, sem, porém, esperava-se, tropeçar nas coisas.

– E o nosso menino? – perguntou então Gurkintrude, ansiosamente. – Raimundinho. Ele está bem?

Fez-se silêncio. Ernie e dona Partridge olharam um para o outro. O fantasma da mulher que pedia desculpas olhou para o chão.

– Está muito bem – disse Ernie.

– Vendo tudo cor-de-rosa – acrescentou dona Partridge.

– E não sabe de nada?

– Nada – admitiu Ernie.

Neste momento os salvadores se deram conta de que havia muito pouco movimento ao redor do vestiário masculino, e isto não era comum. Da última vez que o gampi se abriu, desceu uma fila de gente: três espíritos cujas árvores tinham apanhado a Doença do Olmo Holandês, ninfas aquáticas cujos lagos tinham secado, e gente simples, comum, de saco cheio da poluição e do barulho. Mas quando apontaram isto a Ernie, ele disse:

– Talvez venham mais tarde. Ainda têm nove dias.

Na verdade, não achava que viriam mais tarde. Achava que nem viriam, e sabia por quê.



– Vamos mergulhar nas entranhas da terra – disse Cornelius, que queria pôr-se a caminho.

Mas o metrô havia parado de funcionar, assim como os ônibus.

– Eu não aconselharia acordar Raimundo Trottle no meio da noite – disse Ernie. – De modo algum.

Então ficou decidido que iriam a pé às Torres Trottle e descansariam no parque até de manhã. Havia um pequeno coreto escondido entre os arbustos, perto da porta dos fundos de Raimundo, num lugar onde ninguém os encontraria. O único problema era o mago, que mancava demais para andar muito, coisa que o gigante resolveu, dizendo:

– Levo-o nas costas.

Parecia boa idéia. É claro, teriam de ter cuidado com as pessoas, que ficariam surpresas de ver um velho sentado no meio do ar, mas como os fantasmas vinham junto, para mostrar o caminho, isto não seria difícil.

Oti havia entrado outra vez no vestiário para fazer alguma coisa com a mala. Ouvia-se o som da água de uma torneira aberta, e a voz dela, falando com alguém. Agora, andando atrás dos outros, batia os pés pela plataforma. Ernie a olhou mais de perto. Os olhos desiguais, as sobranceiras negras espessas que se encontravam no meio... um brilho azul quando ela bocejava.

Então não era simplesmente uma menina pequena, mas uma bruxa. Bem, dava para se virar com uma bruxinha daquelas diante do que lhes estava reservado, pensou Ernie Hobbs.

– Nossa! Não é ótima? – disse Gurkintrude, olhando a casa, que na Ilha era tão famosa quanto o palácio de Buckingham ou o castelo onde o rei Artur tinha morado com seus cavaleiros.

Gurkie tinha razão. As Torres Trottle eram grandiosas. Três andares elevados com enfeites volteados, janelas em arco, torreões no telhado. A fachada da casa se separava da rua por um jardim de pedras com alamedas de cascalho e um alto portão pontudo. Nas grades, cartazes diziam: PROIBIDA A ENTRADA DE VENDEDORES e TERMINANTEMENTE PROIBIDO ESTACIONAR. Sobre os tijolos, três alarmes contra roubo pareciam furúnculos amarelos.

A parte de trás da casa dava para o parque, e era dali que chegava a equipe de resgate. Os fantasmas haviam voltado para o gampi. Rompia a aurora. Mas dentro da casa tudo estava silencioso e escuro.

De repente, enquanto estavam ali de pé olhando, uma luz se acendeu embaixo, no porão. O quarto, com janelas de grade, quase não tinha mobília, de modo que puderam ver quem estava lá dentro com tanta nitidez como num palco.

Um menino.

Um menino de cabelo claro e rosto amigável, inteligente. Vestia jeans e suéter – e trabalhava. Numa mesa baixa se encontrava uma fileira de sapatos – sapatos de todos os formatos e tamanhos: botas e sandálias de mulher, de salto alto, e sapatos de



amarrar, de homem – e o menino os limpava. Não só passava uma flanela, mas usava polidor, com vontade – e enquanto trabalhava, assobiava. Conseguiram ouvi-lo através da fresta aberta no alto da janela.

Os salvadores voltaram-se uns para os outros e sorriram, pois via-se que tinham ensinado o príncipe a trabalhar; não o estavam educando com mimos, egoísta, como temiam. Alguma coisa no modo de os fantasmas falarem de Raimundo Trottle os tinha preocupado, mas o rosto alerta do menino, a maneira disposta como polia sapatos de outras pessoas era sinal da melhor criação possível. Era um príncipe que saberia como servir aos outros, assim como seus pais.

O menino terminou de engraxar os sapatos e levou-os para fora. Uma segunda luz se acendeu e o viram entrar numa copa, encher de água uma chaleira e colocar pires e xícaras numa bandeja. Também esta tarefa desempenhou bem, com agilidade. Oti suspirou: era surpreendente como estava certa a respeito do príncipe; ele era exatamente o tipo de pessoa que queria ter como amigo, e se agarrou ainda mais à mala, feliz por ter trazido o melhor presente que um menino poderia ganhar.

A luz da copa se apagou e uma luz apareceu entre um par de cortinas que o menino, então, puxou. Nisto, puderam ver seu rosto voltado para eles: cabelo liso, claro, no nível das sobrancelhas, os olhos separados e o queixo pontudo. Ele foi, então, até à cama, pôs a bandeja ao lado de uma senhora de ar robusto, que não pareceu agradecer por nada, mas só fez pegar a xícara.

– Deve ser dona Trottle – sussurrou Gurkintrude. – Não parece muito amorosa.

As tarefas do menino não acabaram ali. De volta à copa, apanhou um rodo com pano e um balde e pôs-se a limpar o chão. Não estaria trabalhando um pouco demais para uma criança que ainda nem tinha tomado o café da manhã? Ou seria um esquema de treinamento? Cavaleiros freqüentemente viviam desta maneira antes de uma justa ou torneio, e escoteiros também.

Mas nada tinha importância, a não ser que o príncipe era tudo o que um menino deveria ser, e que o dia em que o levassem de volta à sua casa de verdade seria o mais alegre que a Ilha jamais conheceria.

– Não podemos ir lá dentro e dizer a ele que estamos aqui? – perguntou Oti.

Não houve necessidade. O menino saiu pela porta dos fundos carregando um saco plástico cheio de lixo, que colocou num latão. Então ergueu a cabeça e os viu. Por um instante manteve-se totalmente imóvel, ainda com uma expressão de espanto no rosto, e era quase como se estivesse ouvindo uma música distante, conhecida. Então subiu correndo os degraus do porão, e abriu o portão.

– Pois não? – disse. – Estão procurando alguém?

Cor, o sábio, deu um passo adiante. Queria saudar o príncipe com seu verdadeiro nome, curvar a cabeça diante dele, mas sabia que não podia assustá-lo, e tentou falar com voz normal (embora estivesse muito emocionado):

– Sim, tem uma pessoa com quem queremos falar. Você.

O menino ficou sem respiração. Olhou a cara redonda, boa, de Gurkie, a mecha de grama na cabeça do mago, e Oti, que tinha ficado tímida e arrastava os sapatos no



chão. Depois soltou um suspiro, como se um peso tivesse sido tirado de cima dele, e disse:

– É verdade? É mesmo comigo que querem falar?

– É sim, meu querido – disse Gurkintrude, e o abraçou. Estava muito magro. Por que dona Trottle não mandava cortar o cabelo dele? Estava incomodando, caindo por cima dos olhos.

As palavras seguintes do menino os surpreenderam:

– Gostaria de poder convidá-los para entrar, mas não me é permitido receber visitas – disse ele, e dava para ver como se importava com o fato de não poder chamá-los para a sua casa. – Mas ali, debaixo do carvalho, tem um banco onde podem descansar, e eu poderia trazer-lhes algo de beber. Ainda não tem ninguém acordado, não iriam notar.

– Não queremos nada – disse Cor. – Mas vamos nos sentar. Temos muito o que lhe dizer.

Voltaram para o parque. O menino tirou um lenço e limpou as folhas das tiras de madeira do banco. Era como se os estivesse convidando a sentar no seu banco, embora não pudesse convidá-los para a casa. E ele nem se sentou, ficou de pé, diante deles, respondendo em voz normal às perguntas que faziam.

– Você sempre morou nas Torres Trottle? – perguntou Cor.

– Sempre. – Seu rosto foi por um instante tomado por uma sombra, como se olhasse em retrospectiva, para a infância, longe de feliz.

– E aprendeu a trabalhar, como vimos. E a escola?

– Oh, sim, vou à escola. Fica do outro lado do parque, num outro bairro de Londres.

Muito diferente, pensou. Swalebottle Júnior ficava numa rua turbulenta, pobre, num prédio cheio de rachaduras, os professores muitas vezes cansados, mas era um lugar bom de se estar. Ele se aborrecia nos feriados, não nos dias de aula.

O ogro tinha conseguido segui-los até o banco, de olho fechado, mas a voz do príncipe o agradou tanto que ele o abriu. Cor fechou a cara para ele, Gurkie balançou a cabeça – tinham sido tão cuidadosos, com o fim de não assustar o príncipe – e ogros invisíveis não são coisa comum, não há o que se possa fazer... Mas o menino não parecia nada incomodado com o único olho azul flutuando meio tronco de árvore acima.

– Ele... ou ela... não quero me intrometer... Mas é amigo de vocês?

Hans foi apresentado, e os visitantes se certificaram de que o príncipe não se incomodava nem um pouco com magia; era como se carregasse as tradições da Ilha no sangue, mesmo sem ter vivido lá desde os três meses de idade. Era hora de se revelarem e levá-lo de volta.

– Aquela era dona Trottle, a quem você levou a xícara de chá? – perguntou Cor. – Porque temos uma coisa a dizer a ela.



O menino sorriu.

– Oh, Deus! Não – disse ele. – Dona Trottle mora lá em cima. Aquela é a cozinheira.

Cor fez cara feia. Era homem da antiga, e um tanto esnobe, não achou nada correto um príncipe levar chá para a cozinheira, de manhã.

Mas Oti estava cansada de tanto papo.

– Trouxe uma coisa para você – disse, com sua vozinha abrupta, rouca. – Um presente, uma coisa legal.

Pôs a mala no chão, sobre a grama. As palavras OTI GRIBBLE – BRUXA haviam sido apagadas. Em seu lugar, escrevera ESTE LADO PARA CIMA – VIRE-A COM CUIDADO.

O menino se acorou junto dela. Conseguiu ouvir o presente “respirando” pelos buracos. Algo vivo, pensou, e seus olhos brilharam.

Foi neste instante que, no primeiro andar das Torres Trottle, alguém começou a berrar.

Todos estavam acostumados ao som de gritos. As irmãs de Oti praticamente nunca paravam de gritar, fadas uivavam pelas árvores da Ilha, harpias berravam, e o barulho das focas chamando as companheiras às vezes parecia fazer as vigas tremerem. Mas aquele grito não era desta espécie. Não era o grito saudável de alguém fazendo o que tinha de fazer; mas um grito do tipo lastimoso, de autopiedade, de chantagem. Oti tomou a prender o cadeado da mala apressadamente; Gurkintrude abraçou o príncipe, e o Olho elevou-se nos ares conforme Hans se levantou.

– O que é, querido? – perguntou Gurkie, pondo a mão livre na cabeça, como se para proteger a beterraba do horrível ruído.

– É alguém que está sendo operado? – perguntou Cornelius. – Pensei que vocês tivessem anestesia.

O menino sacudiu a cabeça.

– Não – disse. – Não é nada disso. É Raimundo. Pesou um terrível silêncio.

– O que quer dizer com “é Raimundo”? – perguntou Cor, quando foi capaz de voltar à fala. – Você, sem dúvida, é Raimundo Trottle, o suposto filho de seu Trottle e dona Trottle?

O menino sacudiu a cabeça outra vez.

– Oh, não, meu Deus. Não sou ninguém! Sou apenas o menino da cozinha. Meu nome é Ben.

Enquanto falava, Ben foi se afastando e deu as costas aos visitantes. Era o fim, então. Não era ele que tinham vindo ver. Tinha sido um idiota. Quando os viu lá, sentiu uma familiaridade... como se, afinal, os anos de trabalho penoso tivessem terminado. Era como aquele sonho que às vezes tinha – o sonho com o mar, a grama verde, macia, alguém cujo rosto não conseguia ver com clareza, mas que ele sabia que o queria.

Só que os sonhos são uma coisa de que você acorda, e ele deveria ter imaginado que não era com ele, mas com Raimundo, que os visitantes queriam falar. Tudo sempre pertenceu a Raimundo. A vida toda tinha se acostumado a ver Raimundo morando lá em cima, com tudo o que queria, e pais para amá-lo loucamente. Raimundo tinha armários cheios de brinquedos que jamais sequer olhava. Não sabia o que fazer com tanta roupa que tinha; era levado à escola esnobe num Rolls Royce, e só para arrancar o papel dos presentes de Natal Raimundo levava horas.

Até aqui Ben não tinha se importado, habituado a viver com os empregados, acostumado a dormir num cubículo sem janelas e a trabalhar pela sobrevivência. Não era possível invejar Raimundo, sempre querendo alguma coisa e repetindo:

– Que tédio!

Mas agora era diferente. O fato de aquelas criaturas estranhas, misteriosas, pertencerem a Raimundo, e não a ele, quase ultrapassou o limite do suportável.

– Tem certeza de que não está sendo torturado? – perguntou Cor, conforme os gritos continuaram.

– Tenho. Ele sempre faz isso.

– Sempre? – quis saber o mago, e balançou o aparelho de audição, para ver se tinha ouvido bem.

Ben fez que sim.

– Sempre que não quer ir à escola. É provável que não tenha feito o dever de casa. Geralmente faço por ele, mas ontem não pude, porque fui visitar minha avó no hospital.

– Quem é sua avó? – quis saber Oti.

– Chama-se Babá Brown. Foi babá de dona Trottle e ainda vive aqui no porão. Ela me adotou quando eu era bebê, porque não tinha pais.

– O que aconteceu com eles? Ben se encolheu:

– Não sei. Morreram. O sr. Fulton acha que podem estar na prisão, porque Babá nunca fala neles.

Falar sobre Babá Brown era difícil, porque ela estava muito doente. Era ela quem o protegia da implicância dos empregados – mesmo o mordomo metido, o sr. Fulton, a respeitava – e se ela morresse...

Os salvadores ficaram em silêncio, uns junto dos outros, no banco. Hans fechou o olho e cobriu o rosto com a mão invisível. Estava habituado ao silêncio das montanhas e sentia uma dor de cabeça chegando. Oti agachou-se sobre a mala, como que para confortar o que estava lá dentro.

Era uma criança quem estava fazendo aquele barulho; a criança que tinham vindo procurar, de tão longe. E o menino de quem tanto gostaram nada tinha a ver com eles!

Cinco

– O que foi, meu anjo, meu neném, meu tesouro? – perguntou dona Trottle, entrando no quarto.

Ela se maquiava quando começaram os gritos de Raimundo. Naquele momento, a bochecha direita estava coberta de ruge vermelho, e a esquerda ainda exibia a cor cinzenta, bem feiosa. Dona Trottle tinha rolirinhos na cabeça e recendia fortemente a essência de canibal, porque sempre ia para a cama coberta de perfume.

Raimundo continuou gritando.

– Diga pra mamãe, diga pra mãezinha, meu docinho... –implorava dona Trottle.

– Estou com dor na barriguinha! – berrou Raimundo. –Estou doente!

Dona Trottle puxou as cobertas da enorme cama de Raimundo, com a cabeceira acolchoada e botões embutidos do aparelho de televisão, dos dois computadores e dos trens elétricos dele. Pôs um dedo no estômago de Raimundo, e o dedo desapareceu, porque Raimundo era extremamente gordo.

– Onde é que dói, meu bichinho? Que pedacinho?

– Dói tudo – grunhiu Raimundo. – Tudo!

Como Raimundo tinha comido uma caixa inteira de bombons na noite anterior, aquilo não era de admirar. Mas dona Trottle parecia preocupada.

– Não posso ir à escola – berrou Raimundo, chegando ao assunto principal. – Não posso!

A escola de Raimundo era a mais cara de Londres. Só o uniforme custava centenas de libras. Mas ele a odiava.

– É claro que não pode, meu amorzinho – disse dona Trottle, tirando o dedo do meio de Raimundo. – Vou mandar um recado ao diretor. E depois chamo o médico.

– Não, não, médico não! Não quero médico! Ele me faz piorar! – berrou Raimundo. De fato, o médico nem sempre era tão bom com o queridinho Raimundo como poderia ser.

Seu Trottle entrou, então, com a cara zangada, por ter mais uma vez se sentado em cima do telefone celular, e perguntou o que estava acontecendo.

– Nosso pequeno está doente – disse dona Trottle. – Você tem de dizer a Willard que vá ao colégio depois de deixar você no banco para informá-los.

– Para mim ele não está com cara de doente – disse seu Trottle. Mas, de todo modo, nunca discutia com a mulher, além de estar mesmo com pressa de ir emprestar



um milhão de libras a um empresário do setor de imóveis que queria cobrir uma bela ilha escocesa com casas de veraneio para ricos.

Os gritos de Raimundo, então, diminuíram. Tornaram-se gemidos, depois soluços...

– Estou me sentindo um pouco melhor agora – disse ele. –Dá até para tomar o café da manhã. – Ouviu o carro se afastar, sabia que o perigo de ir à escola havia passado, seguramente.

– Quem sabe um copo de suco de laranja? – sugeriu dona Trottle.

– Não, toucinho, salsicha e pão frito – disse Raimundo.

– Mas, querido...

Raimundo franziu a cara, pronto para começar a berrar de novo.

– Está bem, meu querido torrãozinho de açúcar. Vou dizer a Fulton. E depois um dia calmo, na cama.

– Não, não quero um dia calmo. Estou melhor agora. Quero ir almoçar na Fortlands. E depois fazer compras. Quero uma arma a laser, como a do Paulo, da escola, e uma faca e...

– Mas, querido, você já tem sete armas diferentes – disse dona Trottle, olhando o quarto de Raimundo, completamente lotado de brinquedos, que ele deixava de lado, quebrava ou se recusava a passar adiante.

– Não iguais à do Paulo; não é laser ativado por gatilho com som, e eu quero uma. Eu quero!

– Muito bem, querido – disse dona Trottle. – Vamos almoçar na Fortlands. Você já está com a aparência um pouco mais cor-de-rosa.

Era verdade. Raimundo estava mesmo bastante cor-de-rosa. As pessoas geralmente ficam assim depois de passar meia hora gritando.

– E as compras? – perguntou Raimundo. – Não só o almoço, mas as compras depois?

– As compras também – concordou dona Trottle. – Agora dá um beijão bem gostoso na mamãezinha.

Era sempre assim que as coisas acabavam nos dias em que Raimundo não se sentia suficientemente bem para ir ao colégio: Raimundo e dona Trottle, vestidos para matar, indo almoçar na maior loja de departamentos de Londres.

O nome da loja era Fortlands and Marlow. Ficava em Piccadilly, e vendia tudo o que você puder imaginar: banheiras de mármore, elefantes de marfim, sofás em que você mergulha e desaparece. Tinha uma praça de alimentação com chafariz, onde mordomos de chapéu alto compravam queijos que custam uma semana de salário, e um departamento de noivas, onde as filhas de duquesas tiravam medidas de vestidos de noiva. Nenhum destes vestidos tinha etiqueta de preço, para evitar que as pessoas desmaiassem de cara quando vissem quanto custavam.



E havia lá um restaurante com cadeiras e toalhas de mesa cor-de-rosa em que Raimundo e a mãe almoçavam.

– Quero camarão com maionese – disse Raimundo. – Depois, quero porco assado com torresmo e pudim Yorkshire e ...

– Infelizmente, senhor, o pudim Yorkshire acompanha o rosbife – informou a garçonete. – Com porco, o acompanhamento é purê de maçã e geléia de frutas vermelhas.

– Não gosto de purê de maçã – choramingou Raimundo. –É aguado, melento. Quero pudim Yorkshire. Eu quero!

Neste momento os salvadores entraram na loja. Também iam almoçar no restaurante. Mas Ben lhes tinha dito como Raimundo ia passar o dia, e eles decidiram seguir o príncipe e estudá-lo a certa distância, de modo que pudessem avaliar como seria melhor se apresentarem a ele.

– Só que eu quero que Ben venha também – disse Oti. Todos queriam que Ben fosse junto, mas ele disse que não podia.

– Não tenho colégio hoje porque precisam do prédio para a eleição do conselho, e prometi à minha avó que iria ao hospital na hora do jantar.

Mas disse que os acompanharia até a Fortlands e apontaria Raimundo, porque os Trottle haviam saído no Rolls, e ninguém ainda o tinha visto. Hans, porém, decidiu ficar para trás. Não gostava de lugares cheios de gente. Deitou-se debaixo de um carvalho e foi dormir, o que criou uma grande confusão entre os cachorros, que não entendiam por que não podiam andar através de um trecho de grama perfeitamente vazio.

Gurkie adorou Fortlands. A vitrine de verduras era bem bonita – os maracujás, os abacaxis, as couves-flores arrumados com tanta arte –, e teve tempo de dizer coisas bonitas a uma bandeja de brócolis, que parecia um tanto desolada. Num tipo diferente de loja, os salvadores poderiam ter sobressaído, mas Fortlands estava cheia de gente antiquada, vinda do campo, de modo que se encaixaram bem ali. A única coisa para a qual as pessoas ficaram olhando um pouco foi a beterraba do chapéu de Gurkie. Ela, então, decidiu deixá-la no chafariz, hidratando-se tranquilamente, enquanto subia ao restaurante. Debruçada sobre a água, procurando um lugar onde o amado vegetal não fosse notado, viu, por baixo das algas, um rosto pequeno, triste.

Debruçando-se para ver com mais nitidez, descobriu que não tinha se enganado.

– Sim, sou eu – disse uma voz ligeira, metálica –, Meliande. Soube que vocês estavam vindo. – E continuou: – Não sou sereia, você sabe. Sou ninfa aquática. Tenho pés.

– Sim, eu sei, querida. Estou vendo que tem pés. Mas não parece bem. Que marcas são estas nos seus braços?

– São as moedas. As pessoas jogam moedas na fonte o dia inteiro, só Deus sabe por quê. Estou toda machucada... E não mudam a água com a frequência que deveriam mudar.



E seu rosto lindo, minúsculo, tinha um ar realmente muito melancólico.

– Por que não desce conosco, querida? – sussurrou Gurkintrude. – O gampi está aberto. Poderíamos levá-la embrulhada em toalhas molhadas, não seria difícil.

– Eu vou – disse a ninfa tristemente. – Mas não agora. Você o viu?

– Quem? O príncipe? Ainda não.

– Bem, o verá dentro de um instante; ele acaba de subir de elevador. Muitas de nós estávamos indo, mas quem quer ser governado por aquilo?

Ela então concordou em esconder a beterraba debaixo de uma folha de nenúfar, e Gurkie correu para alcançar os outros. As palavras da ninfa a tinham deixado aborrecida, mas as fadas sempre pensam o melhor das pessoas e ela estava determinada a olhar o lado bom. Mesmo que dona Trottle tivesse estragado um pouco Raimundo, haveria tempo para consertar isto quando ele fosse para a Ilha. Quando as crianças se comportam mal, é quase sempre erro dos que as educam.

– Lá está ele – sussurrou Ben. – Lá, perto da janela. Fez-se um silêncio comprido.

– Tem certeza? – perguntou Cor. – Não pode haver erro?

– Tenho certeza – disse Ben.

Ele, então, se foi. A equipe de resgate ficou a estudar o menino que tinha vindo de tão longe para procurar.

– Parece... saudável – disse Gurkintrude, tentando extrair o melhor das coisas.

– E limpo – concordou o mago. – Imagino que não tenha sujeira atrás das orelhas.

Oti nada disse. Continuava carregando a mala, segurandoa plana, como uma bandeja, e estava de péssimo humor desde que descobrira que Ben não era o príncipe.

O que mais os surpreendia era como Raimundo Trottle se parecia com a suposta mãe. Os dois tinham a mesma cara gorda, os mesmos narizes atarracados, os mesmos olhos redondos, descorados. Sabiam, é claro, que os cães, muitas vezes, acabam se parecendo com seus donos, de modo que talvez fosse compreensível que Raimundo, que vivera com os Trottle desde os três meses de idade, se parecesse com a mulher que o roubara, mas mesmo assim era estranho.

Os visitantes tinham desejado muito almoçar num restaurante chique, mas a hora que se seguiu foi uma das mais tristes de suas vidas. Encontraram uma mesa atrás de um vaso com uma palmeira, de onde podiam observar os Trottle sem serem notados, e o que viam era cada vez pior, pior, pior. Os camarões de Raimundo tinham chegado, e ele os empurrava para longe, fazendo careta.

– Não quero – disse Raimundo. – Não é este, eu queria do maior.

Na opinião de Gurkie, não existia tal coisa, camarão errado ou camarão certo. Todos os camarões eram seus amigos, e ela dava a vida para não comer um deles, mas ficou morrendo de pena da garçonete.

– O maior é lagostim, senhor. Infelizmente, hoje está em falta.



– Não tem lagostim! – disse dona Trottle em voz alta. – Não tem lagostim no restaurante mais caro de Londres!

A garçonete tinha ficado de pé o dia todo, sua filhinha estava doente em casa, mas ela manteve o bom humor.

– Se o senhor apenas experimentasse... – implorou a Raimundo.

Mas ele não queria experimentar. O prato foi levado embora, e Raimundo decidiu começar pela sopa.

– Só que sem pedaços de coisas dentro – gritou à garçonete que se afastava. – Senão, não como.

O rosto redondo da pobre Gurkie estava ficando cada vez mais pálido. Os ilhéus tinham pedido salada, da e costeletas de noz, mas ela era tão sensível que ouvia os pedaços de carneiro gritarem nas mesas vizinhas, e as pobres coxas rígidas dos faisões mortos espetadas nos pratos das pessoas lhe davam vontade de chorar.

Veio a sopa de Raimundo... com coisas dentro: algumas folhas de salsa fresca.

– Achei que tinha pedido sopa sem nada – disse dona Trottle. – Realmente, é extraordinário vocês não conseguirem trazer o que a gente quer.

A equipe de resgate tinha ficado acordada a noite toda; não estava apenas triste, mas também cansada, e por causa disto esqueceram-se de si. Quando chegaram as costeletas, estavam duras demais para os dentes do mago. O certo seria ele amassá-las com o garfo – é claro. Em vez disso, murmurou alguma coisa e, num segundo, elas viraram líquido. Felizmente, ninguém viu, e mágica de liquefação não é nada assombroso, que se tenha de escrever para casa contando – era usada pelos magos antigamente para transformar em geléia os ossos dos inimigos –, mas a situação era embaraçosa, pois estavam tentando arduamente parecer comuns. E, em seguida, mesmo sem terem recebido um comando, nas ervilhas do chapéu de Gurkintrude começaram a botar tentáculos, para protegê-la da visão do príncipe pescando na sopa com os dedos.

Então chegou o leitão assado dos Trottle. A boa garçonete conseguiu persuadir o chef a botar uma porção de pudim Yorkshire no prato de Raimundo, embora qualquer pessoa que entenda um pouco de comida saiba que pudim Yorkshire vem com rosbife, não com leitão.

Raimundo olhou o prato com os olhos redondos sem cor.

– Não quero batata cozida – disse. – Quero batata frita. Batata cozida não tem graça.

– Mas, Raimundo, querido – começou a mãe a falar.

– Quero fritas. A intenção aqui é me agradecer, e não agrada se não tiver batata frita.

Oti vinha se comportando bastante bem até então. Olhou, rangeu os dentes, mas continuou comendo. Naquele momento, porém, começou a ter pensamentos, e os pensamentos diziam respeito às irmãs – em particular à mais velha, Fredegonda, melhor que qualquer um na Ilha no tocante a desejar maus desejos.



Desejar mal às coisas não é tão difícil assim. Doutores bruxos o fazem quando mandam maus pensamentos às pessoas e as fazem adoecer; às vezes você consegue, quando quer que alguém não marque gol no futebol, e a pessoa não marca. Oti nunca desejou mal aos animais, pois gostava deles, mas quis às vezes mal às pessoas e, agora, mais que tudo no mundo, quis mal a Raimundo Trottle.

Mas não mandou maus pensamentos. Em primeiro lugar, porque não estava certa de que seria capaz e, de todo modo, prometera se comportar como as meninas do Santa Inês, cujo uniforme usava.

– Depois quero sorvete – disse Raimundo. – Sorvete cor-de-rosa e sorvete verde, com geléia, pêssego, xarope de framboesa e castanhas.

A garçonete se afastou e voltou com o pudim de caramelo de dona Trottle e o sorvete, numa taça alta. Estava absolutamente maravilhoso – só de olhar, Oti ficou com água na boca.

Raimundo levantou e baixou a colher.

– Não tem guarda-chuva em cima – gemeu. – Sempre vem um guarda-chuva de plástico em cima. Não vou comer, a não ser que tenha... ugh! Ic! Iau! O que aconteceu? Não toquei nele, não toquei, não toquei...

Estava dizendo a verdade daquela vez, mas ninguém acreditou nele. Pois o sorvete deu um salto mortal e aterrou de cabeça para baixo na mesa, de tal modo que os três tipos de sorvete, a geléia, os pêssegos de lata e o xarope de framboesa escorreram pelas calças de Raimundo, pelas meias, pelos sapatos engraxados...

Oti não tinha desejado mal a Raimundo Trottle. Foi muito boa, conteve-se. Mas não completamente. Desejou mal ao sorvete!

Seis

– Quero um pouco de aguardente para os dentes – disse Babá Brown.

Estava deitada na segunda cama no final da enfermaria três do hospital Parque Oeste, de camisola de flanela, fechada por uma fita em volta do pescoço, porque não gostava de mostrar as partes aos médicos. Já estava velha quando dona Trottle a convenceu a ir para a Suíça com o bebê roubado. Agora estava muito velha mesmo; enrugada, cansada, pronta para ir, já que fizera suas orações todos os dias da vida, e se Deus não estivesse esperando para levá-la para o céu, iria querer saber o motivo. Mas estava zangada com o lance dos dentes.

– Ora, dona Brown – disse a enfermeira rudemente –, a senhora sabe que não pode deixar os dentes mergulhados naquela coisa ruim. Ponha-os no copo com desinfetante.

– Não é legal, cheira mal – grunhiu dona Brown. – Sempre guardei a dentadura em aguardente, e depois bebi. É daí que tiro minha força.

E precisou dessa força, vivendo no porão dos Trottle, ajudando a cuidar de Raimundo, mas com um olho em Ben. Não concordava com o modo como Larina educava Raimundo; via como ia ficar mimado. Quando fez três anos, o passou para outra babá. Mas não ia permitir que Larina a tirasse de cena – tinha de olhar por Ben. Dona Trottle podia ameaçá-la, dizer que ia chamar a polícia se ela dissesse alguma coisa a respeito do bebê roubado, mas a ameaça funcionava dos dois lados.

– Se você me despachar, e ao menino, vou dizer tudo a eles, e quem sabe em qual de nós vão acreditar – tinha dito Babá Brown.

Então permaneceu nas Torres Trottle, ajudando um pouco na costura, passando roupa, virando as costas ao que acontecia no quarto do bebê, lá em cima. Pôde assegurar que Ben, pelo menos, fosse criado de modo adequado. Não podia impedir os empregados de ficarem dando ordens a ele, mas cuidava dos seus modos à mesa, que falasse direito, estudasse, e ele retribuía.

E a única coisa que a preocupava era o que aconteceria com Ben, se morresse. Dona Trottle odiava Ben; faria qualquer coisa para mandá-lo embora. Mas eu a dobro, pensava a Babá Brown. Oh, sim. Ponho um fim nos truques dela!

– Tem ladrão debaixo da minha cama – disse então. – Estou sentindo. Dê uma olhada.

– Ora, dona Brown – disse a enfermeira –, não queremos idéias bobas na cabeça, não é?



– Não é boba – disse Babá, de mau humor. – Londres está cheia de ladrões. Por que não debaixo da minha cama?

Mas a enfermeira não quis olhar; era uma das chefonas.

– O que vai dizer o seu neto se a senhora continuar assim? – disse ela, se afastando, balançando o traseiro.

Mas quando viu Ben atravessando lentamente a enfermaria, a velha senhora logo se sentiu melhor. Tinha sido rígida com ele: nada de palavrões, comer até à última migalha que lhe dão... No entanto, não se importava de admitir que, se amava alguém neste mundo, era aquele menino. Os outros pacientes também sorriram quando ele passou por suas camas, porque era sempre muito bem educado, amigável, cumprimentava-os e lembrava seus nomes.

– Oi, Babá.

Sempre a chamava de Babá e não Vovó. Ela tinha pedido, soava melhor. Então pôs um ramo de lírios-do-vale a seu lado. Ela balançou a cabeça.

– Já disse para não desperdiçar o seu dinheiro.

Tinha deixado para ele algumas libras da pensão, quando foi para o hospital, dizendo que teriam de durar. Era ruim desperdiçar, mas seus dedos curvos fecharam-se em torno do ramo. Ela sorriu.

– Como está se sentindo? – perguntou Ben.

– Otimamente, otimamente – mentiu Babá Brown. – E você? O que está acontecendo em casa?

Ben hesitou. Queria contar à Babá sobre os misteriosos visitantes, sobre como tinha gostado deles... o sentimento estranho que tivera de que lhe pertenciam. Mas prometeu nada contar. Além disto, de todo modo estaria errado, porque não lhe pertenciam. Então, disse apenas:

– Nada demais. Estou no time de futebol, e Raimundo teve outro ataque de gritos.

– Isso não é novidade – disse Babá Brown, tristonha. E aí perguntou: – Não tem ninguém chateando você? O sr. Fulton?

– Na verdade, não. Mas... acha que volta logo para casa. Babá? É melhor quando você está lá.

Babá passou-lhe a mão pela cabeça.

– É claro, se Deus quiser. Continue indo à escola. Lembre-se de que depois que crescer ninguém vai poder lhe dizer o que fazer.

– Sim.

Ainda faltava muito tempo, porém, para ele se transformar num homem, e Babá parecia muito doente. Medo é ruim. Somos nós que sentimos medo e somos nós mesmos que temos de combatê-lo. Mas, por um instante, ele estava com muito medo, sendo ou não um sentimento egoísta.



A enfermaria ficou muito silenciosa quando os visitantes saíram. Todos os outros pacientes deitaram-se preguiçosamente, contentes por descansar, mas Babá Brown ficou sentada na cama, firme como um falcão. Não havia muito tempo a perder. E estava com sorte: foi a enfermeira boa, das Filipinas, que veio medir a temperatura. Celeste, ela se chamava, tinha um sorriso lindo e usava uma rosa vermelha minúscula enfiada no cabelo, atrás da orelha. Só se via a rosa quando ela se abaixava, mas saber que estava lá fazia a pessoa se sentir melhor.

– Escute, querida, queria que você fizesse uma coisa para mim. Pode me arrumar um pedaço de papel e um envelope? É realmente importante, senão não iria pedir.

Celeste pegou o pulso de Babá e começou a escutar.

– Vou tentar, dona Brown – disse. – Mas terá de esperar eu terminar a ronda.

Não esqueceu. Uma hora depois, veio com papel e envelope muito branco.

– Tem caneta?

Babá Brown fez que sim.

– Obrigada, querida; é um peso que me tira da cabeça. Você é uma menina boa e generosa.

Celeste sorriu.

– Não há de quê. – Ela examinou de perto o rosto da senhora. Não ia durar muito mais. – Vou conferir os ladrões – disse.

Inclinou-se para olhar, e quando o fez, Babá Brown viu a rosinha vermelha metida no cabelo preto como azeviche.

– Que Deus a abençoe – disse, e depois se sentindo bem melhor, começou a escrever.

Sete

– É simples – disse Hans. – Dou um sopapo nele, coloco ele num saco e passamos pelo gampi.

Os outros tinham voltado da Fortlands num tal estado de tristeza, que o pobre ogro mal conseguia suportar. Tinha dormido um bom sono, e quando ouviu o ocorrido no restaurante, decidiu que tinha de tomar uma iniciativa e pôr as coisas nos eixos.

Cor sacudiu a cabeça. Era tentador deixar o gigante socar Raimundo na cabeça, amarrá-lo num saco e carregá-lo de volta à Ilha, mas as coisas não podiam ser feitas assim. Imaginou o rei e a rainha desembrulhando o filho desmaiado como um leitãozinho amordaçado... se dando conta de que Raimundo teve de ser carregado à força.

– Ele tem de vir por vontade própria, Hans – disse. – Ou a rainha ficará de coração partido.

Ernie Hobbs deslizou então em direção ao coreto onde estavam sentados. Geralmente, permitia-se uma voltinha no início da noite, e tinha deixado os outros fantasmas encarregados do gampi.

– Bem, como estão indo as coisas? Os ilhéus contaram.

Ernie assentiu.

– Infelizmente é assim. Estamos de olho nele, cada vez mais despenca morro abaixo. Dona Trottle é uma boboca. Seu Trottle nunca está; não tem ninguém para corrigi-lo.

– Suponho que não haja dúvida a respeito de quem é Raimundo – disse Cor.

Ernie sacudiu a cabeça.

– Eu a vi roubando o bebê. Eu a vi voltar um ano depois com o bebê nos braços. Além do mais, estava com a mesma chupeta na boca. Notei esta particularidade porque ela tem um anel de ouro. O príncipe deve ser ele mesmo.

– E Ben? – perguntou Gurkintrude.

– Ah, esse é farinha de outro saco, o Ben. Está aqui há tanto tempo quanto Raimundo, e não se poderia encontrar menino melhor. Também consegue ver fantasmas, nunca sai uma queixa dele. Os criados o tratam como lixo; imitam dona Trottle. Vai ser ruim para o menino o dia em que a avó morrer.

Então zarpou dali para ver Albert Fisher comer salsichas e purê na sua ex-casa, e ficar infeliz, mas antes prometeu o apoio de todos os fantasmas da cidade, se fosse necessário.



– E não só dos fantasmas... Há muita espécie que gostaria de ver as coisas irem bem na Ilha – disse ele.

Mal tinha desaparecido, Ben chegou correndo da casa, e Oti – que tinha estado a treinar seu presente nas moitas – saiu de lá agachada, com a mala, e disse:

–Oi!

– Como está sua avó? – perguntou Gurkie. Uma sombra atravessou o rosto de Ben.

– Diz que está bem, mas para mim não está com boa aparência. – E, então, perguntou: – Como foi o almoço?

– Raimundo estava terrível – disse Oti. – É nojento. Acho que deveríamos instaurar República na Ilha, sem nos preocuparmos com príncipe, depois que o rei e a rainha morrerem.

– Oti! – disse Gurkie, em tom de aviso.

Oti baixou a cabeça. Não tinha intenção de trair a razão da viagem, assim como não teve intenção de desejar mal ao sorvete, mas era menina de sentimentos fortes.

Cor, no entanto, havia tomado uma decisão.

– Acho, Ben – disse ele –, que você é um menino capaz de guardar segredo.

– Sim, senhor. É claro – disse Ben, sem hesitar.

– Está vendo, vamos precisar da sua ajuda. Você conhece os movimentos de Raimundo, onde dorme etc. Então, é melhor explicarmos por que estamos aqui.

E contou a respeito da Ilha, da tristeza do rei e da rainha e da sua missão.

Ben ouviu em silêncio. Quando terminou, seus olhos brilhavam, maravilhados.

– Sempre imaginei que existia um lugar como esse. Eu sabia!

Mas estava surpreso por saber que Raimundo havia sido roubado.

– Dona Trottle mandou emoldurar e botar no quarto dela a certidão de nascimento.

– Bem, isso só mostra que enganadora ela é, não? – disse Oti. – Quem ia querer emoldurar uma porcaria de certidão de nascimento, a não ser que estivesse escondendo alguma coisa?

– Então, escute, Ben – continuou o mago –, queremos que você nos leve para falar com Raimundo quando ele estiver sozinho. Você sabe quando poderia ser?

– Hoje à noite seria bom. Os Trottle vão sair, e dona Flint, a cozinheira, deve ficar olhando. Mas ela só faz ligar a televisão aos berros e ficar na salinha dela.

– Então vai dar. Agora temos de pensar em como ganhar a confiança de Raimundo e fazê-lo vir conosco. Do que ele gosta?

Aquilo era difícil. Ben conseguia se lembrar de um monte de coisas de que ele não gostava. Pensou e disse:

– Presentes. Gosta de ganhar presentes. – Ah, nesse caso...



– Não! – interrompeu Oti, muito zangada. Agarrada à mala, seu olho verde soltava faíscas de fúria. – Não vou dar este presente àquele menino porco!

Cornelius se levantou.

– Como ousa falar assim com seus superiores? Mas Oti não deu o braço a torcer.

– Este presente é especial. Criei-o desde pequenininho. Ainda é bebê. Não vou dá-lo para Raimundo porque ele é horrível. Vou dá-lo para Ben.

Gurkintrude, então, se ajoelhou ao lado da bruxa.

– Olhe, Oti, sei como você se sente. Mas é nosso dever levar o príncipe de volta. A rainha confiou em você justamente porque você pensou nesse presente lindo para o filho dela. Por isso permitiu que viesse. Não pode desapontá-la.

Mas foi Ben quem a fez mudar de idéia.

– Se você promete uma coisa, Oti, então tem de cumprir, você sabe disto. E se você o der a Raimundo... o que quer que isso seja... se for ajudar, então faz parte do trato.

– Oh, está bem – disse Oti, mal-humorada –, mas se não o tratar direito, vou soltar minhas irmãs em cima dele. E isto é uma promessa!

Eram mais de nove horas, e os criados estavam acomodados diante da televisão. Ben e os novos amigos puderam se esgueirar escada acima.

Sentado na cama, o som a toda, Raimundo se sacudia ao compasso da música.

– O que quer? – perguntou a Ben. – Não preciso de você. Hoje não tenho dever, pois amanhã é sábado. De todo modo, devia estar na cozinha.

– Trouxe umas pessoas para falar com você – disse Ben. – Visitas.

A equipe de resgate entrou, e Ben os apresentou – todos, exceto Hans, que teve de se agachar para passar pela porta, e acomodou-se, com o olho fechado.

Raimundo olhou para eles.

– Eles têm um jeito engraçado – disse. – Estão fantasiados?

– Não, Sua Alte... – começou a falar Cor, e parou no meio. Estava a ponto de chamar Raimundo de Sua Alteza Real, mas era cedo demais para revelar toda a verdade. – Viemos de outro lugar.

– Que lugar? – perguntou Raimundo, desconfiado.

– Chama-se Ilha – disse Gurkintrude. As fadas costumam beijar as crianças, sendo madrinhas de quase todo mundo. Mas Raimundo, a transbordar do pijama de seda amarelo, tinha aparência tão pouco convidativa que a fada teve de fingir que ele era seiva de vegetal. Então, pôde acomodar-se ao lado dele, na cama. – É um lugar lindo, Raimundo. Tem campos verdes com flores selvagens brotando da relva e bosques de árvores antigas e rios onde a água é tão clara que se pode ver todas as pedras do fundo como se fossem jóias.

Raimundo nada disse, mas pelo menos desligou o rádio.



– E por toda a ilha existem praias de areia branca e piscinas de pedras e rochedos onde as aves marinhas vêm fazer ninho toda primavera.

– Tem focas e urubus e coelhos e caranguejos – disse Oti.

– Não gosto de caranguejo – disse Raimundo. – Belisca a gente. Tem lá um píer com caça-níqueis e loja de jogos?

– Não. Mas não é preciso ter jogo... Os golfinhos vêm conversar com você, os cavalos-marinhos levam você nas costas, galopando pelas ondas.

– Não acredito – disse Raimundo. – Está contando lorotas.

– Não, Raimundo, é tudo verdade – disse Gurkie. – Se vier conosco, vamos lhe mostrar.

Cor abriu a maleta e tirou um folheto de papelão.

– Talvez queira ver o retrato do nosso rei e da nossa rainha? Entregou a fotografia a Raimundo. Não era um dos retratos oficiais do palácio, com a família em trajes reais. A rainha estava sentada num rochedo junto ao mar, uma das mãos brincando com a água. Seu cabelo comprido solto, sorria para o rei, que olhava o rosto dela, embaixo, cheio de orgulho. A fotografia tinha sido tirada antes de o príncipe ser roubado, e o que transmitia era principalmente felicidade.

– Eles têm boa aparência – disse Raimundo. – Mas não parecem reais. Estão vestidos como gente comum. Se eu fosse da família real, usaria uma farda dourada com medalhas.

– Ia parecer um bobo com essa roupa na beira do mar – disse Oti. – Com a maresia, o ouro ia ficar todo verde e feio, as medalhas iam chacoalhar e assustar...

– Chega, Oti! – disse Gurkie, chamando-lhe a atenção.

– Posso ver? – perguntou Ben.

Cor pegou a fotografia da mão de Raimundo e a entregou a ele.

Ben nada disse. Só ficou parado, olhando o retrato – olhando, olhando, como se pudesse fazer parte daquilo ele próprio... como se pudesse desaparecer, sair dentro do retrato e lá ficar.

Então Raimundo se sentou muito teso na cama e apontou a porta.

– Eca! – gritou. – Tem uma coisa horrível ali! Um olho! Que nojo! Quero minha mamãe!

Os outros se viraram, atônitos. Sabiam como o ogro era sensível, e ter “nojo” de uma pessoa tão íntegra é a coisa mais ofensiva que pode haver. E, de fato, no olho azul-claro de Hans, uma lágrima se formou, tremeu... e caiu. Então, o olho desapareceu, e do espaço onde estava sentado o gigante, veio um suspiro profundo de infelicidade.

Oti veio em seu apoio. Tinha prometido comportar-se como as meninas do Santa Inês, cujo lema era “Não deixe a peteca cair”. De modo que ela disse:



– Raimundo, eu trouxe um presente para você, um presente realmente especial. Lá da Ilha. Olhe!

A palavra “presente” animou Raimundo logo de cara. Ele a observou erguer a mala sobre a cama e a abrir.

– O que é? – perguntou Raimundo.

Mas, desta vez, não estremeceu. Pareceu bastante satisfeito. Só se fosse feita de pedra, uma pessoa não ficaria satisfeita com o que se encontrava lá dentro, aninhado em camadas de musgo. Um animal muito pequeno, coberto de pêlo macio, branco como a neve, com grandes patas de pontas ligeiramente pretas. Seus olhos, quando acordou, eram enormes e muito escuros; o nariz, feito uma bolha, úmido, bigodudo e frio. Quando olhou para Raimundo e bocejou, se podia ver a língua cor-de-rosa morango e sentir o hálito limpo de leite.

– Nunca vi um desses – disse Raimundo. – É engraçado, o que é?

Oti respondeu:

– É um fabricante de névoa. Temos centenas deles na Ilha, são muito mansos. Consegui este porque a mãe ficou tonta e rolou por cima dele. Ela não teve intenção, só ficou confusa.

Levantou o pequeno animal, tirou-o da mala e colocou-o no acolchoado de seda. A testa do fabricante de névoa enrugou-se como a de um sabujo; seus bigodes eram pequenos, macios, e as orelhas cor-de-rosa, de aparência quase humana, tinham lóbulos grandes, como os que se vê nas orelhas de poetas ou músicos.

– Por que é chamado de fabricante de névoa? – perguntou Raimundo.

– Vou mostrar – disse Oti. – Sabe cantar?

– Claro que sei cantar – disse Raimundo. – Todo mundo sabe cantar.

– Bem, então cante. Cante alguma coisa para ele. Ponha sua cabeça bem perto.

Raimundo limpou a garganta.

– Não consigo lembrar letra nenhuma – disse. – Vou tocar alguma coisa no rádio.

Ligou o botão, e o quarto se encheu do som de gargalhadas de estúdio.

– Tente você, Ben – disse Oti. – Cante para ele.

Mas Ben não cantou. Assobiou. Nenhum deles tinha ouvido assobio assim. Era como canto de pássaro, mas não apenas pio – tinha melodia, melodia elevada, que os fez pensar em primavera, árvores jovens, início de vida em toda parte. À medida que Ben assobiava, o pequeno animal se aproximava... se aproximou ainda mais... pressionou o nariz úmido nas mãos de Ben; as rugas na testa, de aparência preocupada, se atenuaram.

– Ah! – suspirou o fabricante de névoa. – Ah...

Em seguida, começou. No início, era só um pouquinho de névoa. Afinal, era muito jovem... depois veio mais... e mais... Mesmo daquele animal com apenas algumas semanas de idade vinha suficiente névoa fria, em espiral, a ponto de envolver

a cama de Raimundo em brancura. O quarto ficou bonito, misterioso. As pilhas de brinquedos desprezados desapareceram, a bagunça dos móveis... e os ilhéus beberam a bem lembrada frescura da manhã e da grama ainda úmida de orvalho. Raimundo ficou de boca aberta.

– É estranho. Nunca vi nada assim. Não é natural.

– Por que não? – perguntou Oti, atravessada. – Os gambás soltam fedor, as lesmas largam limo, e as pessoas, suor. Então, por que um fabricante de névoa não pode fabricar névoa?

Raimundo continuava olhando a pequena criatura. Ninguém na escola tinha uma coisa como aquela. Poderia exibi-la a todo mundo. Paulo tinha um sapo de árvore; Derek, uma serpente de capim. Mas aquilo era superior.

– Você poderá brincar com fabricantes de névoa o dia inteiro se vier à Ilha – disse Gurkie. – Vem ou não vem?

– Não – disse Raimundo. – Sentiria falta da minha televisão, dos meus jogos de computador, do meu conjunto Scalextric. Mas vou ficar com ele.

Quis agarrar o fabricante de névoa. Mas o animal tinha soltado tanta névoa, que sua aparência agora já não era a de uma almofada fofa. Estava mais ágil. Saltando da cama, aterrissou com um baque no nariz, e pôs-se a explorar o quarto.

Eles o observaram a enfiar o bigode espetado nas caixas de brinquedo de Raimundo, a rolar pelo tapete, a se esfregar de encontro a um gaveteiro. Às vezes, desaparecia em manchas de névoa, depois tornava a aparecer com uma orelha virada do avesso, que é o que acontece aos fabricantes de névoa quando estão ocupados.

O mago pigarreou. Era hora de trazer à tona a verdade. Um menino tão esnobe com certeza viria para a Ilha se soubesse que lá viveria como um príncipe.

– Talvez devêssemos lhe contar, Raimundo, que você, na verdade, é nobre...

Foi interrompido por outro grito de Raimundo, ainda mais alto.

– Olhe! Levantou a perna! Fez uma poça no tapete. É sujo! Oti olhou para ele com repugnância.

– Este fabricante de névoa tem apenas seis semanas de vida! Eles podem perfeitamente bem ser treinados, mas não ainda bebês. Você fez um bocado de poças quando tinha esta idade. E é uma limpa. Não é poça feita por alguém que coma camarão, leitão assado, batata gordurenta.

Ben já tinha ido procurar um pano no banheiro e enxugava. Limpar a sujeira de Raimundo era coisa que fazia desde que se dava por gente. Então, apanhou o fabricante de névoa, que tremia todo e tentava cobrir as orelhas com as patas. Não é possível ser musical como são esses animais e não sofrer terrivelmente com o tipo de ruído de porco preso que Raimundo fez.

– Guarde-o lá embaixo, Ben – ordenou Raimundo. – Pode alimentá-lo e cuidar para que não suje meu quarto. Mas lembre-se, ele é meu!

Oito

Oti e Gurkie passaram a noite enrodilhadas no chão da casinha de palha. Era um lugar bonito, com varanda em grega e escada de madeira, mas ninguém a usava mais. Há anos, apareceram goteiras no telhado e, em vez de consertá-lo, o administrador pôs uma placa dizendo: PARTICULAR. PROIBIDA A ENTRADA. Moitas escuras de alfena e arbustos de louro a escondiam dos passantes. Agora só animais iam ali: pardais, para se lavar na banheira torta de aves; esquilos, para tagarelar no telhado.

Não longe roncava uma extensão de capim, no local onde o ogro descansava. Ben tinha levado o fabricante de névoa às escondidas para o seu quarto-armário.

Mas Cornelius não conseguia dormir. Desejou conjurar um fogo para manter aquecidos os ossos, mas achou que poderiam notar. Depois de um tempo, pegou a bengala e saiu rumo ao lago. Este chamava-se Serpentina, por ser sinuoso, ter forma de serpente. O mago lembrava dele dos tempos em que vivia Lá em Cima. Os londrinos tinham orgulho do lago. As pessoas passeavam de barco ali, apanhavam miudezas. Senhores corajosos quebravam o gelo com os pés, no inverno, e nadavam, ficando arrepiados, mas saudáveis.

Mas não só velhos arrepiados, amantes e crianças a passear de canoa ou velejar iam ali. Havia... outros. Havia sereias no lago quando Cor era menino. Cada árvore tinha seu espírito, as fadas se lamentavam em meio às plantas. Na véspera do Solstício de Verão se reuniam e faziam uma grande festa.

Esta festa seria dali a dois dias. Será que os gnomos e duendes, ninfas e gênios da água, os sproggans, bruxas e demônios ainda vinham? Se fosse assim, estaria ali uma idéia? Se Raimundo visse mágica de verdade – se visse as coisas excitantes que aconteciam na Ilha, será que o convenceriam a ir?

A testa do velho Cor enrugou-se de tanto pensar. Ele, então, ergueu a bengala no ar e disse um poema – segundos depois, Ernie Hobbs, que dormira num malote de correio, na plataforma treze da estação Encruzilhada dos Reis, acordou e disse:

– Ui! – Olhando em torno, ele viu dona Partridge, que deitara num carrinho de bagagem, sentar-se, parecendo intrigada.

– Estou com câibra no cotovelo – disse ela. – É muito forte. Ao mesmo tempo, Miriam Hughes-Hughes, fantasma da mulher que pedia desculpas, rolou e caiu do banco, do lado de fora do setor de achados e perdidos, e ficou no chão, piscando. Foi Ernie quem se deu conta do que tinha acontecido.

– Estamos sendo convocados! Estão nos chamando!

– Deve ser o mago – disse dona Partridge, excitada. – Mais ninguém é capaz de fazer mágica assim!

Sem perder mais tempo, deslizaram pela plataforma e puseram-se a caminho do parque. Encontraram Cornelius sentado num toco de árvore, fitando a água.

– O senhor nos chamou, Excelência? – perguntou Ernie.

– Chamei – disse Cor. E contou o que havia acontecido pouco antes, no quarto de Raimundo. – Fomos dizer quem ele era, mas fez tanto barulho que ninguém suportou. Tivemos de ir embora.

Os fantasmas fizeram cara de preocupação.

– Talvez devêssemos ter avisado – disse Ernie. – Mas achamos que ele poderia se comportar melhor com o senhor.

– Não se comportou – Cor esfregou os joelhos, que doíam. – Hans quer dar um golpe na cabeça do príncipe e levá-lo pelo gampi num saco, mas acho que ainda devemos tentar persuadi-lo a vir por livre e espontânea vontade. De modo que quero que vocês chamem todas... as pessoas diferentes que ainda estão Lá em Cima, pedindo que façam um espetáculo especial para Raimundo. Magos, fogos fátuos... todos os que puderem encontrar. Peçam que façam as melhores mágicas que conheçam. Vamos construir um trono de príncipe para Raimundo.

– Uma espécie de Espetáculo Mágico Raimundo Trottle? –disse dona Partridge, ansiosamente.

Ernie, porém, pareceu preocupado:

– É fato que sempre acontece alguma coisa na véspera do Festival de Verão, mas... bem. Excelência, não quero desanimar, mas a mágica não é mais o que era aqui em cima. Deu-se o que se poderia chamar de Fator Sininho.

– Não estou entendendo – disse o mago.

– Bem, tem aquela fada... daquele livro chamado Peter Pan. O nome dela é Sininho. Quando as pessoas dizem que não acreditam nela, fica toda tonta, fraca. É o que acontece aqui em cima com magos, bruxas e os outros. As pessoas ficaram tanto tempo sem acreditar neles, que eles perderam um pouco o ânimo.

– Temos de fazer o melhor que pudermos – disse Cornelius. – Mas, diga-me, qual é a situação por aí... você sabe... – Falou baixinho, sem saber quem poderia estar escutando nas profundezas do lago. – Ele, o monstro? Ainda está aí?

– O velho Nuckel? Dizem que sim – falou Ernie. – Mas ninguém o vê faz não sei quantos anos. O senhor pensou em chamá-lo?

– Eu estava pensando... – disse Cor. – Por acaso, estou com meu livro de encantamentos aqui comigo. Daria um final esplêndido para o espetáculo.

Os fantasmas fizeram cara de respeito. Fazer subir monstros das profundas é uma mágica muito difícil mesmo.

– Bem, se isso não trazer o pequeno destruidor, nenhuma outra coisa o fará – disse dona Partridge –, e ficou vermelha, porque, fosse ou não fosse malvado, o pequeno Raimundo Trottle era, afinal, um príncipe.



Foi incrível como todos ajudaram. Bruxas, que trabalhavam em cozinhas de escolas, tentando fazer com que um quilo de carne moída desse para cem crianças, disseram que iriam, assim como magos que ensinavam química e ficavam a fazer explosões interessantes depois de as crianças irem para casa. Um treinador de animais, que treinava pássaros para filmes e televisão, e era, na verdade, encantador, prometeu trazer um bando de pombas brancas, de modo que a noite pudesse se iniciar com uma revoadada.

Melisande, a ninfa-da-água-que-não-era-sereia, nadou através do tubo de descarga da Fortlands e falou com o fio, que trabalhava no esgoto, resgatando coisas que as pessoas tinham jogado pelo vaso sanitário abaixo por engano ou que tinham sido perdidas no ralo do banheiro, e ele também disse que viria e faria uma magia para Raimundo.

– Realmente, as pessoas são tão boas! – dizia Gurkie, enquanto corria por ali, alegre, com espíritos de árvores que tinham concordado em fazer uma dança especial para Raimundo naquela noite.

E estava certa. Afinal, não era porque não soubessem como Raimundo era – este tipo de coisa circula –, mas todo mundo queria que o rei e a rainha ficassem felizes. A Ilha tinha importância para eles; era sua terra natal, ainda que eles próprios nunca tivessem ido lá, e parecia não haver limite para os cuidados que estavam dispostos a dispensar.

Os fantasmas, durante estes dois dias, estiveram em toda parte; ajudando, convencendo, levando recados. Até Miriam Hughes–Hughes parou de pedir desculpas e foi descobrir um grupo de Senhoras de Fadas – umas mulheres pálidas, fúnebres, que se lamentam aos guinchos quando alguma coisa está por acontecer, e elas concordaram em vir e cantar músicas tristes para o príncipe. Um demônio chamado Henrique Prendergast, que vivia no porão do Banco da Inglaterra, disse que achava que poderia se encarregar de uma demonstração de mudança de formato, e Hans tentou esquecer a mágoa provocada por Raimundo, ao chamá-lo de nojento, e praticou levantamento de peso até seus músculos ameaçarem rachar. Quanto a Oti Gribble, foi sozinha ao metrô visitar uma tia de sua mãe. A tia era uma Velha das Sombras, absolutamente maravilhosa em transformar as pessoas em carecas, e prometeu trazer algumas amigas do círculo de costura para divertir Raimundo, fazendo sair uns rabos de burro da testa das pessoas e outras coisas do tipo.

Mas foi o próprio Cor quem mais trabalhou. Hora após hora, sentado junto ao lago com o livro negro, praticou a magia de fazer subir monstro. Não comia, mal dormia, mas não parava. Algo no monstro do Serpentina era especial, mas não conseguia lembrar o quê. Ultimamente não se lembrava de muita coisa, mas não ia desistir. Não havia nada que Cor não fizesse para levar de volta o príncipe – sem soco nem saco –para os pais que tanto o queriam.

A única coisa que ainda preocupava a equipe de resgate era como fazer Raimundo Trottle vir ao parque. É claro, seria fácil chamá-lo por meio de magia, como Cor tinha chamado os fantasmas, mas eles tinham dado a sua palavra de que não usariam magia diretamente sobre o príncipe.

Foi Ben quem pensou no que fazer.



– Tem um garoto no colégio do Raimundo chamado Paulo, que é filho de um duque. Raimundo faria qualquer coisa para estar no mesmo plano que ele. Se inventarmos que Paulo está dando uma festa secreta perto do lago, tenho certeza de que Raimundo virá. – Seu rosto, então, se nublou. – É claro, isto é enganar, acho. É uma mentira.

Mas Cor não vacilou.

– Levar Raimundo de volta à Ilha é como uma campanha militar. Como uma guerra. Numa guerra, o soldado poderia ter de dizer uma mentira, e mesmo assim estaria servindo a seu país.

O plano de Ben funcionou. Melisande conhecia uma sereia que trabalhava na Fortlands, mostrando vestidos. “Tomou emprestado” um cartão de visitas chique, e Ben fingiu que Paulo tinha pedido para entregar.

E um pouco antes da meia-noite, na véspera do Solstício de Verão, Raimundo Trottle, usando a melhor roupa, chegou à beira do lago – onde encontrou um trono grande, que os demônios tinham construído para ele, além de um monte de gente, que levantava os braços e o cumprimentava como a um príncipe.

– Príncipe – disse Raimundo – eu?

– Sim, Alteza – respondeu o mago, contando a Raimundo a história do seu nascimento.

Raimundo ouviu, e enquanto ouvia, um sorriso vaidoso, satisfeito, se espalhou por seu rosto.

– Sempre soube que era especial – disse ele. – Eu sabia – e subiu no trono.

Nove

Nada semelhante àquilo acontecia havia cem anos.

As feiticeiras tinham feito em torno do lago um círculo de proteção que ninguém podia atravessar; tudo ali dentro era invisível a quaisquer passantes perdidos. A luz vinha das tochas acesas dos magos e dos pirilampos adulados por Gurkie, nas árvores – centenas deles, faiscando, piscando como estrelas. E havia também estrelas de verdade: a noite estava clara, a lua brilhava calmamente sobre os foliões.

– Não está *lindo*? – sussurrou Ben. Tinha imaginado que não iam permitir que ele assistisse àquilo, ao que Oti disse que deixasse de ser bobo.

– É claro que vai assistir. Vamos nos esconder entre as plantas com o fabricante de névoa; ninguém vai se importar de você estar aqui.

E ninguém se importou. Era estranho como Ben se enturmava. Falava com fantasmas com a mesma facilidade que os ilhéus, e até a tia de Oti, a Velha das Sombras, lhe passou a mão pela cabeça sem torná-lo nem um pouco careca.

O Espetáculo Mágico Raimundo Trottle começou com uma revoada de Pássaros Importantes.

Primeiramente, um bando de gansos voou em formação perfeita através da lua, inclinando as asas, como saudação, quando passou pelo príncipe. Em seguida, o encantador que os tinha trazido convocou uma nuvem de corvos negros como carvão que, numa rápida descida, fizeram círculos em torno da cabeça de Raimundo. Ele, então, esticou um braço e, de uma árvore cheia de rouxinóis, veio uma música tão gloriosa que Ben e Oti desapareceram por um momento, enquanto o fabricante de névoa dobrava as patas sobre o peito e suspirava.

Por fim, vieram três dúzias de pombas brancas como a neve que fizeram as mais surpreendentes acrobacias aéreas, virando verdes, cor de laranja, cor-de-rosa, conforme os magos mudavam a luz de seus fochos. Uma das aves, então, se desligou do bando, puxou um ramo verde de louro e voou com ele no bico até o trono de Raimundo – deixando-o sobre seu colo. Exatamente como a pomba da arca foi a Noé, para mostrar que os problemas tinham chegado ao fim – todos os que assistiam ficaram muito comovidos.

E o que disse Raimundo Trottle? Ele disse:

– Vi isso na televisão.

Mas, em seguida, as águas do lago puseram-se a tremer e a brilhar. E, lentamente, muito lentamente, três esguichos se ergueram do centro e, no alto de cada um, vinha, sentada, uma menina bonita, a cantar e pentear o cabelo.

– É claro, na Ilha há muito mais sereia que isso, Sua Alteza Real – disse Cor, de pé junto ao príncipe.

Não só mais, como de melhor qualidade – pensou o mago, que estava começando a se dar conta do que Ernie quis dizer quando comentou que a mágica já não era o que tinha sido. Uma das sereias vinha dos Banhos Pimlico, e o cloro da água não fizera muito bem à sua voz; a segunda tinha cortado o cabelo espetado, depois da visita de um conjunto pop, que veio fazer um concerto ao ar livre junto ao lago onde ela vivia, de modo que cantava, mas, na verdade, não podia se pentear. Quanto à terceira dama, era Melisande, da fonte da Fortlands, que, enquanto cantava e se penteava, ficava apontando para os pés. Ninguém sabia por que tanto se preocupava com ser confundida com sereia, mas o fato é que se preocupava.

Todo mundo bateu palmas quando acabou, embora Raimundo não parecesse muito emocionado. O tio de Melisande, que chamavam de Chapinhador, deu um passo à frente. Estava de botas e com o chapéu de lã que usava para trabalhar no esgoto, mas curvou-se respeitosamente diante do príncipe, dizendo:

– Vou procurar o tesouro do lago.

Caminhou até à beira da água... chapinhou no raso, continuou andando até a água lhe bater na cintura, no queixo, no chapéu de lã... e desapareceu!

Ninguém se preocupou com isto, porque os mágicos conseguem respirar debaixo d'água, mas todos ficaram muito interessados.

O Chapinhador ficou sumido por um longo intervalo, e quando reapareceu, segurava um grande peixe pelo rabo. O peixe se debatia e retorcia e, embora coberto de limo e algas, o Chapinhador parecia satisfeito.

Os magos e feiticeiras murmuraram coisas entre si porque sabiam o que estava por vir, e Oti, na moita, disse:

– Vai vir coisa boa! Ele encontrou uma Carpa Especial!

O Chapinhador veio diretamente até Raimundo, ainda segurando o peixe de cabeça para baixo. O peixe continuava se torcendo e batendo o rabo. Então, de repente, deu um grande soluço e de sua boca saiu ... um lindo anel! Engolir anéis é coisa que certos peixes fazem – pode-se ler sobre isto nos contos de fadas –, mas encontrar um peixe que o tenha feito quando você está andando por aí, no fundo de um lago cinzento e lóbrego, é realmente difícil e, dos assistentes, veio outra salva de palmas.

O Chapinhador, então, agradeceu ao peixe e o jogou de volta no lago. Raimundo olhou o anel.

– Não é de ouro – disse. – Não vale nada. Você não consegue dinheiro por ele numa loja.

Cor sacudiu a cabeça, e o Chapinhador continuou andando, com ar magoado. Era verdade, o anel tinha vindo dentro de um biscoito de Natal, mas e daí? O peixe especial tinha confiado nele, dado o anel que estava em seu estômago havia dez anos – anel que fazia parte de sua vida enquanto peixe... E a única coisa que interessava ao príncipe era se podia vendê-lo numa loja!



Depois disso veio o coro das fadas. Tinham passado a semana toda ocupadas, guinchando num estádio, porque sabiam que a Inglaterra ia perder o campeonato europeu, mas se esforçaram bastante, vestiram túnicas brancas e estavam com a aparência que deviam ter: sinistra e triste. As canções também eram sinistras e tristes – canções sobre as trevas, o horror, a tristeza e a decadência.

Quando as fadas terminaram, Raimundo quis saber se iam ser serradas ao meio.

– Sempre aparece gente serrada ao meio quando tem mágica na televisão – disse ele.

Não é preciso dizer que as fadas não permaneceram ali depois daquilo. Veio Hans, fazer levantamento de peso.

O ogro tinha lavado as sementes de samambaia e estava com a aparência esplêndida, de short de couro, suspensórios bordados, meias até os joelhos com borla do lado.

Primeiramente, levantou um banco de jardim, rodou-o por sobre a cabeça e o depositou no chão. Depois, arrancou um bebedouro de cimento, balançou-o no nariz – e o pôs de volta. Em seguida, voltou-se para a estátua de Alderman, sir Harold Henfitter, instalada um mês antes. O Alderman era feito de bronze e se apoiava num pedestal de mármore. Até Hans teve de puxar e escavar diversas vezes para conseguir arrancá-la da terra.

Mas conseguiu. Então, contou um... dois... três... e jogou o Alderman de dez toneladas pelo ar!

Todos esperaram. Esperaram, esperaram, mas nada aconteceu. Nada iria acontecer nunca – e aí estava o xis da questão, é claro. O Alderman havia sido lançado com tamanha força, que jamais desceria outra vez. Até agora, sir Harold Henfitter está girando em algum ponto do espaço e vai continuar girando até o fim dos tempos.

Não é fácil acreditar no que Raimundo fez depois desta mágica assombrosa. Apontou o dedo gordo para o peito do gigante. Riu. E depois falou:

– Caiu um botão do suspensório dele!

Ninguém acreditou no que ouviu. Fazer comentários pessoais é uma coisa rude em qualquer momento, mas num momento daqueles! É verdade que se notava ligeiramente a falta do botão, mas era só de um lado. E o short de couro do ogro nem tinha escorregado.

Assim mesmo, o espetáculo tinha de continuar. Os magos se dedicaram a alguns truques com o tempo, fazendo chover de um lado e nevar do outro e, invocando um trovão seguido de relâmpago, chegou a hora dos refrescos.

Gurkie tinha ficado encarregada deles e, em vez de arrumar uma mulher do sorvete para vir com a bandeja, usou coisa muito especial. Correu até o grande olmo que ficava junto à água e chamou os pirilampos, de modo que a árvore se acendeu, luminosa como um palco. Então bateu na casca e falou suavemente com a árvore – e pasme! Cada galho começou a dar frutos. Havia pêsego parecido com lua; maçã com casca vermelha brilhante; pêra grande como dois punhos juntos.



– Imploramos que Sua Alteza se refresque – disse Gurkie. Raimundo desceu do trono e bamboleou até à árvore. Então disse:

– Não gosto de fruta. Tem gosma. Quero bala puxa.

Todo mundo ficou meio desanimado depois daquilo. Cor não sabia o que era; não existia quando morou Lá em Cima, e mesmo depois que o demônio chamado Henrique Prendergast a descreveu, não teve ânimo de fazer aquilo aparecer. São muito poucas as mágicas feitas com bala puxa em qualquer lugar do mundo... Afinal, uma bruxa boa, que trabalhava de cozinheira numa escola, pegou a bicicleta, encontrou uma venda noite e dia que vendia bala, e trouxe uma para Raimundo, que pôs-se a chupá-la, movendo-a de uma bochecha para a outra durante toda a segunda parte do espetáculo.

Esta começou com a tia de Oti e seu círculo de costura. Eram sete daquelas Velhas das Sombras, e embora todas fossem ferozes e cabeludas, a tia de Oti era, definitivamente, a mais feroz e cabeluda de todas. As senhoras fizeram umas às outras carecas, fizeram lagartos sair das narinas umas das outras, contagiaram umas às outras com varicela... E, entre as plantas, Oti soltou um suspiro.

– Acha que um dia serei assim? – perguntou.

– Claro – respondeu Ben, com firmeza. – Só tem de ficar um pouquinho mais velha.

Em seguida vieram os três espíritos das árvores de Gurkie. Fazer um espírito deixar sua árvore não é fácil, mas Gurkie tinha um jeito tal que, um por um, todos saíram: o velho e curvado espírito do carvalho; o espírito cinza, ligeiramente esnobe, do freixo; o espírito tremulante do salgueiro... A dança que fizeram era tão antiga quanto Stonehenge – em mil anos, só três seres humanos tinham recebido permissão para assisti-la – e Raimundo Trottle, ali sentado, movendo a bala de um lado a outro, bocejou.

Chegou, então, o grande momento de Cor. Ele caminhou até à beira do lago, e magos, bruxas, fadas e demônios prenderam a respiração.

O mago fechou os olhos. Acenou com a varinha e disse o encantamento de levantar monstro... Nada aconteceu. Mais uma vez ergueu a vara, mais uma vez disse o encantamento...

Nada... Os ombros de Cor curvaram-se. Estava velho demais. Seu poder tinha ido embora. Pela terceira e última vez, o mago buscou forças e proferiu as palavras mágicas. Tinha se virado, os observadores sacudiam a cabeça... Então, nas águas do lago surgiu uma espécie de... tremor. Ao tremor seguiu-se uma agitação... Depois, todo um círculo de ondas... E do centro do círculo veio... muito, muito lentamente... uma cabeça.

Era uma cabeça grande e humana – mas incomum. À cabeça se seguia um pescoço e ao pescoço, ombros e peito, mas o que vinha depois não era corpo de homem, era corpo de cavalo.

E todos se recordaram do que é que havia de diferente num nuckelavee.



Não era o fato de ter cabeça de homem e corpo de cavalo. Animais que são parte gente e pessoas que são parte animal são moeda corrente onde existe magia. Não. O incomum no nuckelavee era o fato de ele não ter pele.

Conforme o monstro olhou em volta, imaginando quem poderia tê-lo chamado das profundezas, as pessoas podiam ver o sangue correndo por dentro das artérias dele e o pulmão captando ar. Podiam ver a forma em curva do estômago, a digerir a comida de nuckelavee, e até o coração da criatura, pacientemente bombeando, bombeando, tão límpido como se o estivessem vendo através de vidro.

Ninguém conseguia tirar os olhos dele; estavam em transe! Ser capaz de ver um corpo vivo daquele jeito – poder estudar o maravilhoso trabalho dos músculos, nervos e glândulas – era honra em que mal podiam acreditar. Um jovem primo do demônio Henrique Prendergast decidiu ali, naquela hora, tomar-se médico.

É claro, deviam ter imaginado o que ia acontecer. Deviam ter imaginado que Raimundo Trottle ia estragar aquele momento espantoso, maravilhoso – momento tão especial que nenhum deles o esqueceu enquanto viveu. Deviam ter imaginado que aquele menino que mexia as bochechas, de olhos de porco, ia ferir, insultar a criatura que inspirava temor. Pois foi o que ele fez.

– Eca! – falou Raimundo – Ui! Que nojo! Não gosto dele!

Foi a gota d'água, é claro. O nuckelavee afundou. Os espectadores soltaram um grande grunhido, pois sabiam que levaria cem anos para o monstro aparecer outra vez e de novo poderem estudar aquele milagre da natureza.

Depois daquilo, nada havia a fazer, a não ser encerrar. O demônio chamado Henrique Prendergast transformou a si mesmo num gerente de banco e num policial, as bruxas fizeram algumas coisas interessantes com sapos, todos levantaram as tochas e saudaram Raimundo, o príncipe da Ilha – e pronto.

– Bem, Alteza – disse Cor, mas sem esperança alguma –, agora vê sobre que forças poderosas irá reinar se vier para a Ilha? Virá conosco?

Raimundo deu de ombros.

– Sei não. Acho que não. – Depois disse: – Você não fez ouro, não é? Pensei que todo mago fazia ouro. Consegue fazer?

– Com certeza podemos fazer ouro, Sua Alteza. Qualquer mago que se preze consegue fazer ouro, mas não é tão interessante de observar.

– Não acredito em você. Não acredito que seja capaz de fazer.

Cor virou e bateu palmas. Três magos logo vieram ter com ele.

– Sua Alteza quer que façamos ouro – disse, cansado. – Tragam um metal qualquer para servir de base – um pedaço de calha... uma roda velha de bicicleta... qualquer coisa.

Os magos desapareceram e voltaram com um carregamento de metal velho, que puseram no chão, perto de Raimundo.

– Fazemos, senhor? – perguntaram, porque Cor parecia desesperadamente cansado.



Mas o velho mago sacudiu a cabeça.

– Apenas acendam o fogo – disse ele.

Quando estava aceso, curvou-se sobre o fogo. Nem se preocupou em tirar a varinha ou consultar o livro de encantamentos. Fazer ouro é coisa que os magos aprendem no jardim-de-infância.

Raimundo, que não demonstrou qualquer interesse nas sereias que cantavam nos esguichos de água ou no nuckel que se ergueu do fundo, não conseguia tirar os olhos do que Cornelius estava fazendo.

A velha roda de bicicleta e as latas de alumínio brilhavam... faiscavam... as chamas ficaram verdes, cor de púrpura, vermelhas... Cor murmurava algo. Com um pequeno baque, o centro do fogo se encheu de massa de metal derretido, que brilhava à luz das chamas.

– É ouro? Ouro de verdade? – perguntou Raimundo.

– Sim, Alteza – respondeu Cor. Soprou o metal, esfriou-o e entregou a Raimundo.

– E se eu for para a Ilha, você poderá fazer mais ouro? Quanto eu quiser?

O mago fez que sim.

– Sim, Alteza. – Podia ter dito que ninguém usava ouro na Ilha, que trocavam ou davam as coisas, mas não o fez.

– Então eu vou – disse Raimundo.

Dez

– Depressa, menino – disse o sr. Fulton, empurrando Ben. – Você ainda tem de trazer as batatas da despensa, polir os cobres e lavar as garrafas de leite.

O mordomo era alto, carrancudo, reinava com pulso de ferro, jamais sorria.

– Ele hoje está sonhando acordado – disse dona Flint. – Tive de mandá-lo limpar o forno três vezes.

É comum as cozinheiras serem gordas e receptivas, mas esta era magra, zangada, além de aparentemente odiar a comida que fazia.

Só a arrumadeira, Rosita, lançou a Ben um olhar gentil. O menino tinha um ar exausto, como se não tivesse dormido.

Rosita estava certa. Ele mal fechara os olhos depois que voltou sorrateiramente para casa do parque na noite anterior. Estava alegre, é claro, pois Raimundo tinha concordado em partir com a equipe de resgate; tinha de estar alegre. Cor e Gurkie sentiam-se tão aliviados de terem levado a bom termo sua tarefa... Mas enquanto carregava o pesado saco de batatas, subindo a escada da despensa, sentiu-se miserável como nunca antes na vida.

Dali a meia hora, Raimundo saíria de casa e jamais retornaria. Nas manhãs de segunda-feira, ele costumava ir à casa de dona Frankenheimer, fazer exercícios para pé chato e joelho para dentro. Dona Frankenheimer era muito tranqüila e não ia reparar se ele não aparecesse, de modo que ia se encontrar com a equipe de resgate na esquina da rua, em vez de seguir para o colégio. Mais ou menos na hora em que Ben estivesse sentado na sala de aula, abrindo o livro de aritmética, Raimundo estaria pisando as areias da Caverna Secreta.

Quando foi apanhar a pasta da escola, Ben tropeçou na caixa de areia, embaixo da cama. Tinha quase conseguido treinar o fabricante de névoa só nos três dias em que ficou com ele escondido no quarto. O animal era incrivelmente inteligente. A consciência de que jamais o veria de novo de repente lhe pareceu insuportável.

Ben estava resignado com a vida que tinha – as tarefas de manhã cedo, trabalho pesado de novo quando voltava para casa à noite – mas isso, antes de encontrar gente amiga, que realmente o entendia.

E ele tinha discutido com Oti.

– Você vem conosco, é claro – Oti tinha dito. – Você vem para a Ilha.

E ele tinha respondido:

– Não posso, Oti.



A bruxa ficou furiosa.

– É claro que pode! Se está preocupado porque Raimundo é tão chato, não precisa ficar. Se ele não melhorar nada até crescer, vou fazer uma revolução, conseguir que o decapitem! Pode estar certo!

– Não é Raimundo, Oti. Não me incomodo com ele. É minha avó. Ela me acolheu porque eu não tinha ninguém. Não posso deixá-la agora que está doente. Você tem de entender isto.

Mas Oti não entendia. Bateu o pé, disse desaforo, e mesmo quando Cor concordou com Ben e disse que se tem de ajudar as pessoas que nos ajudaram, saiu dali feito um furacão.

Bom, nada disto tinha mais importância. Nunca mais veria qualquer deles novamente.

De modo geral, Ben gostava do colégio, mas naquela manhã, o prédio antigo, simplório, de janelas altas, o fez sentir-se numa gaiola. E para piorar as coisas, a professora tinha ficado doente e o estudante que a substituiu tinha visível pavor de criança. Ia ser uma manhã tumultuada, pensou Ben – e estava certo.

No intervalo, não se juntou aos amigos. Foi para o canto dele no pátio de recreio. Nos maus momentos, uma coisa de cada vez, dizia a Babá.

– Só se pode dar um passo de cada vez, Ben – tinha dito ela. Mas hoje parecia que os passos só levariam à estrada mais cinzenta, mais horrível que podia imaginar.

Havia uma grade no asfalto, cobrindo um ralo, e ele se acorou ali, imaginando se o Chapinhador, com suas botinas, não estaria por perto... Isto o fez pensar em Melisande e no nuckelavee, com sua cara interessante... Bem, aquilo tinha terminado, para sempre. Nunca mais iria ver mágica, era apenas um menino comum.

Por um momento, ficou na dúvida: deveria mudar de idéia? O gampi ainda estava aberto. A equipe de resgate confiou nele, contou onde ficava. Fechou os olhos e viu o navio de três mastros cortando as ondas... viu a lombada verde da Ilha com suas areias douradas e o sol brilhando nos telhados do palácio...

Então o quadro desapareceu e outro surgiu em seu lugar. Uma velha deitada numa cama de hospital alta, encolhida, doente, observando-o a atravessar a enfermaria.

A professora deu o toque. As crianças correram de volta ao edifício, mas Ben ficou para trás.

Quando olhou para cima, uma menina pequena vinha em sua direção, do outro lado da rua. Usava blazer à moda antiga, tinha o cabelo grosso, preto, repartido em dois rabos-de-cavalo, e a cara, fechada.

Ben se pôs de pé. Tentou ser razoável – tentou de verdade –mas, com um nó na garganta, esticou a mão através da grade, como um prisioneiro.

– Ah, Oti – disse –, estou muitíssimo feliz de ver você!

Raimundo não havia cumprido a promessa. Não havia aparecido na esquina da rua da dona Frankenheimer, conforme o prometido. Esperaram, esperaram, mas não veio.

– Devíamos ter imaginado que o menino porco ia nos deixar na mão – disse Oti. – Os outros se encontram num estado lastimável. Gurkie só fica repetindo que, se fosse fuat, isso não teria acontecido, o que é completamente ridículo.

– O que é fuat?

– Ah, uma fada muito má, pantanosa, com todo tipo de mau hábito. O gigante não pára de falar em socar e ensacar e que foi culpa de ele não ter feito assim; e o mago parece estar com duzentos anos de idade. Realmente ama o rei e a rainha.

– Mas, então, onde está Raimundo?

– Aí é que está. Ninguém sabe. Não está em casa, pois os fantasmas procuraram em todo lugar. Dona Trottle também saiu. Ernie acha que Raimundo deve ter dado com a língua nos dentes, e ela deve ter fugido com ele. É grave, Ben. São só cinco dias mais até o Fechamento. É preciso encontrá-lo.

Ben se retesou, a menina o achou tão destemido, de repente, tão forte.

– Não se preocupe, Oti. Vamos encontrá-lo. Tenho certeza absoluta.

Ernie estava certo. Raimundo dera com a língua nos dentes. Quando a mãe veio acordá-lo, dizendo que se apressasse para não chegar atrasado na casa de dona Frankenheimer, Raimundo bocejou e disse:

– Não preciso mais ir à casa de dona Frankenheimer. Nunca mais.

Dona Trottle sentou-se na beira da cama, soltando ondas de Canibal por sobre a colcha, e pôs a mão rechonchuda na testa de Raimundo.

– Não dificulte as coisas, meu docinho. Você sabe que dona Frankenheimer faz seus pés ficarem bonitos... E você não pode mais perder aula. O diretor ficou zangado semana passada. Imagine, se for expulso e tiver de ir para uma escola comum, com crianças comuns...

Raimundo esticou os braços por trás da cabeça e sorriu, afetado.

– Também não preciso mais ir à escola. Nunca mais vou à escola. Sou um príncipe.

– É claro. Para a sua mamãe, você é um príncipe – disse dona Trottle, dando-lhe um beijo cheio de batom. – Mas...

– Não é príncipe desse tipo. Sou príncipe de verdade. Vou me embora para reinar sobre centenas de pessoas numa ilha secreta.

– Sim, querido – disse dona Trottle. – É um sonho muito lindo que você teve, mas agora, por favor, vista-se.

– Não é sonho – disse Raimundo, contrariado. – Eles me disseram. O velho, no parque. E a moça com a beterraba no chapéu. Vou ser um governante famoso e nunca mais preciso fazer nada que não queira.



Dona Trottle continuou demonstrando impaciência, sem dar importância à história. Então, foi apanhar o casaco, que Raimundo deixara jogado no chão, viu restos de capim e, na cava do botão, um raminho de planta. Franziu a cara.

– Raimundo, o que significa isto? Esteve lá fora depois que o botei para dormir?

Raimundo deu de ombros.

– Você agora não pode mandar em mim – disse ele. – Nem o papai. Porque sou um príncipe. Eles vêm hoje de manhã para me mostrar o caminho secreto.

De repente, Dona Trottle ficou muito alarmada. Correu ao quarto de vestir de seu Trottle:

– Landon, acho que Raimundo corre perigo. Estão lhe dando drogas, drogas terríveis, para fazer com que acredite numa série de coisas. É um plano para seqüestrá-lo e nos fazer pagar resgate. Tenho certeza!

– Não faz sentido – disse seu Trottle, vestindo as calças. – Quem ia querer seqüestrar Raimundo?

Não era coisa para um pai dizer, mas a cabeça de seu Trottle estava no banco.

– Qualquer um que saiba que somos ricos. Estou falando sério. Convenceram–no de que é um príncipe, para atraí-lo.

– Mas ele não é, certo? – disse seu Trottle.

– Landon, por favor, quer me escutar? Estou muito preocupada.

– Então por que não entra em contato com a polícia?

– De jeito nenhum!

Eram muitas as razões por que dona Trottle não queria a polícia metida nas Torres Trottle. De repente, ela disse:

– Vou levar Raimundo embora. Vou para um esconderijo. Agora, neste instante. Você fica, troca as fechaduras, investiga para ver se encontra alguma coisa sinistra.

Não ia esperar nem mais um minuto. Dona Trottle era uma mulher burra, mas quando se tratava de proteger o filho, virava um fio desencapado. Sem dar importância aos gemidos e gritos de Raimundo, dizendo que era príncipe, que realmente era príncipe, ela fez as malas e, meia hora depois, saiu, com Raimundo, de táxi, e ninguém, entre os que trabalhavam nas Torres Trottle, sabia para onde tinham ido.

A procura por Raimundo levou aquele dia todo e o seguinte.

Todos ajudaram. Os Fantasmas do Gampi entraram em contato com os fantasmas de todas as outras estações ferroviárias, e logo não saía um trem de Londres sem um espectro deslizando pelos vagões à procura de um menino gordo, que mancava ao andar, e sua mãe, a mancar ainda mais.

As sereias e ninfas aquáticas verificaram os barcos nos rios, caso os Trottle resolvessem fugir por mar. As pombas especiais do encantador voaram por toda a extensão da terra, levando mensagens aos trabalhadores nas estradas e postos que pudessem ter visto o carro dos Trottle. E o fiscal de trem chamado Brian (o do 9.15 de



Peterborough) ficou o dia todo sentado na frente do computador, em Heathrow, checando as listas de passageiros, embora a eletricidade seja das piores coisas para o ectoplasma de um fantasma.

Ben não voltou à escola depois da visita de Oti. Pediu autorização ao diretor para sair à tarde, e como chegou com cara de doente, o diretor deixou.

– Só volte quando estiver bem – disse ele, e isto não era coisa que dissesse a muitas crianças.

Apesar de revirar as Torres Trottle atrás de pistas e tentar tirar informações dos empregados, nada conseguiu. Seu Trottle voltou na hora do almoço com um chaveiro e disse a todo mundo que a esposa e o filho ficariam longe por muito tempo. Foi tudo o que se pôde descobrir.

Inicialmente, Ben pensou que dona Trottle levara Raimundo para a casa da Escócia, mas uma das fadas, que vinha de Glasgow, telefonou para o chefe da estação de Achnasheen, e este jurou que não havia sinal dos Trottle.

– Teriam logo sido notados – disse. – Vestidos com kilts da moda, que eles não têm o direito de usar, e com aqueles modos autoritários...

A equipe de resgate retornou para a casa do parque, agora transformada em quartel-general da busca. Havia comprado uns cobertores, fogareiro, chaleira, cadeiras dobráveis... e Hans pintou um cartaz que dizia: PARTICULAR: NÃO ENTRE, para botar no caminho. Felizmente, o vigia-chefe estava de férias, de modo que ninguém os perturbou. Mas, para garantir, Gurkie falou com os arbustos, que se adensaram e emaranharam: os passantes nada poderiam ver. Ela plantou a beterraba do chapéu, porque as pessoas realmente ficavam olhando, e para não deixá-la só, fez um canteiro de verduras, de onde brotaram imensos alhos-porós e alfaces. Do outro lado do lago, uma begônia cor-de-rosa criou tamanha confusão porque queria ficar perto dela, que a fada a mudou de lugar, trazendo-a para junto da escada de madeira.

Mesmo sendo capaz de alimentar e dar conforto a todo mundo, Gurkie vivia preocupada, achando que deveria ter nascido fuat.

– Não deveria, Gurkie – disse Ben, com firmeza. – Você ser fuat, seja lá o que for isto, é uma idéia perfeitamente horrível, que de nada serviria.

Ele também não permitiu que o gigante continuasse a se lamentar por não ter socado e ensacado o príncipe.

– Raimundo será encontrado. Tenho absoluta certeza – disse Ben.

Na opinião de Oti, Ben estava mudando. Estava virando uma pessoa em quem se podia confiar. Enquanto punha no chão uma tigela de leite para o fabricante de névoa, observava. O animal tinha dado para ir atrás de Ben onde quer que este fosse, soltando ruídos ofendidos quando não era imediatamente apanhado no colo ou não recebia cafuné na barriga. Ia ser um problema na hora de voltar e se separar do menino, pensou Oti, e ficou imaginando se não devia matar a avó de Ben. Matar gente era o tipo de coisa que as bruxas foram feitas para fazer, mas não era permitido na Ilha e, sem prática, provavelmente, não seria boa idéia.



Mas, agora, o que interessava era encontrar Raimundo. Toda aquela tarde e todo o anoitecer, até alta noite, procuraram, procuraram... magos, feitiças, fantasmas, fadas, demônios. E assim que o dia rompeu, começaram a procurar. Mas parecia que Raimundo e a mãe tinham sumido da face da Terra.

Onze

A rainha se debruçou na janela do quarto. Tanto que quase caiu, não fosse um anão, que o rei tinha encarregado de segurar os pés dela. Há dias os segurava, porque ela nada fazia além de olhar o mar, em busca do navio de três mastros.

– Oh, onde está? – disse, pela centésima vez. – Por que não chega?

Havia homens por toda a Ilha espiando por telescópios. Os golfinhos batiam os mares, e as aves falantes – minas e papagaios – estavam o tempo todo no ar. No instante em que o navio fosse avistado, iam soltar foguetes. Mas a rainha continuava esperando, o cabelo comprido no parapeito, como se, com aquilo, pudesse fazer seu filho querer voltar para ela.

Então, o anão soltou um suspiro. Estava ficando cansado. Arrastando-se, a rainha foi ao quarto seguinte, que tinha preparado para o príncipe – o antigo berço, de cortinado branco, ainda no canto. Mas os carpinteiros do palácio tinham lhe feito uma bela cama de cedro, escrivaninha trabalhada e estante de livros, porque ela sabia, sem que lhe tivessem dito, que o príncipe adorava ler. O quarto que preparou não estava entulhado de coisas, mas o tapete, com desenhos de animais mitológicos e flores, tinha levado sete anos para ficar pronto, e junto à janela havia um banco grande, para ele se sentar e olhar as águas da baía.

Mas será que viria a sentar-se ali um dia? Será que um dia ela ia entrar no quarto e ver seu rosto inteligente voltar-se em sua direção?

O rei, entrando no quarto, a encontrou de novo em lágrimas.

– Venha, minha querida – disse, abraçando-a. – Ainda faltam cinco dias para a equipe de resgate trazê-lo de volta.

Mas nada consolava a rainha.

– Pelo menos me deixe ir à Caverna Secreta! – ela implorou. – Deixe-me esperar por ele lá!

O rei sacudiu a cabeça negativamente.

– O que é que você vai fazer lá, meu amor? Só afligir-se e preocupar-se. O seu povo precisa de você.

– Eu ficaria mais perto dele. Ficaria perto.

O rei nada disse. Tinha medo de deixar a esposa se aproximar da boca do gampi. Se perdesse a cabeça e o atravessasse, poderia perdê-la, como perdeu o filho.

– Tente ter paciência – ele pediu. – Seja corajosa.



O rei e a rainha não eram as únicas pessoas na Ilha que se preocupavam e sentiam medo. As crianças, liberadas das aulas durante os nove dias da abertura, decoraram as escolas com flores e penduraram faixas dizendo BEM-VINDO, PRÍNCIPE. Agora, as flores murchavam, as faixas estavam caídas, após uma chuva. Os confeitheiros, que tinham feito bolos enormes, de três andares, para o banquete de boas-vindas, já os espetavam com o garfo, para ver se não estavam velhos e se não tinham de fazer tudo de novo. As donas de casa, tendo passado a ferro os melhores vestidos, os sacudiam e tomavam a passar, porque já se amarrotavam.

Quanto às enfermeiras na caverna, encomendaram, antes da Abertura, uma caixa de bananas verdes, de tal modo que desse tempo de elas amadurecerem até o navio ser avistado. Assim, comeriam a fruta firme, recém-amadurecida. Mas como não vinham notícias, encaixotaram-na de novo e voltaram aos lamentos e à torrada queimada.

Então, naquela noite, a praça começou a se encher de uma gente muito estranha.

Bem antes, já tinha havido rumores de descontentamento no Norte da Ilha. Não só o tipo de reclamação que se ouve sempre de pessoas que não foram escolhidas para um cargo e estão certas de que poderiam ter se desincumbido dele. Não só reclamações das irmãs de Oti, porque a irmã pequena tinha sido escolhida e elas não. Não só reclamações de gigantes rabugentos, do tipo “mandaram um maricas com voz de falso para trazer o príncipe de volta, o que se podia esperar?” Não... Era um descontentamento mais sério, e da parte de criaturas que tinham de ser levadas em conta.

E, naquela noite – a quarta noite da Abertura –, esse povo descontente do Norte chegou. Veio aos bandos, encheu a praça gramada em frente ao palácio e ali ficou esperando, de cara para as janelas...

Eram estranhas as caras também: as azuis-negras dos pescocinhos, com seus pés tortos; as dos ladradores do céu, com baba na boca; as daqueles cães do inferno carregados pelo ar, com olhos do tamanho de pires e línguas de fogo; e as das bruxas, de olhos vesgos.

Havia bruxas na praça que faziam as irmãs de Oti parecerem fadas cintilantes, uma minhoca do comprimento de um trem e até uma daquelas bolhas frias, sem forma, que se arrastam pela terra feito geléia, capazes de tragar qualquer um que esteja no caminho.

E lá estavam as harpias! Tinham chegado à frente da multidão a cotoveladas – mulheres monstruosas, com asas e garras de aves. Até mesmo as criaturas mais duras, que aguardavam ali, junto, abriam espaço para elas.

– Que escolham um porta-voz, e vamos ouvir o que têm a dizer – falou o rei.

Mas ele sabia por que tinham vindo e o que tinham a dizer. As criaturas do Norte eram súditos seus, tanto quanto qualquer criança comum de colégio ou fada de bom coração. Constituíam o pessoal da polícia. Não havia prisão na Ilha. Não havia necessidade. Nenhum ladrão roubaria duas vezes se isto significasse um cão do inferno a voar janela adentro e lhe arrancar pedaços do traseiro. Qualquer jovem que se embebedasse e fizesse arruaça ficava sóbrio de cara com uma bruxa vesga lhe

aterrissando sobre o peito, torcendo seu estômago, trazendo pesadelos horríveis. Bastava dizer a palavra “harpia” para o mais vil dos canalhas ficar bonzinho na hora.

E foi uma harpia – a harpia-chefe – que, empurrando os outros de lado, adiantou-se para junto do rei.

Chamava-se dona Smith. Mas não era casada: seria difícil imaginar alguém disposto a sentar-se na cama a seu lado e beber chá. A harpia tinha cara de política autoritária, do tipo que aparece na tevê e manda você não comer o que gosta e o induz a utilizar o seu dinheiro de forma diferente. Seu cabelo metálico, no qual tinha feito um permanente, estava puxado para trás, a partir da testa, e penteado em cachos rígidos. Seus olhos de conta estavam entre um nariz com o qual se podia até cortar queijo. E sua boca era tão enrugada quanto uma casa de botão malfeita. Em torno do pescoço usava um colar de pérolas e, pendurada no braço, uma bolsa. A blusa de malha sintética estava enfiada dentro das calças verde-escuras, largas até os joelhos, com babados em tomo da bainha.

Mas embaixo das calças vinham as longas pernas escamadas e as assustadoras garras de ave de rapina e, espetado nas costas, furando a blusa, um par de asas negras, que soltavam um cheiro estranho, rançoso.

– Vim para falar sobre o príncipe – disse dona Smith, numa voz alta, cortante. – Estou descontente com a forma como se tratou desse resgate. Atônita. Chocada. Todos nós estamos.

As harpias estão por aí há centenas de anos. Nos velhos tempos, eram chamadas de Ladrões, porque roubavam a comida das pessoas, que morriam de fome, ou a estragavam, para que ficasse intragável. E não era só a comida que levavam nas garras horrorosas. As harpias serviam como castigo: carregavam as pessoas para longe, para torturas terríveis no Submundo.

Dona Smith ajeitou o cabelo e abriu a bolsa.

– Não! – disse o rei, levantando a mão.

As bolsas das harpias são um horror, impossível descrever. Lá dentro tem maquiagem: pó facial, batom, perfume... Mas que maquiagem! O pó de arroz delas tem cheiro de vísceras de animais abatidos, e uma gota de seu perfume pode fazer todo um exército recuar, cambaleando.

– No palácio, não! – prosseguiu, com gravidade.

Até dona Smith obedecia ao rei. Fechou a bolsa. Mas continuou a reclamar:

– É óbvio que aquela fada fraquinha e aquele mago trêmulo falharam; não se pode imaginar outra coisa. E, francamente, minha paciência se esgotou. Insisto em que me mandem com minhas ajudantes para trazer o príncipe.

– O que faz você ter tanta certeza de que vai encontrá-lo? – perguntou o rei.

A harpia remexeu nas pérolas.

– Tenho meus métodos – disse ela. – E prometo que o príncipe não escapará de nós. – Levantou uma das pernas, abriu as garras, pintadas com um esmalte negro nojento e fechou-as outra vez.



A rainha cobriu o rosto com as mãos.

– Como vê, meus ajudantes estão a postos, esperando – disse a harpia. – Acenou com o braço na direção da janela e, de fato, havia mais quatro harpias asquerosas, parecendo abutres, com as bolsas, de pé à luz do poste. – Levarei também alguns dos cães. Vocês verão: o menino estará de volta sem demora.

Com “cães” ela queria dizer os aterradores ladradores do céu, de hálito de fogo e baba nas mandíbulas.

A rainha empalideceu e caiu para trás na cadeira. Pensou em Gurkie, com seus modos gentis, amáveis... Em Oti mostrando a eles o fabricante de névoa bebê, que queria dar para o príncipe... E no velho Cor, tão orgulhoso de seu último trabalho para a corte. Por que falharam com ela? E como iria suportar ver o filho nas garras daquelas mulheres autoritárias e malcheirosas?

No entanto, quanto tempo mais poderiam esperar?

O rei, então, falou:

– Vamos esperar mais um dia – disse ele. – Se o príncipe não estiver de volta até à meia noite de amanhã, mando chamar todos vocês e escolho uma nova equipe de resgate para encontrá-lo. Até lá, todos têm de voltar para as suas casas, para que a rainha possa dormir.

Mas, depois do retomo dos nortistas, batendo asas, deslizando, saltando, o rei e a rainha fizeram de tudo, menos dormir. A noite inteira observaram a escuridão e pensaram com dor, saudade e desespero no filho perdido.

Doze

Dona Trottle estava no banho. A banheira era enorme, em forma de concha. Em toda a volta, pequenos pratos de vidro guardavam tipos diferentes de sabonetes, e uma bandeja folheada a ouro se estendia por sobre a água, de modo que ela pudesse pousar ali sua caixa de bombons, loções corporais e a história de amor vagabunda que estava lendo. Na prateleira acima de sua cabeça se encontrava um pote de cristais de banho cor-de-rosa, com aroma de rosas, e um pote de cristais verdes, com aroma de samambaia, e um pote de cristais amarelos, com aroma de verbena-limão. Mas os cristais que colocara na água eram de cor púrpura e recendiam a violeta. O rosto de dona Trottle estava coberto com uma máscara de morangos amassados, supostamente para fazê-la parecer jovem de novo. Três toalhas de banho aquecidas esperavam no suporte.

– Ta-ra-ra... Bum-de-raio! – cantarolava dona Trottle, ensaboando a barriga redonda, cor-de-rosa.

Sentia-se muito satisfeita consigo mesma, pois despistara os seqüestradores que estavam atrás de seu querido Raimundo. Fora mais esperta que a gangue: jamais encontrariam o seu filhote. Iam achar que teria ido para a Escócia, ou para a França, mas ela era esperta demais perto deles. O esconderijo que encontrara era tão seguro quanto uma casa – e igualmente confortável.

Dona Trottle escolheu outro bombom e acrescentou mais água quente à banheira com a ponta do dedo do pé pintada de magenta. No quarto ao lado se ouvia o barulho dos dados de Raimundo, que jogava ludo com um dos guarda-costas. Ela recomendou a Bruce que deixasse Raimundo vencer. O guarda-costas parecia estar atendendo ao pedido. O pobre rapazinho chorava sempre que perdia no ludo, e ela estava pagando bastante bem aos guardas.

Ela apanhou uma escova de cabo comprido e começou a esfregar as costas. Landon estava em casa para descobrir o que fosse possível a respeito dos seqüestradores. É provável que continuassem a espreitar a casa, e assim que soubesse quem eram, contrataria uns assassinos para se livrar deles. Esta era a vantagem de ser rica: não havia o que não se pudesse fazer.

E aquilo a fazia lembrar de Ben. Tinha telefonado para o hospital. Embora lá nunca lhe dissessem o que você queria saber, aparentemente Babá Brown jamais sairia dali. No segundo em que a velha estivesse fora do caminho, ela atacaria Ben. Pensar na Casa Ramsden, lá em cima, nas Midlands, a fez sorrir. Só aceitavam crianças difíceis; crianças que precisavam de uma interferência. Não faria sentido Ben continuar por muito tempo os estudos. Assim que tivesse idade suficiente seria mandado a uma fábrica ou mina para trabalhar.



Como odiava o menino! Por que aprendeu a ler anos antes de Raimundo? Por que era bom nos esportes quando o seu bebê achava tudo tão difícil? E o modo como Ben olhava para ela, quando era pequeno, do fundo daqueles olhos grandes. Bom, iria arrumar um lugar e botar um fim naquilo tudo!

Quanto a Raimundo, a mãe o apavorara tanto, que não tinha como ele sair por aí outra vez. Agora ele sabia que todas as coisas que achava ter visto no parque, e antes, no seu quarto, foram efeito de drogas que lhe tinham dado.

– Pessoas assim farão qualquer coisa com você se o tiverem nas mãos – disse ela.
– Cortam sua orelha... acorrentam você ao chão...

Detestava alarmar seu nenenzinho, mas, assim, Raimundo iria obedecer.

Que lugar esplêndido era aquele, pensou dona Trottle, pingando água com sabão sobre as coxas. Tinha de tudo. E no entanto... talvez os sais de banho violeta não fossem bastante fortes? Talvez devesse adicionar um pouco dos dela, dos que trouxera de casa. Sentando-se, alcançou o vidro de Canibal na prateleira da banheira. O homem que fizera a mistura para ela jurou que nenhuma outra pessoa possuía um perfume igual.

– A senhora é a única dama do mundo, querida dona Trottle, que tem esse cheiro – ele tinha dito a ela.

Pôs o vidro de cabeça para baixo e generosamente derramou perfume na água. Agora sim! Sentia-se ela mesma de verdade.

Recostou-se e procurou pelo livro. O herói estava justamente fazendo chover beijos nos lábios carmesim da heroína. Seu Trottle nunca fez chover beijos sobre os lábios dela, nem nunca fez chover coisa alguma.

Por mais um quarto de hora, dona Trottle ficou ali, imersa, feliz, lendo.

Então, tirou a tampa do ralo.

O Chapinhador gostava do seu trabalho. Não se importava com o cheiro de esgoto; era um cheiro natural. Não era lá essas coisas... Mas era normal. Gostava dos túneis compridos e escuros e da maneira silenciosa, esperta, de as correntes d'água se encontrarem e ramificarem, para escoar. Era capaz de dizer exatamente onde se encontrava – embaixo de que rua, praça ou parque – só pela disposição dos canos. Era boa a sensação de saber que podia andar seis metros abaixo de Piccadilly Circus sem ser incomodado pelo tráfego nem pela algazarra das pessoas bobas tentando atravessar a rua.

Também não proporcionava uma vida ruim. Era de admirar o que as pessoas perdiam pelo vaso sanitário ou ralo da banheira, especialmente nas noites de sábado. Não jacarés – a maioria das histórias de jacarés nos esgotos é mentira. Mas brincos, isqueiros, óculos... Seu pai trabalhara no mesmo ramo, e o avô, também. Chamavam-nos “gente da descarga”, pessoas que ganham a vida nos esgotos. É claro, ter um pouco de sangue de peixe ajudava – e eles tinham –, eram pessoas que tinham se casado com coisas que viviam na água. Não que houvesse rabo de peixe na família: não eram a mesma coisa que sereia macho. Melisande tinha toda razão de ter orgulho dos



pés; rabo era um aborrecimento danado. Ninguém poderia trabalhar no esgoto com um rabo.

Pensar sobre Melisande fez a cara bigoduda do Chapinhador se fechar. Melisande era toda agitada. Tinha gostado muito da fada – de toda a equipe de resgate – e agora estava preocupada porque não conseguiam encontrar aquele menino chato. Ontem, tinham procurado o dia inteiro e hoje estavam naquilo de novo, revirando tudo lá em cima, mas sem notícia alguma.

Por cima do chapéu de lã, o Chapinhador estava usando um capacete com uma pequena lanterna. Agora, debruçando-se, viu um colar cor-de-rosa rolando na lama. Não era verdadeiro – logo viu. Plástico, mas uma coisa bonita. Daria alguns centavos depois de limpo. Já estava bom; ele não era ambicioso. Pescando-o com a rede, na ponta de um cabo comprido, passou adiante, ao longo da corrente de esgoto. Estava agora próximo ao Tâmis, mas hoje não iria embaixo dele. Às vezes havia coisa boa a se coletar da rua movimentada que corria paralela ao rio.

Virou para a direita, atravessou um escoadouro e andou ao longo de um dos túneis mais antigos, próximo à ponte de Waterloo. Podia-se dizer o quanto era antigo pelos tijolos, trabalhados de maneira limpa e cuidadosa. Não se fazia mais tijolo assim hoje em dia.

Então, de repente, parou e farejou. Seu nariz, que parecia uma tromba, e a boca se franziram, com repulsa. Alguma coisa diferente acabava de descer. Alguma coisa horrível, repugnante, errada. Alguma coisa que não pertencia aos cheiros naturais, globais, dos ralos.

– Eca! – disse o Chapinhador, e sacudiu a cabeça, como se pudesse escapar ao odor nojento. Um rato passou correndo, e ele fantasiou que estivesse fugindo do cheiro pegajoso, como ele próprio tinha vontade de fazer. Os ratos eram sensíveis. Podia confiar neles.

Não era só ruim – era familiar. Já o sentira antes, aquele cheiro doce, que tudo tomava, persistente.

Mas onde? Parou um instante para pensar, de pé à margem do fluxo do esgoto, que se movia devagar. Sim, estava se lembrando. Aqui não, em outro ponto da cidade.

Estava excitado. Indo adiante, examinou a entrada do bueiro alguns passos à frente. Sim, era dali que descia, junto com um jorro de água de banho. Inclinou a cabeça, de modo que a lanterna iluminasse a tubulação, assegurando-se de onde exatamente se encontrava.

Em seguida, voltou para trás e afastou-se correndo. Virou à esquerda, à direita... à esquerda outra vez. Um estojo de batom apontou bem perto dele – também parecia novo em folha –, mas não ia parar.

Meia hora depois, levantava a tampa do bueiro no caminho entre o Serpentina e a casinha do parque.

De início, ninguém conseguia acreditar na notícia maravilhosa. Ficaram em volta do Chapinhador, olhando-o com brilho nos olhos.



– É verdade? Você encontrou o príncipe? – perguntou Gurkie, segurando um alho-poró que tinha brotado da terra, de repente.

O Chapinhador fez que sim com a cabeça.

– Pelo menos encontrei a mãe dele.

– Mas, como? – Cornelius estava completamente atônito. Os Trottle, com certeza, não iam se esconder no esgoto.

O Chapinhador respondeu com uma única palavra.

– Canibal – disse ele.

– Canibal?

O mago sacudiu o aparelho de audição em forma de trombeta, achando que tinha escutado errado.

– Aquele perfume terrível que dona Trottle usa. É como um coice de mula. Eu costumava sentir o cheiro quando ia trabalhar embaixo das Torres Trottle. E agora acabo de senti-lo outra vez.

O círculo de rostos o olhava fixamente, sem respirar, de tanto suspense.

– Onde? Por favor, nos diga. Onde? – implorou Gurkie.

– Não posso dizer com certeza, porque voltei imediatamente, acompanhando a saída do esgoto – disse o Chapinhador, com certo orgulho. – Vinha do Astor. Foi para lá que dona Trottle levou Raimundo. Enfiou-se num buraco aqui mesmo em Londres, e num lugar esperto. Tirar o capetinha de lá será o mesmo que tirá-lo do Forte Knox.

O Astor era um hotel, mas não um hotel comum. Era um super-hotel de luxo, cinco estrelas, incrivelmente grandioso. A fachada dava para uma rua larga, com lojas e boates elegantes, e os fundos se debruçavam sobre o rio Tâmis, com suas pontes e os barcos passando. Só era permitido tomar chá no salão do Astor a cavalheiros que estivessem de gravata, e as mulheres que dançavam no salão de baile usavam vestidos que custavam tanto quanto um motorista de ônibus ganhava num ano. O Astor tinha piscina própria e academia de ginástica. No saguão de entrada havia vitrines com um sapato de couro de crocodilo ou uma pulseira de diamantes, e loja de flores, cabeleireiro, salão de beleza, de modo que você nunca precisava sair dali.

O melhor de tudo era o famoso bolo do Astor. Não era um bolo de verdade; pelo menos não para comer. Era um bolo imenso, feito de compensado, pintado de cor-de-rosa e decorado com uns enfeites enrolados, parecendo cobertura – e, toda noite, quando os hóspedes estavam jantando, ele entrava no restaurante, empurrado num carrinho, e uma linda moça pulava lá de dentro e dançava!

Não é preciso dizer que gente comum não ficava num hotel daqueles. Eram vedetes, executivos importantes, políticos e xeiques do petróleo que vinham para o Astor, e gente deste tipo, de um modo geral, tem medo. As estrelas têm medo dos fãs, que correm atrás delas, rasgando suas roupas; os políticos têm medo de levar um tiro de gente com quem mexeram; os xeiques do petróleo e os grandes executivos gostam de trabalhar em segredo.

De modo que o Astor tinha o melhor serviço de segurança do mundo. Guardas com tiras nos braços e rádios patrulhavam os corredores, havia alarme contra roubo em toda a parte e cofres à prova de bombas no sótão, onde os visitantes podiam guardar as jóias. A melhor coisa era a cobertura especial, no último andar, construída com concreto reforçado. Os quartos tinham paredes de grossura extra, números secretos e elevadores que chegavam até dentro deles, que não eram utilizados pelos outros hóspedes. Além disto, a cobertura havia sido construída em tomo de um heliporto, para que essas pessoas incrivelmente importantes pudessem entrar e sair do hotel via aérea, sem serem vistas por ninguém na rua.

E foi um desses quartos secretos – o número 202 – que dona Trottle alugou para si e Raimundo. Na verdade, não era um quarto: era todo um apartamento, com sala de visita de luxo e quarto com duas camas, para que dona Trottle pudesse vigiar o filhote até enquanto dormia. Mesmo assim, tinha se registrado no hotel com nome diferente: Lavínia Tarbuck. E Raimundo era Rolando Tarbuck. Além disto, os dois usavam óculos escuros. Com isto, tropeçavam a toda hora, mas se sentiam importantes.

Embora ferverhassem agentes de segurança pelo Astor, dona Trottle contratou dois guarda-costas especialmente para Raimundo. Bruce Trout era gordo e usava rabo-de-cavalo. Mas não era uma gordura vacilante, como a de Raimundo; era banha sólida. Seus dentes tinham apodrecido havia anos, porque nunca os escovava, e como a dentadura não encaixava, dificilmente era vista em sua boca. Não era incomum encontrá-la atrás do bule de chá ou debaixo do sofá. Não que isto tivesse importância. Diante de um problema qualquer, Bruce era capaz de matar uma pessoa mesmo sem os dentes, coisa que já tinha feito muitas vezes.

Mas o outro guarda-costas era mais temido e famoso em Londres. Dorina Trout era irmã de Bruce, mas não podia ser diferente dele. Pequena – parecia um camundongo –, usava um coque no cabelo grisalho e tinha olhos de um azul-pálido atrás dos óculos redondos. Dorina usava saias granulosas de lã e meias grossas – e mais que qualquer outra coisa, gostava de tricotar. Tricotava o dia inteiro: cardigãs púrpura, sapatinhos de bebê cor-de-rosa, meias três quartos de cores mescladas... Cla-queti, clic, cliqueti, clac – faziam as agulhas de Dorina de manhã à noite – e eram pontudas aquelas agulhas. Incrivelmente pontudas.

Há certos pontos no corpo humano que não têm ossos, e a pessoa que sabe exatamente onde ficam essas partes moles não precisa se preocupar com arma de fogo. Uma agulha realmente pontuda traz bem menos confusão, além de dificilmente deixar marcas.

Bruce estava custando à dona Trottle cem libras por dia, mas por Dorina das Partes Moles, como era chamada, pagava o dobro disto.

Dona Trottle tinha feito bem em assustar Raimundo. Ele acreditou quando ela disse que tudo o que tinha visto no parque e no quarto era efeito de drogas perigosas, colocadas pelos seqüestradores em sua comida. E quando ela disse que não desse um passo sem os guarda-costas, ele obedeceu.

A vida no Astor convinha a Raimundo. Ele gostava do carrinho prateado que vinha com o café da manhã, dos garçons, que o chamavam de “senhor”, e também gostava de não ter o pai por perto. Seu Trottle às vezes parecia pensar que Raimundo



não era absolutamente perfeito, e aquilo magoava o filho. Acima de tudo, Raimundo gostava de não ter de ir à escola.

Pelo fato de os guarda-costas serem tão cuidadosos, dona Trottle logo permitiu que o filho saísse do quarto. Assim, ele se sentava na Jacuzzi, ao lado da piscina, às gargalhadas, ia à sala de massagem com a mãe e comprava caixas sem fim de bombons na loja do saguão. À tarde, os Trottle comiam tortas de creme no bar Pátio das Palmeiras, que tinha palmeiras em vasos e um chafariz, e à noite (sempre seguidos pelos guarda-costas) iam ao restaurante jantar e ver a menina sair do bolo Astor.

Era uma menina realmente bonita, e a dança que fazia chamava-se Dança dos Sete Véus. Logo que pulava, vinha completamente coberta de ouro faiscante. Mas, à medida que ia dançando, deixava cair o primeiro véu... Depois, outro... outro e outro. Na última camada de pano, as luzes todas se apagavam... Quando voltavam a se acender, tanto a menina como o bolo haviam desaparecido.

Raimundo não conseguia tirar os olhos dela. Pensou em casar-se com uma menina como aquela quando crescesse, mas quando disse isto à mãe, esta mandou que deixasse de ser bobo.

– Meninas que saem de bolos são ordinárias – disse dona Trottle.

Ela gostava era do homem que tocava contrabaixo. Tinha um bigode de pontas levantadas e expressivos olhos negros. Chamava-se Rodrigo de Roque, mas seu nome real era Neville Potts. Seu Potts tinha uma esposa e cinco filhos, que amava muito, mas segundo o gerente do hotel, ele tinha de sorrir para as mulheres que estivessem sentadas por perto, para fazê-las sentirem-se bem, e ele obedecia.

Dona Trottle gostou tanto dele que, na segunda noite, decidiu descer depois que Raimundo estava na cama para ouvi-lo tocar.

Antes disto, porém, fez uma ligação para o marido.

– Fez o que eu disse? Quanto a Ben? – Fiz.

Seu Trottle parecia cansado.

– Tem certeza?

– Claro, tenho certeza – silvou dona Trottle. – Diga aos criados que ele talvez tenha de ir embora de repente, e não quero conversa sobre o assunto. – Ela ficou em silêncio um instante, batendo os dedos na mesa. Era importante que o menino não mostrasse marcas de batidas ou machucados quando fosse levado embora. – Pode dizer que o liberem do trabalho até ele ir e, lembre-se, não é para dizer *nada* a Ben. E os seqüestradores? Algum sinal deles?

– Não.

– Bom, continue observando – disse dona Trottle. Ela, então, se borrifou de Canibal e desceu a escada, para ver seu Potts, serrando, concentrado, seu contrabaixo, e desejando que chegasse a hora de ir para casa.

Treze

Todo mundo, sem exceção, queria ajudar a tirar Raimundo do Astor. Os fantasmas, as fadas e o demônio chamado Henrique Prendergast. Melisande mandou uma mensagem, dizendo que estava se mudando para o chafariz do Astor, para ficar de olho.

Mas antes de traçar o plano para arrebatrar o príncipe, sentiram que era preciso fazer uma coisa logo de cara: ou seja, mandar uma mensagem à Ilha.

– Devem estar muito preocupados, o pobre do rei e da rainha! – disse Gurkie. – E mesmo se tudo correr tranqüilamente, poderia levar mais uns dois dias para tirar Raimundo de lá. Se acharem que ele está perdido ou machucado, ficarão de coração partido.

Mas como fazê-lo? Ernie se ofereceu para passar de novo pelo gampi e falar com os marinheiros na Caverna Secreta, mas Cor sacudiu a cabeça.

– O coitado do seu ectoplasma já sofreu bastante – disse ele.

Era verdade. Não há nada pior para o ectoplasma de um fantasma que viajar em bolsas de ar, de modo que usar fantasmas como mensageiros é simplesmente uma crueldade.

A sorte, porém, estava do lado deles. A boa bruxa que trabalhava como cozinheira de escola e que havia apanhado a chupeta de Raimundo durante o Espetáculo Mágico decidiu atravessar o gampi imediatamente e se instalar na Ilha. Ao chegar ao trabalho, na segunda-feira de manhã, disseram-lhe que já não iam precisar dela, porque a escola tinha de economizar dinheiro. E, para ela, não valia a pena ficar vagando Aqui em Cima sem emprego.

– Não digo que gosto de Raimundo, porque não gosto. Mas quando estiver no trono, eu já estarei embaixo da terra – disse ela, quando veio se despedir.

Nem é preciso dizer que ficou muito feliz de poder levar uma mensagem para os marinheiros na Caverna Secreta, de modo que o problema foi resolvido.

– Diga-lhes que não há com que se preocupar. O príncipe foi encontrado e esperamos trazê-lo logo, logo – disse Cor, que na verdade achava que havia muito com o que se preocupar; por exemplo, como entrar no Astor, como socar e ensacar o menino detestável e como carregar até o gampi a criatura, a espernear. Mas estava determinado a não aborrecer o rei e a rainha.

Então, a bruxa, cujo nome era dona Frampton, disse que sem dúvida falaria com eles e encaminhou-se à estação Encruzilhada dos Reis. Em pouquíssimo tempo, saía nas areias da Caverna Secreta.



Ninguém pode trabalhar como cozinheira de escola, com crianças, e ser tristonha. Mas dona Frampton talvez fosse mais alegre do que o necessário. Seja como for, a mensagem que um marinheiro (rápido como o vento, em uma embarcação) levou para a Ilha foi tão encorajadora que a rainha voltou a rir, e as crianças nas escolas puseram flores frescas nas salas de aula. Todos se alegraram. A qualquer momento, a qualquer dia, o príncipe viria! As enfermeiras reabriram o engradado de bananas – e o que é mais importante, disseram às harpias, aos ladradores do céu e a todo o resto do pessoal sombrio do Norte que não haveria necessidade deles, que o príncipe havia sido encontrado, estava vindo, e tudo ia maravilhosamente bem!

No segundo dia de vigilância sobre Raimundo, Bruce estava completamente de saco cheio. Quando você é assassino e está acostumado com bandidos, não faz exigências. Mas ele nunca tinha visto um menino que abrisse uma caixa inteira de bombons e andasse com ela na frente dos outros sem oferecer um só. Bruce não gostava da maneira como Raimundo ganhava quando parecia que ia perder no ludo e achava que um menino que mandava buscar massagista para não fazer exercício era muito esquisito.

Mesmo assim, Bruce desempenhava sua tarefa. Nunca deixava Raimundo fora de vista, mantinha a arma no coldre, provava a comida que era mandada lá para cima, para ver se estava envenenada – e toda manhã, assim que Raimundo acordava, entrava no banheiro para se assegurar de que não havia inimigos enlouquecidos pelas drogas escondidos atrás da banheira ou no vaso sanitário.

Naquele momento, porém, saiu, com a cara pálida.

– Tem uma coisa estranha lá dentro. Estava meio frio e a cortina se mexeu, tenho certeza.

Dorina Trout continuou tricotando. Tricotava assim que acordava. Naquela manhã, era um par de sapatinhos de bebê –num ponto muito lindo, era cor-de-rosa – e o aço das agulhas brilhava ao sol.

– Bobagem – disse ela. – Você está imaginando coisas.

Ela se levantou e entrou no banheiro. A agulha vazia cintilou. Ela esperou. Não se seguiram gritos, nenhum sangue correu atrás das cortinas perfuradas.

– Viu? – disse ela. – Não tem ninguém aí.

Mas estava errada. Dona Partridge estava lá, e passando maus momentos... Era uma fantasma tímida, detestava nudez, mas se propôs a assombrar o quarto de dormir dos Trottle e fazer um mapa, e embora a visão de dona Trottle de roupa de baixo, borrifando Canibal nas axilas, a tenha deixado enjoada de verdade, estava determinada a cumprir sua missão.

Dona Partridge não era a única pessoa a observar os Trottle. Cor tinha decidido que era necessário passar um dia estudando seus movimentos antes de traçar um plano adequado para o resgate de Raimundo. De modo que Ernie flutuava pelas instalações da cozinha, procurando as saídas, espiando as caixas de luz... O demônio chamado Henrique Prendergast, disfarçado de garçom, preparava a bandeja de café da manhã de Raimundo...

E havia outros. Embaixo, na lavanderia, uma senhora imensamente triste tinha sido temporariamente contratada como encarregada da lavanderia. Chorava um pouco, enquanto contava lençóis, e estudava a passagem que mandava a roupa suja para baixo, para o porão. Não chorava porque estivesse particularmente preocupada, mas porque era uma fada do tipo que só faz chorar.

Por volta das dez e meia, Raimundo disse que estava entediado.

– Quero ir comprar alguma coisa – falou.

Então, os Trottsles desceram no elevador com os seus guarda-costas, e Raimundo entrou na loja de suvenires do hotel, grunhindo.

– Eles não têm a revista em quadrinhos que eu quero. E os brinquedos são sem graça.

Dona Trottsle também foi às compras. Resolveu comprar uma linda rosa vermelha para prender no decote, no jantar, para que o contrabaixista notasse e lhe sorrisse.

Mas hoje o ar da loja de flores estava diferente. A senhora que atendia parecia intrigada.

– Tudo cresceu – disse ela. – Olhe aquela seringueira! Eu podia jurar que cresceu trinta centímetros durante a noite. E aquela grinalda! Está com o dobro do tamanho que tinha!

A grinalda era composta de verde e lírios. O hotel sempre tinha coroas, porque muitas das pessoas que se hospedavam no Astor eram velhas e os amigos morriam.

Dona Trottsle inclinou a cabeça para cheirar um lírio se perguntando se o contrabaixista não ia preferir... e jogou a cabeça para trás. Se não fosse impossível, ela diria que alguém tinha beliscado seu nariz.

E tinha. As fadas das flores são muito parecidas com as ilustrações que se vê delas: muito, muito pequenas, com asas diáfanas – mas ficam de péssimo humor quando as pessoas metem o nariz para cheirar os lugares onde elas moram. Ver interiores cabeludos de narinas dos outros não é nada agradável, e embora essa fada em particular tenha se oferecido para ir ao Astor e ajudar Gurkie, com certeza não queria ser cheirada.

Por volta da hora do almoço, os observadores secretos sentiam-se completamente deprimidos. Não era só o fato de os guarda-costas nunca perderem Raimundo de vista, mas o próprio Raimundo – que era um menino muito horrível. Mas foi Melisande quem descobriu o que exatamente estava contra eles neste resgate.

Fez seu tio removê-la para o chafariz do Pátio das Palmeiras, e não ficou bem ali. Por causa dos peixes. Na fonte da Fortlands, vivia sozinha. Ali, tinha de compartilhar tudo com uma dúzia de tristes peixes de aquário, de olhos arregalados e rabos em leque, que batiam a cauda na cara dela e sujavam a água com excreções e comida.

Mas Melisande era batalhadora. Espiando do meio das folhas, observava Raimundo e dona Trottsle a devorar uma fatia de bolo de chocolate nem uma hora depois do café da manhã; acompanhava a maneira idiota de dona Trottsle olhar de



soslaio para o contrabaixista quando a orquestra tocava para os hóspedes na hora do chá.

E viu quando Dorina Trout se aproximou da fonte, sentou-se na borda e – com os olhos ainda fixos em Raimundo – tirou a bolsa com os apetrechos de tricô.

– Dois pontos, pula um – murmurou Dorina.

Depois, virou-se ligeiramente, tão ligeiramente que Melisande mal reparou – e uma das agulhas mergulhou na água.

A coisa toda só durou um segundo. Ela, então, se levantou e voltou para o lado de Raimundo, onde ficou de pé – mas o peixe dourado com cauda em leque que tinha arpoado flutuava de barriga para cima, entre as folhas, enquanto seu sangue gotejava em cima da cabeça chocada, espantada, de Melisande.

Só uma coisa animou os observadores ocultos: o bolo!

O bolo era lindo! O modo como entrava, todo cor-de-rosa, radiante, de uma porta ao lado da orquestra, os balões e fitas que desciam do alto... e a linda menina que surgia de dentro e dançava, soltando os véus dourados, enquanto a banda tocava uma música tão sonhadora, tão romântica, que fazia chorar. E foi o bolo que deu a Cor uma idéia.

O dia todo ele recebeu informações dos observadores, lá onde ficava sentado – na casa do parque – com a maleta ao lado, tomando notas, fazendo mapas do hotel e da rua do lado de fora – e pensando. Agora estava pronto para falar.

Era quase meia-noite, e todos tinham vindo escutar. O Chapinhador tinha trazido Melisande, carregando-a embrulhada numa toalha. Sentada na banheira dos pássaros, demonstrava preocupação, porque sentia que ninguém sabia exatamente o quanto Dorina Trout era terrível. Os fantasmas pairavam por sobre a escada, o demônio que se chamava Henrique Prendergast, recostado numa cadeira dobrável, comia um alho-poró que Gurkie tinha colocado em sua mão. Ele não dava bola para alho-poró, mas dava bola para Gurkie, e estava querendo agradar. Ben tinha saído às escondidas das Torres Trottle, e agachado, com Oti, no chão de madeira, observava o fabricante de névoa. Entre as fadas que choram e as fadas de flores estavam a tia-avó de Oti e uns patos.

O plano de Cor, como todos os bons planos, era simples. Iam usar o momento em que a menina do bolo termina a dança e as luzes se apagam para capturar o príncipe.

– Hans dá um soco nele, com muito, muito cuidado, é claro, usando apenas o dedo mindinho, e o joga dentro do bolo, na hora em que estiver sendo carregado para fora. Ninguém vai pensar em procurar por ele ali.

– Mas a menina do bolo não vai levar um susto quando o príncipe for jogado em cima dela? Não vai gritar? – perguntou Gurkie.

Cor balançou a cabeça.

– Não – disse ele. – Porque a menina do bolo não vai estar lá. A menina do bolo vai ser uma outra pessoa. – Ele olhou para Gurkie de baixo das sobancelhas espessas. – A menina do bolo vai ser você! – disse o mago, numa voz grave.



– Eu? – Gurkie ficou profundamente cor-de-rosa. Sempre teve o desejo de surgir de um bolo, sempre, mas quando a mãe estava viva não era bom nem pensar nisto. Não é provável que professoras de ginástica, que andam de apito na boca, gritando “coragem, força no jogo”, deixem as filhas chegarem perto de bolos. – Quer dizer que eu vou dançar? A Dança dos Sete Véus? Oh! Já pensou eu ficar só de... – Não disse a palavra calcinha, nunca a *dissera*. Dizer *calcinha* era outra coisa que a mãe não permitia.

– Não vai – disse Cor. – A luz vai se apagar antes disso, quando você ainda estiver envolvida em um véu.

– Você vai dançar lindamente, Gurkie – disse Ben. – Vão ficar loucos por você.

E todos concordaram.

– Mas, e depois disso? – perguntou o demônio. – Como você vai tirar o príncipe do bolo e levá-lo? Hans pode ser invisível, mas Raimundo não será, se não tivermos permissão para usar magia sobre ele, e o bolo só é empurrado no carrinho até o camarim dos artistas.

Cor concordou.

– Mas tem outras coisas no vestiário. Como os instrumentos usados pelos músicos da orquestra. Entre eles, uma grande caixa para guardar o contrabaixo.

Ele fez silêncio e todos olharam, na expectativa, começando a entender a jogada.

– Assim que o bolo chegar lá dentro, Hans transfere o príncipe para a capa do contrabaixo, e o contrabaixista vai levá-la para fora do hotel pela escada de serviço, onde uma caminhonete estará esperando.

– Mas ele sem dúvida vai notar – disse Ernie. – Raimundo deve pesar umas cinco vezes mais que o contrabaixo.

– Sim, mas vejam, não será o contrabaixista de verdade, mas seu Prendergast. – Em seguida, ele se voltou para o demônio e disse: – O senhor se autotransformou num gerente de banco e num policial. Com certeza poderá fazer um contrabaixista de bigode preto e topete na testa.

O demônio fez que sim.

– Não tem problema – disse ele. – Olhei bem o músico esta noite.

Os outros detalhes foram rapidamente combinados. Uma vez que ainda tinham mais de mil libras em cédulas, estavam certos de que podiam pagar à menina do bolo real para deixar que Gurkie a substituísse.

– E eu vou atrair dona Trottle para longe com uma mensagem telefônica um pouco antes de o bolo entrar – disse Cor. – Oti vai fingir que é filha do contrabaixista e dizer ao porteiro que o pai tem de chegar em casa cedo. Quanto a você, Ben, ficará esperando na saída de incêndio e acenará para o motorista da caminhonete assim que Raimundo tiver sido empacotado e estiver pronto, de modo que ele possa encostar na entrada. E então, lá vamos nós, todos nós, pelo gampi, com um dia de folga!

Ben respirou aliviado depois das tarefas distribuídas. Tinha ficado com medo de não o deixarem ajudar. Mais que qualquer outra coisa, queria fazer parte da equipe.



Mas também sentiu-se culpado, porque sabia que Oti achava que ia com eles para a ilha.

– Desta vez você vem – disse Oti. – *Tem* de vir!

Ben nada disse. Não era bom discutir. Mas a gente tem de fazer o que é certo. Não era certo deixar Babá Brown sozinha, doente como estava. Só que ele não se permitia pensar como seria depois que os salvadores se fossem. Não se permitia pensar nada, exceto como tirar Raimundo Trottle do Astor e levar ao rei e à rainha o filho há tanto tempo perdido.

Catorze

Babá Brown mexia a cabeça incessantemente no travesseiro. Estava preocupada demais. Por que Larina Trottle tinha telefonado para saber como ela passava? Larina não se importava a mínima com isto, Babá tinha certeza. Sem dúvida, já estaria planejando mandar Ben embora. Neste caso, Ben tinha de receber a carta agora... Mas e se a polícia viesse ao hospital fazer perguntas? Talvez a arrancassem da cama e a levassem para a cadeia. Ben não iria gostar, era sensível demais.

E aqui estava ele! Sentado ao lado dela, segurando-lhe a mão. Ela pensou: “Que menino bonito está virando!”

– Cortou o cabelo.

Ben fez que sim. Gurkie lhe tinha aparado o cabelo com sua tesoura. Também se ofereceu para enrolá-lo, como fazia com as pétalas de rosas, mas Ben achou que Babá não ia gostar de vê-lo de cabelo enrolado. Pensar na equipe de resgate o fez sorrir – estavam todos tão excitados com aquela noite, em apanhar Raimundo... Então, olhou Babá mais de perto, e seu coração deu um pulso. Estava que era só pele e osso.

– Está doendo, Babá? Está sentindo dor?

– Não, claro que não – mentiu ela.

Tinham lhe oferecido um troço qualquer para tirar a dor, mas ela nunca permitia que a dopassem quando Ben vinha.

– E dona Trottle? Como tem lhe tratado?

– Ainda está fora. E Raimundo também.

Babá assentiu com a cabeça. Então estava tudo bem. Se Larina estava fora, não podia fazer maldade com Ben, de modo que a carta podia esperar. As enfermeiras tinham prometido entregá-la a Ben quando chegasse a hora.

– E os criados?

– Têm me tratado direito. Estão me deixando fazer praticamente tudo que quero.

Mas estava intrigado. Os criados estavam quase que bons demais, seu Fulton lhe lançava um olhar esquisito de vez em quando, como se estivesse sabendo de alguma coisa. Aquilo causava desconforto, mas Ben não ia preocupar Babá com isto.

E Babá não ia preocupar Ben com o disparate inventado pelo jovem médico naquela manhã. Sabia que seu tempo estava no fim e, com certeza, não pensava em ir para o Céu cheia de tubos enfiados.

Mas assim que saiu da enfermaria, Ben encontrou a enfermeira boa, Celeste, à sua espera.



– A irmã quer ter uma palavra com você, Ben – disse. – Pode vir comigo até à sala dela?

A irmã tinha cabelo escuro e olhos bondosos.

– Ben, você é muito jovem, mas é um menino sensível. Além disto, parece não haver mais ninguém...

Ben aguardou.

– Você é o parente mais próximo, não é? Ou seja, você é o único parente que dona Brown tem?

– Sim, sou neto dela.

A enfermeira soltou um suspiro e bateu com o lápis num bloco de anotações.

– Sabe, Ben, os médicos estão pensando em operar sua avó. Seria um choque para o organismo dela, e provocaria alguma dor, mas poderia lhe dar um tempo de vida um pouco maior.

Ben mordeu o lábio.

– Quando seria isso?

– Depois de amanhã. Achamos que você deveria saber. Depois de amanhã. O último dia da Abertura. Então, tudo estaria terminado, os salvadores já teriam ido embora. Bom, se ele tinha alguma dúvida em relação àquilo, deixou de ter.

Deixar que ela sofresse uma operação sozinha estava fora de questão.

– Eu gostaria de estar presente quando ela voltasse – disse ele. – Gostaria de estar com ela.

– Vou pedir ao médico – disse a irmã, e sorriu para ele.

Quinze

Dona Trottle conseguiu a mesa que queria – do lado esquerdo da banda, que era de onde o bolo entrava, e bem perto do contrabaixista. Tinha certeza de que ele gostava dela; a toda hora, quando não estava serrando com o arco, seus olhos pareciam encontrar os dela. Que músico maravilhoso era! Que homem maravilhoso!

Raimundo estava sentado do lado oposto, vestido para matar, de camisa nova, de seda, e gravata borboleta de pintinhas. Quando se inclinou à frente, para limpar o creme que escorria do queixo do filho, dona Trottle achou que não existia no mundo um menino com melhor aparência. O marido dizia que ela o estragava, mas seu Trottle não entendia Raimundo. O menino era sensível, sentia as coisas.

Bruce estava de pé junto à parede, lá longe. Sentia fome, mas ninguém se preocupava em lhe mandar alguma coisa para comer. A irmã, Dorina, estava sentada numa cadeira junto às grandes portas duplas. Hóspedes comuns poderiam se surpreender de ver uma mulher a tricotar durante todo o jantar. Mas muita gente ali já tinha tido guarda-costas. E saber que Dorina das Partes Moles se encontrava no salão dava uma sensação boa. Terrorista nem assassino algum teria chances com ela por perto!

Na cabine telefônica, do outro lado da rua, em frente ao hotel, Cor lia as instruções. Ou melhor, tentava ler. Mas os óculos a toda hora caíam da ponta do nariz. Não lhe agradavam aqueles botões todos.

– Insira o dinheiro – murmurou o mago. – Disque o número...

Mas discava, uma coisa qualquer acendia no pequeno painel cinza, depois tudo ficava morto. Tentava outra vez, a mesma coisa tomava a acontecer. De repente, perdeu a paciência. Não deviam usar magia sobre o príncipe, mas com o telefone era diferente. Falou o número do Astor, virou-se para leste, pronunciou o Encantamento da Chamada – e no balcão de recepção do hotel o telefone começou a tocar.

– Oh, não! Não posso ir agora – dona Trottle olhava o mensageiro que vinha avisar que a chamavam ao telefone. O contrabaixista tocava uma música tão romântica que, com certeza, devia estar tocando apenas para ela. Quase tomou a decisão de arrancar a rosa do peito e jogá-la para ele.

– O cavalheiro disse que era muito urgente, madame – falou o mensageiro.

Dona Trottle, então, se levantou, de mau humor, e o acompanhou, enquanto Bruce chegou mais perto de Raimundo e Dorina se mexeu ligeiramente na cadeira.

Hans entrou no salão. Tinha sido incrivelmente corajoso: se ofereceu para colocar sementes de samambaia até mesmo no olho, de modo que pudesse ficar completamente invisível e ainda assim ver por onde andava. Vinha com o dedo

mindinho esticado, pronto para o golpe em Raimundo, e tremia – porque o ogro sentia muito medo. E se batesse forte demais e o príncipe fosse levado para a Ilha com a cabeça quebrada? Por outro lado, e se não batesse com força suficiente e ele gritasse quando fosse jogado dentro do bolo?

Se Hans estava nervoso, a pobre Gurkie estava aterrorizada.

– Oh, mamãe, me perdoe – murmurava ela. Tinha ido à Fortlands e comprado um corte de tecido, destes que se usa para cortinas *black-out*, para fazer o último véu, o que vinha por cima da roupa íntima. A própria roupa de baixo era chilprufe verde-garrafa: a mãe sempre dissera que o importante era o que se usava em contato com a pele. De modo que, mesmo se a luz não se apagasse exatamente na hora certa, estaria decente. Apesar disto, ao entrar no bolo, Gurkie rangia os dentes. Pelo menos a menina que geralmente fazia a Dança dos Sete Véus estava contente! Agarrou o dinheiro que Cor lhe deu e naquele instante subia a bordo de um Jumbo, rumo à Espanha solar.

– Pronta? – perguntou o carregador, que veio empurrar o carrinho do bolo.

– Pronta! – guinchou Gurkie, de dentro das camadas de tecido.

Irrompeu a fanfarra, fitas e balões caíram do teto – e Gurkie surgiu de dentro do bolo e começou a dançar.

Raimundo não a reconheceu, porque até mesmo seu rosto estava coberto por um véu, e a luz era rosada, enevoadada. Mas todo mundo sentiu que uma coisa bonita ia acontecer, e com razão. As fadas sempre gostaram de dançar – dançam pelos campos de manhã cedo, giram e rodopiam à beira do mar... E de todas as bailarinas da Ilha, Gurkie era a melhor. Esqueceu que a mãe ia se virar no túmulo se a visse no salão de jantar do Hotel Astor, como uma vedete qualquer, esqueceu que a qualquer minuto Raimundo Trottle ia aterrissar, com uma pancada, por cima dela. E conforme dançava, a orquestra acompanhava seus movimentos... Ficava mais lenta quando ela ia mais devagar e mais rápida quando ia depressa. Não havia uma única pessoa no salão de jantar capaz de tirar os olhos dela.

Gurkie deixou cair no chão o primeiro dos sete véus. Estava pensando em todas as coisas bonitas que cresciam na Ilha, nos seus pepinos, e que logo estaria em casa... Mas as pessoas que a observavam não sabiam disto. Achavam que pensava nelas.

E Hans alcançou a mesa de Raimundo. Pôs-se de pé no lugar desocupado de dona Trottle, pronto.

O sexto véu caiu. A música ficou ainda mais sentimental. Agora, enquanto dançava, Gurkie espalhava ervas pelo salão –ervas de aroma doce, que trouxera no cesto, para deixar as pessoas sonolentas, fazê-las esquecer os problemas.

Junto à entrada dos fundos, Oti Gribble explicava ao porteiro que seu pai tinha de sair cedo.

– Minha mãe não está bem – balbuciou ela. E ele assentiu, beliscando-a na bochecha.

No lavatório, fora do camarim, o demônio esperava. Estava tão parecido com o contrabaixista que a própria mãe não o teria reconhecido. Ben, agachado no alto da escada de incêndio, vigiava a caminhonete, à espera.



Voltando ao salão de jantar: Gurkie soltou o quinto véu... o quarto... Continuava girando e rodopiando, mas mais devagar... E as luzes foram se tornando cor de malva... depois azuis.

– Psiu! – disse Raimundo Trottle, quando ela passou por sua mesa, dançando.

Depois, o terceiro véu... o segundo... Então Gurkie começou a se preocupar. E se a luz não apagasse? Seu último véu era mesmo bastante grosso?

Mas estava tudo bem. O dedinho de Hans estava esticado em cima da cabeça de Raimundo.

A orquestra começou sua música rodopiante especial. As luzes apagaram.

Neste momento, Hans deu o golpe!

A caminhonete da fuga estava estacionada na rua estreita entre os fundos do Astor e o rio. Já estava escuro havia algum tempo; os barcos que passavam vinham acesos, a luz derramava das janelas do hotel.

No interior da caminhonete havia pilhas de cobertores para o príncipe ser transportado com conforto até o gampi. Os pertences de toda a equipe de resgate se encontravam ali. Iam diretamente para a estação.

A mala de Oti estava ali também, cuidadosamente deitada. Com a porta da caminhonete aberta, chegava ar fresco suficiente até o fabricante de névoa, através dos buracos feitos por Oti. Ele deveria estar contente. Mas não estava. Era velho demais para ficar numa mala. Era um espírito livre. Tinha se acostumado a participar de tudo!

Remexendo-se na palha, choramingando à guisa de reclamação, meteu os dentes pontudos contra a fibra da mala e encontrou um ponto fraco, onde a borda em torno de um dos buracos estava puída. Ficou interessado, viu esperança, começou a roer.

O motorista nada notou. Tinha os olhos fixos no menino agachado no topo da saída de incêndio. Assim que Ben fizesse sinal com a lanterna, encostaria junto à entrada.

No salão de jantar do Astor, os hóspedes esperavam pelo bolo; a orquestra tocava um tango.

– Está um calor terrível aqui – reclamou uma menina numa das mesas. E chamou um garçom.

O fabricante de névoa continuou roendo. Satisfeito. Algo estava acontecendo. O buraco crescia... mais... ainda mais... Os bigodes estavam de fora, o nariz...

De repente, livre!

Tremendo de excitação, sentou-se em suas patas traseiras e olhou ao redor. Naquele momento, um dos garçons abriu uma janela no salão de jantar, soltando na noite o som da orquestra.

Música! E que música! O fabricante de névoa nunca ouvira uma orquestra inteira em toda a sua vida. Seus olhos ficaram enormes, o bigode tremeu. Num pulo, escapuliu da caminhonete e se foi.

Os olhos do motorista continuavam fixos em Ben.

Retorcendo-se feito uma almofada apaixonada, o fabricante de névoa atravessou a rua, pulou para o primeiro degrau da escada de incêndio, mas não o alcançou... Tentou de novo. Conseguiu. E continuou subindo, aos poucos.

– Um-pa-pa... Um-pa-pa... – fazia a banda. Os violinos elevaram-se, os saxofones vibraram...

Ben espiou lá embaixo os degraus de ferro, imaginando se não tinha visto uma coisa branca atravessando a rua. Não, devia estar enganado...

O Astor ficava ao lado do rio, e a margem estava cheia de ratos. Ratos grandes, inteligentes, que tinham cavado caminhos até o hotel. Tendo chegado ao fim do primeiro lance da escada de incêndio, o fabricante de névoa encontrou um buraco no tijolo e mergulhou nele. Dava perto da cozinha, atrás de uma despensa e, dali, outro buraco de rato conduzia à copa, onde os garçons arrumavam as bandejas que levavam ao salão de jantar. Ele só tinha de atravessar um corredor, passar por uma porta aberta...

E agora estava onde queria estar – onde tinha de estar, é claro: de cara com aquele som maravilhoso! Tinha chegado quando o bolo ia sendo carregado para fora, com o salão às escuras. Mas não importava, porque a banda continuava tocando, e era uma valsa vienense!

O fabricante de névoa foi até o meio do salão e sentou-se. Nunca, nunca, nunca tinha ouvido nada tão bonito! O pêlo atrás do pescoço se eriçou. Ele tremia de felicidade, os lóbulos das orelhas latejavam.

– Ah! – suspirou o fabricante de névoa. – Ah! Ah!

No início saíram ondas de névoa ligeiras. Estava esbaforido da subida, tomado. Mas à medida que a beleza da música ia mergulhando em sua alma, adensavam-se também as nuvens de brancura que soltava.

Numa das mesas, um senhor começou a tossir. Uma mulher zangada inclinou-se sobre o marido e disse ao homem, à mesa do lado, que parasse de fumar.

– Não estou fumando – respondeu o homem, zangado. Mas conforme as luzes voltaram a acender, os hóspedes puderam ver que algo estranho estava acontecendo. O salão estava coberto por uma névoa branca densa – tão densa que mal se podia ver os Trottle.

– É fumaça! O salão está cheio de fumaça! – gritou uma menina de vestido brilhante.

– Não, não é. É gás lacrimogêneo! – berrou um careca, botando o guardanapo no rosto.

– É bomba terrorista! – gritou uma mulher gorda.

Bruce rodava em volta da cadeira de Raimundo, querendo apalpar o menino. Talvez estivesse escondido embaixo da mesa, agachado, tentando escapar do gás. Com a mão no revólver, desapareceu debaixo da toalha.

Os gritos horríveis atordoaram o fabricante de névoa, que se aproximou da banda, ainda tocando. Uma boa orquestra toca em qualquer situação.



Mais uma vez rendeu-se à beleza da música, mais uma vez suspirou. Mas estava ficando mais magro, já não tinha forma de almofada. A brancura que vinha dele deixou de ser tão espessa, e num intervalo da névoa, uma mulher de terninho de calças compridas levantou e apontou:

– Olhem! Está vindo daquela coisa horrível! – gritou.

– É um rato venenoso! Um roedor do espaço sideral!

– Está com peste! É exatamente assim: soltam fumaça, depois ficam raivosos e mordem!

Vinham gritos de todo o salão. Um garçom entrou correndo com o extintor de incêndio, espirrando espuma num grupo de árabes, com aquelas roupas esplêndidas. Um dos guardas do Astor apanhou uma bengala e estava batendo com ela no chão.

Então aconteceu uma coisa que pôs a vida do fabricante de névoa em perigo mortal. A banda desistiu. A música parou... e, com ela, o suprimento de névoa que tinha ajudado a escondê-lo e protegê-lo. Repentinamente destituído do som glorioso, o animalzinho piscou, tentando voltar ao mundo real. Então, começou a correr para cá e para lá, em busca da saída.

Dorina Trout foi buscar a bolsa de tricô.

No camarim dos artistas, Gurkie tinha saído de dentro do bolo com o ombro machucado, ali onde o queixo de Raimundo bateu, mas mantinha a coragem. O príncipe parecia meio amassado, mas sua respiração estava normal. Uns poucos minutos mais e estaria esticado na caminhonete, onde ela o instalaria confortavelmente.

– Que tal o meu soco? – perguntou Hans, que a seguira até o camarim.

– Lindo – disse Gurkie.

O demônio saiu do banheiro e abriu a caixa do contrabaixo.

– Vou pegá-lo pelos pés – disse ele.

Hans assentiu e dirigiu-se aos ombros de Raimundo.

Tudo estava saindo de acordo com o plano.

Foi neste momento que a porta para a saída de incêndio se escancarou, e Ben, com o rosto afogueado, frenético, entrou correndo no cômodo.

– O fabricante de névoa fugiu – ele disse. – Está no salão de jantar. As pessoas estão enlouquecidas lá dentro. Vão matá-lo.

– Não!

Hans soltou Raimundo, que caiu de novo dentro do bolo.

– Nosso dever é com o príncipe. Você não deve ir para lá! Ben sequer o escutou. Antes de o ogro poder se mover, para impedi-lo de ir, alcançou a outra porta e saiu.

No salão todo mundo gritava, reunido na caça ao perigoso roedor do espaço sideral. Os árabes, em cujas túnicas tinha espirrado espuma, gritavam com o garçom. Uma senhora desmaiou em cima da torta de maçã.



– Lá está ele, – berrou uma mulher. – Atrás do carrinho!

E Bruce apontou e atirou – atingindo uma garrafa de champanhe, que explodiu em estilhaços.

Agora o fabricante de névoa estava aterrorizado. Os berros e as batidas lhe doíam nos ouvidos como golpes de martelo. Sua cabeça rodava. Ele corria em círculos, tentando encontrar o caminho da saída.

– Está com raiva! – berrou uma gorda. – É assim que se vê, quando dão voltas deste jeito!

– Se morder, é o seu fim! – gritou um homem de cara vermelha. – Suba na mesa. Vai querer lhe morder as pernas!

A gorda fez exatamente isto. A mesa se partiu, largando-a no chão com um estrondo.

– Não deixem que me morda! – ela gritou. – Peguem-no! Acabem com ele!

Bruce apanhou uma cadeira. Segurando-a por cima da cabeça, perseguia o pequeno animal desesperado. Jogou-a, então, no assoalho, ruidosamente. Uma perna se desprendeu e saiu rolando.

– Errou – grunhiu a mulher, no chão.

Bruce voltou a erguer a cadeira, e mais uma vez a jogou no chão. Mais uma vez errou.

Dorina Trout não deu um grito. Não bateu pé. Não pegou cadeira pesada nem arma. Só fez apanhar a agulha de tricotar favorita. Era uma agulha para meias, do melhor aço, e mais afiada que qualquer espadim. Calculou o comprimento, ia furar o animal limpamente, sem qualquer perda.

– Saia da frente, droga! – disse, sibilante, ao irmão. – Vou cuidar disto. Apenas o cerque.

Era mais fácil falar que fazer. O fabricante de névoa, apanhado naquele pesadelo, fugia por entre as mesas, sumia em manchas de brancura, deslizava na espuma. Mas seus inimigos se juntaram. O saxofonista desceu do palco e o prensou junto à parede com o sapato; um garçom, com o cabo de vassoura, bloqueou sua passagem, quando tentou se meter atrás das cortinas.

Agora estava cercado. Os olhos, imensos com o medo. Sentado, tremia e esperava pelo que viria.

– Para trás! – disse Dorina à multidão.

Devagar, andou em direção ao animal aterrorizado.

– Venha aqui, lindinho – seduzia. – Venha com a mamãezinha. Venha ver o que tenho para você.

O silêncio caiu sobre o salão. Todos observavam Dorina Trout, segurando a agulha, aproximar-se cada vez mais, o tempo todo conversando, adulando, enganando.



Os bigodes do fabricante de névoa se retorceram. Ele piscou. As orelhas delicadas se avermelharam. Ali estava uma voz baixa, uma voz boa. Virava a cabeça de um lado para outro, à escuta.

– Tenho coisas maravilhosas para você na minha bolsa... Cenoura, alface...

Mais que qualquer outra coisa, a criatura, desesperada, queria bondade. Arriscava? Deu uns passos na direção dela. Parou, sentou. Então, de repente, num movimento confiante, resolveu se virar de barriga para cima, com as patas no ar, como fazia, freqüentemente, brincando com Ben e Oti. Sabia o que vinha em seguida: o momento em que o coçavam de maneira tão calmante, deliciosa, na barriga toda.

Dorina das Partes Moles olhou a barriga redonda, desprotegida, do animalzinho. Embaixo, a pele cor-de-rosa mostrava onde o pêlo de adulto ainda não tinha chegado.

Ela, então, sorriu, e ergueu o braço.

No instante seguinte, estava esparramada no chão. Um menino, vindo do nada, pulou em cima dela, apertando-lhe o pescoço.

– Sua assassina! Vou matar você! Vou matar você se o machucar! – berrou Ben.

O ataque foi tão repentino que Dorina deixou cair a agulha, que se enfiou, de ponta para baixo, no tapete. Arranhando, cuspidando, Dorina tentou arrancar Ben de cima dela. A mão livre, parecendo aranha, procurava a agulha enterrada.

– Pegue o menino, idiota! – falou com Bruce, cuspidando. Aquilo também era mais fácil de dizer que fazer. Quando parecia que ia conseguir atirar, um pedaço de Dorina aparecia na frente de Ben. Fosse como fosse, a irmã, com certeza, ia vencer – o menino lutava loucamente, mas tinha a metade do tamanho. A mão dela estava quase na agulha. Naquele instante, ela unhava o rosto dele. Ao empurrá-la, tentando se livrar dela, o menino deixou o braço numa posição que ficava separado do corpo de Dorina. Fazer um buraco no braço do menino era melhor que nada e, cuidadosamente, Bruce ergueu o revólver e apontou.

No segundo seguinte, recuou, cambaleando, com estilhaços de madeira lhe chovendo sobre os ombros. O contrabaixista, enfurecido, deu com o instrumento na cabeça dele.

Só que o contrabaixista de verdade, no palco, com a mão na boca, olhava lá embaixo o homem que parecia ser ele.

Mas os dedos de Dorina, arrastando-se, alcançaram e puxaram a agulha. Segurando o aço brilhante sobre o pescoço de Ben, num único golpe violento, Dorina baixou o braço. Na mesma hora, num esforço sobre-humano, Ben rolou para fora de seu alcance.

– Oh! Socorro! Deus!

Bruce agarrou o pé, pulou, tentou arrancar a agulha do sapato. Louco de dor, meio tonto com a pancada que tinha levado do demônio, apanhou da mesa um abajur de cobre.



Tentando pegar o fabricante de névoa, Ben tinha se virado de costas. Não teve tempo de se esquivar, de se proteger. A pesada base do abajur desceu sobre sua cabeça num único golpe. O sangue jorrou da ferida. Ele caiu, inconsciente.

– Está morto! – berrou uma mulher.

– Espero que sim – disse Dorina, baixinho. – Mas, se não estiver...

Puxou a agulha do sapato do irmão e ajoelhou-se ao lado de Ben, procurando o ponto macio embaixo da orelha.

De repente, aconteceu algo aterrorizador. Enquanto se inclinava sobre o menino, foi repentinamente puxada para trás –como se fosse um puxão de uma mão invisível – com tanta força, que caiu de encontro à janela de vidro, que se espatifou num estrondo.

Era incrível, mas todos podiam ver – lentamente, suavemente, o menino ferido ergueu-se no ar... No alto, mais alto... O sangue continuava pingando da cabeça. Deitado, um braço pendurado, a cabeça caída para trás... Deitado no ar, sem apoio. Nitidamente visível, acima da névoa.

– Está indo para o céu! – gritou alguém.

– Foi chamado ao Paraíso!

Era o que parecia estar acontecendo. Todos achavam. Tinham visto imagens de santos e mártires capazes daquilo: levitar, ou erguer-se e ficar deitado nas nuvens.

Mas a coisa não acabou ali. Então, o menino, que tinha de estar morto, começou a flutuar lentamente, suavemente, para longe, bem no alto, acima da cabeça de todos... até que sumiu pela porta.

Dezesseis

Na manhã do oitavo dia da Abertura, o iate real deixou a Ilha em direção à Caverna Secreta.

Não só a rainha se encontrava a bordo, mas também o rei, e diversos cortesãos. Ele tinha, afinal, entendido que a rainha precisava estar o mais perto possível do lugar onde o príncipe ia aparecer – se é que ia aparecer. Dois dias se passaram desde a mensagem calorosa da bruxa, e nem sinal do filho. O tempo todo o rei tentou confortar a esposa, mas agora até ele achava difícil ter coragem.

Embaixo, prepararam um camarote especial para as enfermeiras lamentosas. Imploraram permissão para ir também, mas como não tomavam banho havia nove anos, tinham de ficar isoladas dos outros passageiros. Com elas, vinha uma nova caixa de bananas. O primeiro lote ficou maduro demais. A rainha conseguiu sorrir quando viu carregarem a caixa para o barco: aquilo queria dizer que as trigêmeas, pelo menos, ainda tinham esperança.

Assim que o iate real deixou o cais, um segundo barco, muito maior, levantou âncora, pronto para segui-lo. Este barco havia sido fretado por gente da Ilha que não cabia no iate do rei, mas também queria estar lá, para o último dia da Abertura. A maioria, gente que se preocupava muito com o pequeno príncipe e sonhava com sua volta, em segurança, mesmo agora, na décima primeira hora. Mas algumas pessoas – umas poucas apenas – eram gente mal-humorada, rabugenta: pessoas que queriam regozijar-se com a desgraça do velho mago, da fada distraída e da bruxinha metida, quando voltassem. E algumas – tem sempre gente assim, mesmo nos lugares mais bonitos e melhor governados – que só queriam dar uma voltinha e ter uma chance de espiar o que quer que acontecesse, fosse bom ou mau.

O iate real deslizava sobre as ondas. O barco fretado seguia mais lentamente. Em seu camarote, as enfermeiras se lamentavam e tentavam imaginar formas de se castigarem. Mas não por muito tempo, porque ficaram enjoadas, e ninguém é capaz de imaginar castigo pior que isto.

A rainha não ia descer. Inclinação sobre a amurada, o cabelo comprido chicoteado pelo vento, a toda hora repetia:

– Amado Deus, permita que ele venha! Por favor, faça com que venha! Nunca mais vou fazer nada de mau se o Senhor permitir que ele venha.

Pobre rainha! Nunca havia feito nada de mau. Não fazia este gênero de pessoa.

Estavam no mar fazia pouco tempo, quando, de repente, o céu escureceu. Uma nuvem negra de trovão veio do oeste, e algumas gotas de chuva caíram sobre o convés.

Era chuva?



Os marinheiros, que estavam embaixo, subiram correndo as rampas e prepararam-se para a tempestade. As gaivotas voaram para longe, com gritos de alarme; os golfinhos mergulharam.

Não era, porém, tempestade. O negror em movimento não era nuvem. Primeiramente chegaram os ladradores do céu, um bando de cães a latir, com olhos enormes, correndo no alto, deixando pingar no convés seu cuspe, que chiava e se dividia em pequenas línguas de fogo, que os marinheiros apagavam com os pés.

Mas foram as harpias que fizeram a rainha balançar, e o rei correr para o lado dela.

Voavam em formação, como gansos, com dona Smith na cabeça e as outras atrás, em forma de V: dona Green, srta. Brown, senhorita Jones e srta. Witherspoon. As bolsas penduradas nos braços, as garras pintadas com esmalte saindo das calças curtas... e seu fedor inominável se chocava com o ar limpo, salgado, do mar.

Do navio fretado subiu uma ovação. Aquela era a verdadeira equipe de resgate, os salvadores adequados. Também já era tempo! O rei e a rainha esperaram até o último momento para chamar aquelas mulheres assustadoras. Havia quem achasse que demoraram demais.

As harpias seguiram voando, os cães fazendo corrida à frente delas. Dentro de uma hora estariam do outro lado do gampi. Os dedos da rainha agarraram a amurada com força. Não ia desmaiar, ia agüentar.

– Não havia outra coisa a fazer, minha querida. Você sabe disto – disse o rei.

A rainha fez que sim com a cabeça. Sabia. Só restavam vinte e quatro horas. Só um dia. Aquelas horríveis criaturas eram sua única esperança.

Dezessete

Tinham deitado Ben no chão da casa do parque, a cabeça apoiada no casaco enrolado do mago. De olhos fechados, seu rosto, à luz das velas, estava mortalmente pálido. Desde que saiu do Astor, carregado por Hans, não tinha se mexido.

Gurkie, sentada a seu lado, lhe segurava a mão. Tinha esfregado unguento curativo na cabeça dele. O sangue parou de correr, a ferida estava se fechando... Mas, o ferimento mais profundo, que poderia ter danificado o cérebro, estava além do poder de cura da fada. E se nunca mais voltasse a si? Se vivesse para sempre em coma? Ou morresse?

Mas ninguém conseguia pensar nisto. Cor sentou-se, imóvel como pedra, na cadeira de dobrar. Tremia, mas não conseguiram impedir que desse o casaco para Ben.

– Estou velho demais – pensou. – Falhei na minha missão, prejudiquei a criança mais valente que já conheci.

Hans, acororado nos degraus, com manchas de sementes de samambaia, volta e meia soltava um gemido.

– Ui! – murmurava o gigante. – Ui!

Se tivesse seguido Ben imediatamente à sala de jantar, em vez de ficar esperando junto ao príncipe teria conseguido evitar aquele acidente horrível. Sabia que jamais iria se perdoar.

A tampa do bueiro, na rua, então, ergueu-se devagar. O Chapinhador subiu, ainda vestido com a roupa de trabalho.

– Alguma novidade? – perguntou. – Voltou a si?

O mago sacudiu a cabeça. O Chapinhador soltou um suspiro, voltando aos esgotos. Melisande ia ficar terrivelmente aborrecida.

Já passava bastante da meia-noite. Nas Torres Trottle, os empregados dormiam, acreditando que Ben já tinha sido levado para o novo “lar”. Os fantasmas vieram ficar perto de Ben, enquanto ele estava ali deitado, sem se mexer, e depois voltaram para vigiar o gampi.

Que espanto a quantidade de gente que veio perguntar por Ben! Pessoas que mal deviam conhecer o rapaz. Magos e feiticeiras, a fada que trabalhou na lavanderia do Astor... A fada da flor, que beliscou o nariz de dona Trottle. Era extraordinário quantas pessoas se preocupavam.

Aquele era o último dia da Abertura. Esperavam já estar na Ilha àquela altura, mas ninguém sequer pensava em ir. Ben os tinha ajudado desde o primeiro instante em



que o viram, limpando sapatos no porão das Torres Trottle. Logo de cara, o sentimento era de que pertencia a eles. Nenhum dos salvadores sonhava em abandonar Ben.

Oti não se encontrava junto com os outros, agrupados em torno de Ben. Tinha se afastado e sentado à beira do lago, envolvida no longo cabelo preto.

Ben ia morrer. Oti tinha certeza.

– E a culpa é minha! – disse, em voz alta. – Fui eu quem trouxe o fabricante de névoa, e foi por ter ido salvá-lo que Ben ficou ferido.

O fabricante de névoa agora estava deitado ao lado de Ben. Oti conseguiu pegá-lo quando o ogro levou Ben para fora do salão. Se acordasse, Ben logo veria o animalzinho e ficaria sabendo que estava tudo bem. Mas não acordava! Não era possível uma pessoa ficar ali deitada, tão branca e quieta, e não estar à beira da morte.

Mas, se Ben morresse, nunca mais nada daria certo. Poderia crescer nela um novo dedo no pé – ou um cacho inteiro de dedos extras no pé, ela poderia aprender a cuspir sapos, e não serviria de nada. Ontem mesmo, a tia lhe tinha ensinado o Encantamento para Tornar Pessoas Carecas. Mas que importância tinha aquilo agora? As bruxas não choram – Oti sabia disto – mas, naquela hora, nada foi capaz de conter suas lágrimas.

Então, de repente, ela levantou a cabeça. Algo terrível estava acontecendo! Um fedor horrível veio aos poucos se espalhando por sobre a relva e pelos ramos das árvores... As aves empoleiradas bateram asas, aos gritos, alarmadas. Uma nuvem passou sobre a lua. Oti voltou correndo para avisar os outros, e viu que estavam todos de pé, olhando o céu.

O cheiro piorou. Um camundongo, em meio aos arbustos, soltou uns guinchos, aterrorizado. Uma agulha de gelo furou o calor da noite de verão.

Então, ela chegou! As asas azedas bateram uma vez... duas vezes... e dobraram-se quando aterrissou. A bolsa, pendurada no braço; os babados ao redor da bainha das calças, abraçando as pernas escamosas, pareciam a crista de um lagarto venenoso.

– Muito bem – riu-se dona Smith. – Uma festinha de família bem aconchegante, pelo que vejo.

Abriu a bolsa para tirar a esponja de pó – e a equipe de resgate caiu para trás. O cheiro do pó-de-arroz de uma harpia é um dos piores cheiros do mundo.

– Era de imaginar que pessoas que falharam tão completamente em sua missão pelo menos demonstrassem algum sinal de arrependimento.

Ninguém falou. O esmalte de unha nas garras horríveis da harpia, o terrível spray de cabelo no permanente faziam com que se sentissem tontos e enjoados.

– Velas! Flores! Gigantes com suspensórios bordados! Puxa! – disse dona Smith.

Com as garras, arrancou da terra a begônia de Gurkie.

– Bem, vocês sabem por que estou aqui. Para dizer que estão fora. Eliminados. Removidos. *Kaput*. Fim da missão. Não sei se o rei e a rainha vão perdoar vocês. Se tiverem bom senso, não vão. São uns fracassados. Fracos. Patéticos. Um desastre. Salvam o ajudante da cozinha e largam o príncipe!

A equipe de resgate permaneceu em silêncio. Eram culpados de tudo o que a harpia os acusava. De fato tinham colocado Ben na frente do príncipe. Hans lutou contra si mesmo durante alguns minutos, mas, no final, ele e o demônio correram para ajudar Ben e deixaram o verdadeiro príncipe da Ilha, golpeado e jogado dentro do bolo. Simplesmente o esqueceram. Raimundo voltou a si e saiu lá de dentro. Naquele instante, provavelmente, estaria devorando taças de sorvete no quarto do hotel. Além do mais, sequer pensaram em retornar para tirá-lo de lá. Só pensaram em carregar Ben para longe, para um lugar seguro. Não serviam como equipe de resgate, a harpia tinha razão.

– Os fantasmas me contaram o que aconteceu – disse dona Smith. – E se eu fosse o rei ou a rainha, saberia o que fazer com vocês. Toda esta confusão por causa de um empregadinho!

– Ele não é um simples empregado de cozinha, é *Ben* – disse Oti, com raiva, dando um passo atrás quando a harpia ergueu a garra terrível e a afiou uma, duas, três vezes contra o degrau.

– Bom, a coisa mais útil que podem fazer agora é ficar fora do nosso caminho – continuou dona Smith. – Atravessem o gampi e deixem-nos concluir o trabalho.

Gurkie levou a mão ao coração. Não se importava com Raimundo, mas a idéia de ser levada para longe nas garras de dona Smith era horrível demais para suportar.

– Como vão operar? – perguntou o mago.

– Não é da sua conta. Mas algumas das minhas meninas estão agora voejando em torno do Astor. Ao que parece, está lá uma maca de helicóptero.

Não disse mais nada, mas à distância, podiam ouvir o latido de um cão do inferno e uma voz alta, ordenando, aos gritos:

– Sentado!

A harpia, então, saiu voando, mas, o cheiro horrível que deixou permaneceu no ar. Então, de trás deles, veio uma voz jovem forte:

– Meu Deus! – disse Ben, sentando-se e esfregando a cabeça. – Que cheiro *horrível!*

Dezoito

– E, por favor, vamos deixar isto claro – disse dona Smith. – Eu é que vou pegar o menino. Vocês vão me ajudar, é claro. Vão cuidar da mãe e dos guardas. Mas o príncipe é meu!

– Sim, dona Smith – disseram as outras harpias, lúgubres. – Nós compreendemos.

Estavam sentadas em círculo em torno da chefe numa passagem subterrânea em desuso, não muito longe do Astor. Ninguém passava por ali depois de escurecer. Era o tipo do lugar do gosto dos assaltantes, que as pessoas comuns procuravam evitar. Todas teriam apreciado que coubesse a elas pegar o príncipe. Mas, na verdade, não esperavam ser escolhidas: a líder sempre guardava para si as melhores tarefas.

As senhoritas Brown, Green, Jones e Witherspoon eram um pouco menores que dona Smith, mas tinham as mesmas asas negras e fétidas, as mesmas garras cruéis e usavam as mesmas blusas de malha e calças terminando em babados. Também tinham bolsas cheias de maquiagem. A da senhorita Witherspoon guardava ainda um apito e biscoitos para os cães. Era ela a esportiva, a que treinava os mastins.

– O saco está aí com você, Lídia? – perguntou dona Smith. A senhorita Brown fez que sim com a cabeça.

– E você está com o cordão, Beril? – continuou. A senhorita Green levantou o novelo.

– Bom. Vamos empacotá-lo no vestiário; não quero esperneio enquanto estivermos atravessando o túnel.

Ela voltou-se para a senhorita Witherspoon:

– Quanto aos cães, é melhor ficarem na coleira até o último instante. Eu vou dar o sinal na hora de soltá-los.

Um dos ladradores negros agitou-se e levantou.

– Sentado! – gritou a senhorita Witherspoon. O cão sentou-se.

– Agora rastejei – berrou ela.

E a grande besta de olhos do tamanho de um pires se arrastou sobre a barriga em sua direção, feito minhoca.

– Bom. Acho que, com isto, está tudo combinado – disse dona Smith. – Temos tempo para uma soneca.

Abrindo a bolsa, tirou um pacote de rolinhos, que prendeu ao cabelo metálico. Depois, enfiou a cabeça nas asas, como fazem as aves, e, num instante, as outras ouviram roncões.



Havia apenas algumas horas até o fechamento do gampi por nove longos anos, mas estava claro que dona Smith sequer pensava na possibilidade de fracasso. Por mais que elas próprias quisessem pegar o príncipe, as outras harpias tinham de admitir que ela era a melhor para a tarefa.

Na cobertura do Astor, dona Trottle esperava, com o marido e o filho. A mala, pronta, a seu lado, junto com uma manta de viagem. Em dez minutos, o helicóptero estaria ali para levá-los a um local seguro. O tio do seu Trottle, sir Ian Trottle, que vivia numa mansão, na fronteira com a Escócia, ofereceu-se para hospedá-los, protegendo-os dos loucos que perseguiam Raimundo.

Seu querido filhote não tinha se dado conta de que a gangue de inimigos, com as drogas, estava de novo atrás dele. Quando voltou a si, no interior do bolo, não conseguia lembrar nada, e ela não lhe contou o acontecido. Na verdade, ela própria não tinha bem certeza do que acontecera no salão de jantar do Astor. Bruce tinha contado a ela que jogou o menino dentro do bolo, para protegê-lo do bando de seqüestradores. Ela o recompensou. Mas, mancando, com um machucado na cabeça do tamanho de uma casa, Bruce já não servia mais. E Dorina, que havia sido atirada por uma janela, cortou o pulso de tal modo que demoraria muito tempo até poder tricotar outra vez.

Dona Trottle os mandou para casa. Agora, dois dos guardas do próprio Astor os protegiam, até à chegada do helicóptero.

Quanto ao resto do papo – algo sobre um menino, erguido e levado aos céus –, dona Trottle botou na conta do efeito do gás venenoso lançado no salão. Na hora em que voltou, depois de algum idiota a manter presa ao telefone, o salão estava em pedaços, e todo mundo só dizia coisas ininteligíveis.

– Estou com fome! – disse Raimundo.

– Vamos comer uns sanduíches no helicóptero, querido – respondeu dona Trottle.

– Não quero no helicóptero, quero agora! – reclamou Raimundo. Ele começou a revirar a sacola de dona Trottle; encontrou uma barra de caramelo e colocou-a na boca.

Dona Trottle olhou para cima, mas ainda não havia sinal do helicóptero. Era uma bela noite clara. Teriam um vôo tranquilo. E assim que Raimundo estivesse a salvo, em Dunloon, chamaria a polícia. Com Ben fora do caminho, sem ninguém a espionar, conseguiria proteção adequada para o seu pequeno. Ben estaria longe, ela deixaria instruções claras no hospital. Agora mesmo poderia estar a caminho da Casa Ramsden. Tinha levado um susto em relação a Ramsden – uns metidos a caridosos tentaram fechar o estabelecimento. Mas o diretor foi mais esperto que eles. Não importa como a chamassem, Ramsden era uma boa escola reformatória à moda antiga. Na verdade, já não faziam as crianças subirem pela chaminé, porque a maior parte das pessoas agora tinha aquecimento central, mas tratavam de fazer com que os meninos conhecessem o seu lugar – e era disto que Ben precisava. Oh! Que alívio tê-lo fora de casa!

– Está vindo aí – disse seu Trottle.

Os guardas tiraram os cones do caminho e acenderam as luzes de pouso, preparando a aterrissagem do helicóptero.



O piloto que mandaram para buscar os Trottes era um dos melhores. Tinha voado na Guerra do Golfo, era calmo, experiente e, é claro, jamais bebia um gole sequer de álcool antes de um voo.

Agora, no entanto, estava vendo coisas! Estava vendo cães. O que significava que estava enlouquecendo, porque não se vê cães no céu, não se vê caudas cortando estrelas, focinhos com dentes arreganhados olhando para a cabine.

O piloto sacudiu a cabeça. Fechou os olhos por um instante, mas isto não ajudou. Outra cara, soltando baba, os dentes de fora, os olhos imensos, apareceu diante dele. Agora eram mais... três... quatro... cinco!

Não era possível! Cinco mastins apostando corrida no céu! Mas lá estavam eles e aproximavam-se! O piloto desceu de repente, esperando cortá-los com as hélices. Mas os cães não foram atingidos. É claro, não existiam!

No alto, a senhorita Witherspoon, com a bolsa pendurada, atiçava o bando.

– Vamos! Atrás dele! – gritava ela. – Mais depressa! Mais depressa!

Lá se foram os cães, excitados com a perseguição, os olhos soltando fagulhas, a baba pingando das mandíbulas. O líder do grupo lançou-se de encontro à janela da cabine.

O piloto via à sua frente a cobertura do Astor, mas toda vez que tentava descer, os cachorros fantasmas o perseguiram com mais tenacidade. E se aquelas centelhas fossem de verdade? E se incendiassem a nave?

– Urra! – gritou a senhorita Witherspoon no alto do céu. Quando apitou, os cães enlouqueceram.

O piloto fez mais uma tentativa de aterrissar. Então, de repente, se encheu. O Astor podia esperar, assim como as pessoas que o contrataram. Os Trottes, olhando a luz do helicóptero que descia, o viram subir outra vez e sumir acima dos telhados.

– E agora? – disse dona Trotte, de mau humor. Logo iria descobrir.

O povo de Londres esqueceu os antigos costumes. Ouviu o latido dos mastins fantasmas no céu. Agora sentia o fedor que vinha no ar da noite, mas falava de esgoto, tubulação entupida e fechava as janelas.

As harpias continuavam voando.

– Ai! – disse Raimundo, mascarando o caramelo. – Que fedor! Estou enjoado!

– Não lhe disse, meu docinho, para não comer bala antes do...

Interrompeu o que dizia. Os Trottes olharam para cima.

– Meu Deus! – seu Trotte recuou, hesitante. – O que é isto? Avestruz? Espectro?

Os pássaros gigantes desciam. Viam, agora, as garras do maior, à luz de pouso.

E podiam ver outras coisas.

– Calças... – gaguejou dona Trotte. – Babados...

– Atire! – berrou seu Trotte para o guarda. – Para que estamos lhe pagando?



O guarda levantou a arma. Ouviu-se um estampido. Dona Smith sacudiu as penas, sorrindo. As asas das harpias eram à prova de setas e de balas desde o início dos tempos.

– Preparadas, meninas! – gritou ela.

O segundo guarda ergueu a arma... Depois, deixou-a cair e saiu correndo, aos berros, para dentro do prédio. Tinha visto uma bolsa de mão e não pôde agüentar mais.

As harpias pousaram.

Todas elas sabiam o que fazer. A senhorita Brown desceu em cima de dona Trottle, que desmaiou de cara, e sentou-se sobre o peito dela. A senhorita Green pegou o guarda remanescente e o jogou na saída de incêndio. A senhorita Jones prensou o gaguejante seu Trottle de encontro a uma parede.

Só Raimundo continuava lá de pé, os dentes tão apertados na bala que nem podia gritar.

De repente, não estava mais lá.

Dezenove

Era a noite do nono dia. A equipe de resgate já não podia adiar seu retorno. No caminho para a estação Encruzilhada dos Reis, todos sentiam-se mais tristes do que jamais se sentiram em toda a vida. Voltar em desgraça, daquele jeito... Sabendo que tinham fracassado!

Oti arrastava-se, pálida, em silêncio, levando a mala do fabricante de névoa. Aquilo preocupava os outros. Imaginaram que ia esbravejar, enraivecêr-se, espernear, quando Ben mais uma vez se recusou a ir com eles. Ao contrário, comportou-se bem, o que não era comum nela. Se alguma coisa fizesse Oti adoecer, aí sim, seria o fim.

Esperaram até o último minuto para se assegurarem de que Ben, de fato, estava recuperado da pancada na cabeça. Ele repetia que estava ótimo. Ajudou-os a limpar a casa do parque, varrendo e arrumando com tanta disposição, que aquilo tomou a despedida ainda pior, fazendo-os lembrar do momento em que o viram pela primeira vez, no porão das Torres Trottle. Como ficaram felizes quando pensaram que era o príncipe! Como estavam certos de poder levá-lo de volta!

Mas não houve meio de Ben mudar de idéia. Não queria deixar a avó.

– Ela vai ser operada – disse ele. – Não posso deixá-la enfrentar isto sozinha. Quem sabe vou na próxima vez, quando o gampi reabrir?

Afastou-se, então. Eles sabiam o quanto se importava. Mas Oti não perdeu o controle, como antes. Deu de ombros e nada disse.

Os fantasmas esperavam na plataforma treze. Completamente transtornados, apesar de já fazerem horas que as harpias tinham passado, a caminho do resgate de Raimundo.

– Era como um exército de mortos, juro! – disse Ernie. – Eu não queria ser Raimundo Trottle nem por todo o arroz da China! Tivemos engenheiros aqui a tarde toda, procurando tubulações entupidas.

De fato, o fedor horrroso das harpias ainda permanecia. Até as aranhas do relógio parado pareciam estupefatas.

Estava na hora de dizer adeus. Era duro. Os fantasmas e salvadores ficaram muito amigos nos nove dias em que trabalharam juntos. Mas quando Cor perguntou se não queriam atravessar o gampi, sacudiram a cabeça negativamente.

– Fantasmas são fantasmas e ilhéus são ilhéus – disse Ernie. – O que seria do gampi se não estivéssemos aqui montando guarda?

O ogro olhava, ansioso, o teto da estação.



– Acho melhor irmos agora – ele disse. – Não quero sentir o cheiro daquelas senhoras, quando voltarem.

Ninguém queria. E ninguém queria ver o príncipe voltando carregado nas garras das harpias como um camundongo morto.

Entraram no vestiário, apertaram as mãos. Até o fantasma fiscal ficou triste de vê-los partir.

– Por favor, pode levar a mala do fabricante de névoa para mim? – perguntou Oti, de repente. – Estou com o braço cansado!

Gurkie concordou. Oti se adiantou em direção ao gampi.

– Vou na frente – disse ela. – Estou sentindo falta das minhas irmãs. Quero chegar logo.

O fato de os salvadores terem acreditado nela diz muito de como estavam exaustos e tristes.

Quando chegou à enfermaria, Ben viu as cortinas fechadas em volta do leito da Babá.

– Foi operada? – perguntou à enfermeira.

Era Celeste, a que usava a rosa vermelha na touca e de quem todo mundo gostava.

– Não, querido. Ela não vai ser operada. Está muito doente. Pode ficar um pouco com ela, quietinho. Ela vai gostar de ver você, mas não vai poder dizer muita coisa.

Ben afastou a cortina. Logo viu que alguma coisa tinha acontecido com a Babá. Seu rosto estava minúsculo. Parecia que já não pertencia aqui. Mas puxou uma cadeira para junto da cama e procurou a mão dela. Seus dedos magros, manchados, fecharam-se com força em torno dos dele.

– Eu os convenci! – disse Babá, numa voz surpreendentemente clara.

– Está falando da operação?

– Isto mesmo. Ir lá para cima cheia de tubos! Já disse que meu tempo acabou!

Seus olhos fecharam... Depois piscaram e abriram outra vez.

– A carta... pegue-a... – sussurrou. – Ande logo!

Ben virou a cabeça e viu um envelope branco com seu nome sobre o armário.

– Está bem, Babá.

Sem desviar os olhos, ela o observou pegar o envelope e botar no bolso, com cuidado. Agora, podia relaxar.

– Você é um bom menino... Nós não deveríamos ter...

Sua voz sumiu. A respiração ficou curta, irregular. Só a mão segurava a de Ben, apertado.

– Pode dormir, Babá – disse ele. – Vou ficar aqui.



E ficou. O relógio batia as horas. Era o que tinha de fazer naquele momento: estar ao lado dela, não pensar em mais nada. Não deixar a mente acompanhar Oti e os outros, voltando para casa... Não sentir pena de si mesmo porque as pessoas que tanto amava iam embora. Só estar ali, enquanto Babá precisava dele. Aquela era a sua missão.

A enfermeira da noite entrou duas vezes e o encontrou rígido como rocha ao lado da cama. Na terceira vez, o viu adormecido na cadeira – mas ainda segurando a mão fria da avó.

Delicadamente, separou os dedos e disse a ele o que tinha acontecido.

Era difícil compreender que agora estava completamente só. Quando as pessoas morrem, por mais que se esteja esperando por isso, nunca é como se pensa que vai ser.

A irmã o tinha levado para a sala de repouso. Deu-lhe chá e biscoitos. Depois, para sua surpresa, disse:

– Entrei em contato com as pessoas que vêm buscá-lo. Estão a caminho. Logo estará em sua nova casa.

Ben ergueu a cabeça.

– O quê? – disse, com ar abobado.

– Dona Trottle arranhou um lugar muito bom para você, Ben. Uma escola, onde vai aprender tudo. Ela achou que você não ia querer morar com os outros empregados, agora que sua avó morreu.

Ben estava incrivelmente cansado. Era difícil absorver o que quer que fosse.

– Não estou sabendo de nada – disse.

A irmã deu um tapinha nos ombros dele. Dona Trottle pareceu tão boa e preocupada pelo telefone, que não lhe ocorreu suspeitar de nada.

Dois homens entraram na sala. Vestiam ternos vistosos – um, de listras finas; o outro, cinza – e gravatas. Um deles usava o cabelo escuro comprido, repartido ao meio e penteado por cima das orelhas. O outro tinha cabelo louro e cacheado. Ambos cheiravam fortemente a loção de barba, mas traziam as unhas sujas.

Ben não gostou deles de cara. Tinham aparência sebosa, não confiável. E deu um passo atrás.

– Não quero ir com vocês – disse ele. – Quero saber que história é essa!

– Ora, vamos. Não queremos confusão – disse o homem de cabelo escuro. – A propósito, meu nome é Stanford. Este aqui é Ralph. Temos uma longa estrada à frente; portanto, sejamos curtos e grossos.

– Para onde? Aonde estamos indo?

– O nome não quer dizer nada para você – disse Ralph, passando o pente nos cachos. – Mas vai ficar bem lá, você vai ver. Agora, diga adeus à irmã e vamos embora.



A irmã fez um ar preocupado. Os homens não eram o que estava imaginando. Mas tinha recebido instruções claras. Ben não deve sair do hospital sozinho, em estado de choque.

– Tenho certeza de que vai ficar tudo bem, querido – disse ela. – E, é claro, você volta para o enterro da sua avó.

Os homens se entreolharam, Ralph sufocou o riso. Uma coisa que as crianças da Casa Ramsden não tinham era tempo livre para irem a enterros!

Ben estava tão cansado naquela hora que nada lhe parecia real. Se a irmã achava que estava tudo bem, então talvez estivesse mesmo. E, afinal, o que iria fazer, agora, nas Torres Trottle?

Apanhou o casaco. A carta ainda no bolso: mas não queria lê-la na frente daqueles homens desagradáveis.

– Tudo bem – disse ele, cansado. – Estou pronto.

E então, feito sanduíche, no meio dos dois bandidos contratados por dona Trottle para entregá-lo no lugar mais horrível que se podia encontrar na Inglaterra, atravessou o longo corredor do hospital até o saguão da entrada.

Era muito tarde. Arrastando-se pelas ruas, Oti se espantava com os faróis de automóveis e anúncios bobos, que acendiam e apagavam. Anúncios de pílulas para o estômago, spray para o cabelo, todo tipo de porcaria. Por um instante, ficou imaginando se iria suportar aquilo. Na Ilha, agora, estaria fresco, silencioso. Os fabricantes de névoa, deitados juntos uns dos outros; as praias e estrelas luminosas, claras. Não era bom pensar que jamais veria a Ilha sob as estrelas outra vez. Bom, pelo menos não por nove anos. Mas dentro de nove anos, poderia estar tão boba quanto as irmãs, falando de homens, casamento, esta coisa toda.

Parou um momento debaixo de um poste para olhar o mapa. Primeira à direita, primeira à esquerda, uma rua principal e chegaria lá.

Londres não era muito bonita, mas tinha coisas boas, gente boa. O Chapinhador era bom, Henrique Prendergast, e até mesmo as pessoas comuns: os vendedores nas lojas, os guardas nos parques. Não seria tão ruim viver aqui. E não iria sentir saudade das irmãs autoritárias – bem, talvez um pouco, de Fredegonda. Fredegonda conseguia ser bem engraçada quando praticava apertar a barriga das pessoas para provocar pesadelos.

Do fabricante de névoa iria sentir uma falta terrível, era verdade, mas não poderia ficar com ele. Isto tinha ficado claro pelo modo como aqueles idiotas se comportaram no Astor. Além disto, agora estava crescido o suficiente para cuidar de si. Quando os outros se dessem conta de que ela não tinha seguido adiante – mas voltado atrás e se escondido no vestiário –, cuidariam do bichinho e explicariam tudo aos pais dela. E mesmo que quisesse mudar de idéia, estava tarde demais. Dali a uma hora, o gampi estaria fechado.

– Sou uma bruxa – se forçava a recordar, porque sentia aproximar-se um ataque de saudade dos fortes. – Sou Oti, do Dente.

Virou à esquerda... atravessou a rua. Viu, então, o hospital, mais alto que os outros edifícios. Ben ainda devia estar lá dentro. Ao imaginá-lo, ao lado do leito da velha senhora, Oti sabia que tinha feito a coisa certa. Ben era esperto, mas era confiante demais. Precisava de alguém que visse as coisas como realmente são. Ninguém iria tirar partido de Ben enquanto ela estivesse por perto. Se isto significasse viver na sujeira de Londres, em vez de na Ilha, bom... fazia parte da missão.

Subiu a escada do hospital. Mesmo sendo tarde da noite, havia luz acesa no grande saguão de entrada. Os hospitais nunca dormem.

– Sou a senhorita Gribble – disse. O funcionário da recepção olhou surpreso para a pequena figura, vestindo aquele blazer à moda antiga, que tinha saído da escuridão. – Preciso ver...

Interrompeu o que dizia porque alguém chamou seu nome e, virando-se, viu Ben, vindo em sua direção, escoltado por dois homens. Seu rosto estava branco, parecia completamente exausto. Os homens, aparentemente, o amparavam.

– Oti – ele chamou de novo. – O que está fazendo aqui? Por que não está...

O homem à direita de Ben sacudiu seu braço.

– Agora chega, não temos tempo para papo! Empurrou Ben em direção à porta. Mas ele girou o corpo,

tentando se safar.

– Ela morreu, Oti! A minha avó. Minha avó. Morreu! A voz sumiu. Era a primeira vez que dizia aquilo.

Oti respirou fundo. Olhou o relógio grande da parede. Onze e quinze. Conseguiriam, se corressem. Era o tempo justo.

– Então, pode vir comigo! – disse ela, alegre. – Voltar para a Ilha!

Ben piscou, sacudiu-se para despertar. Tinha perdido a noção do tempo, sentado junto ao leito da avó. Achava que já passava muito da meia-noite, que o gampi estava fechado. A esperança brilhou em seus olhos.

– *Soltem-me!* – disse, e com uma força repentina safou-se do guarda. – Vou com ela!

– Ah, não vai, não! – Stanford agarrou-o pelos ombros. Ralph dobrou seu braço nas costas, segurando-o assim.

– Você vem conosco e ponto final. Anda!

Ben lutou com toda a força que tinha, mas os dois homens eram fortes – e eram dois. A recepcionista tinha entrado no escritório. Não havia ninguém para ver o que estava acontecendo e ajudar. Estavam, então, próximos à porta, e ao carro, que esperava.

Mas Oti tinha dado a volta e se encontrava à frente deles.

– Não, Ben, você não deve machucar os coitados destes homens – disse ela. – Não está vendo o quanto estão doentes?



– Saia da frente, fedelho horroroso, senão levamos você também! – disse Stanford, dando um chute nela.

Mas Oti continuou ali de pé, com um ar muito aborrecido.

– Oh, que terror! O cabelo de vocês, coitados! Estou com tanta *pena* de vocês!

Sem pensar, Stanford pôs a mão na cabeça. Em seguida, soltou um guincho. Um tufo de cabelo preto se soltou do couro cabeludo.

– É assim que começa – disse Oti. – De repente, a pessoa fica careca. Depois, vêm a espuma, os ataques.

– Meu Deus! – Stanford agarrou o cabelo da testa e outro longo e oleoso punhado de cabelo caiu na lapela do temo.

– O seu amigo está ainda pior... – disse Oti. – Aqueles cachos tão lindos!

Era verdade. Os cachos de Ralph caíam no chão de cerâmica como novelos de lã para tricô, enquanto manchas redondas de pele cor-de-rosa apareciam na cabeça.

– Geralmente não tem cura – prosseguiu Oti. – Mas talvez possam dar uma injeção em vocês aqui. Alguns hospitais têm uma vacina – é injetada no traseiro com uma agulha grande, mas tem de ser depressa!

Os bandidos não esperaram mais nada. Segurando a cabeça, tentando inutilmente preservar o resto do cabelo, saíram pelo corredor gritando por socorro.

– Oh, Oti! – disse Ben. – *Você* conseguiu! Fez com que ficassem carecas!

– Não perca tempo! – disse a bruxa.

Segurou a mão de Ben e, juntos, os dois correram escada abaixo, sumindo na noite.

Vinte

A escuna de três mastros estava ancorada ao largo da Caverna Secreta. A seu lado se encontrava o iate real, com a bandeira ao vento, e o barco fretado. Uma porção de barcos menores – botes e canoas – estava parada na praia. Maré cheia: a curva de areia limpa, firme, ondulava em tomo da baía. À luz do sol que se punha, o mar, calmo, silencioso.

O rei e a rainha, porém, davam as costas ao mar, de pé, voltados para o buraco escuro, redondo, no rochedo. Arbustos espinhosos cercavam a caverna que dava no gampi, encoberta por uma saliência de pedra. Era dali que o príncipe viria.

Se viesse...

Ao lado do rei e da rainha, os cortesãos e pessoas importantes da Ilha. O diretor da escola veio no barco fretado, assim como o Primeiro-Ministro e uma menina que tinha sido a melhor em latim, e ganhou a viagem como prêmio.

E atrás do rei e da rainha, mas um pouco afastadas, porque ainda não tinham se permitido tomar banho, Lili, Violeta e Rosa. Cada uma segurava uma banana firme, fechada na mão. Seus olhos também estavam fixos na caverna.

Só faltavam mais duas horas para o Fechamento.

– Sua Majestade deve descansar – disse o médico real, aproximando-se da rainha com um banco dobrável. – Pelo menos, sentar. Está exaurindo todas as forças.

Mas a rainha não conseguia sentar, não conseguia comer nem beber. Só olhava fixamente o buraco escuro na rocha, como se tirar os olhos dali significasse abandonar o último fio de esperança.

Às dez e meia acenderam os holofotes. Holofotes em torno da abertura, ao longo da curva da baía, agora repleta de gente...

Um círculo de holofotes, dentro do qual o rei e a rainha aguardavam. Era bonito, a luz cintilando, mas também assustador, pois marcava o final do último dia.

Mas não, com certeza, o fim da esperança.

Cinco minutos se passaram... dez... Então, da multidão que se enfileirava na praia, veio um clamor de excitação... um murmúrio – e da rainha, um grito súbito.

Um vulto sozinho surgiu na abertura. O rei e a rainha já tinham se deslocado em sua direção, quando verificaram quem era. Não era o filho deles que estava de pé na boca da caverna – não era ninguém que conhecessem. Na verdade, era uma feiticeira muito cansada, chamada dona Harbottle, que, com ar atônito, segurava uma mala de



correio. Ela tinha escutado um feiticeiro, que trabalhava no Centro de Empregos, falar sobre o gampi, e decidiu experimentar.

O desapontamento foi grande. A rainha não chorou, mas quem se encontrava perto dela podia ver, de repente, como ficaria quando envelhecesse.

Outro silêncio – mais tique-taque dos minutos indo embora. Uma brisa fria soprou do mar. Rosa, Lili e Violeta ainda seguravam as bananas. Mas Lili começava a choramingar.

Então, mais uma vez, a boca da caverna se encheu de vultos. Bem conhecidos desta vez... De novo a esperança voltou, para logo tornar a se dissipar. Não havia necessidade de perguntar se a equipe de resgate tinha, afinal, trazido o príncipe de volta. Cor vinha curvado, enfiado no manto. Gurkie carregava o cesto de palha como se o peso fosse insuportável. E onde as sementes de samambaia tinham caído, se podia ver a cara vermelha, infeliz, do ogro.

De apenas umas poucas pessoas na praia veio uma vaia. As outras rapidamente a abafaram. Sabiam o quanto os salvadores deviam estar se sentindo mal, voltando de mãos vazias. O fracasso era castigo suficiente.

Cor estava envergonhado demais para ir cumprimentar o rei e a rainha. Fugindo da luz dos holofotes, sentou, esgotado, sobre uma pedra. Gurkie procurou Oti entre a multidão reunida na praia. Viu duas das suas irmãs, mas nem sinal da pequena bruxa. Tentando não pensar em como poderia ter sido aquela volta ao lar, juntou-se a Cor e ao ogro no escuro.

– Temos de ir falar com eles – disse o rei. – Devem ter feito o melhor que puderam.

– Sim.

Mas antes de a rainha conseguir reunir forças, a criança que tinha ganho o prêmio de latim levantou a mão.

– Escute! – disse ela.

Então os outros ouviram também. Latidos. Urros. Os ladradores do céu estavam de volta!

Irromperam da abertura – o bando todo – uns por cima dos outros, babando, cuspidos, os olhos enormes brilhando. Vendo-se subitamente livres do túnel, atiraram-se violentamente por ali, lançando jatos de areia solta.

Mas aquilo não durou muito tempo. Precedida pelo cheiro, chegou a senhorita Witherspoon, com o apito.

– Sentados! – gritou a harpia. E os cães sentaram-se.

– Rastejem! – guinchou ela.

E, babando, os cães se arrastaram nas barrigas, com humildade.

– Fiquem aí! – berrou, e eles pararam.



Ela, então, pôs-se de lado. O cheiro piorou. Do túnel saíram, os pés em primeiro lugar, a senhorita Green, a senhorita Brown e a senhorita Jones. De asas encolhidas, as monstruosas mulheres revelavam no olhar o que os observadores queriam saber.

As harpias se viraram e tomaram seus lugares dos dois lados do túnel, esticando os braços, com as bolsas penduradas.

– Salve! – pareciam dizer, enquanto apontavam para a abertura. – Atenção! Aí vem Sua Alteza!

Aclamada, ao som de urras, e diante de mãos acenando, dona Smith apareceu na entrada da caverna.

Nos seus braços trazia um saco. Um saco grande, amarrado no alto, mas que se mexia, de modo que se viu que dentro estava algo muito vivo.

O príncipe! O príncipe tinha chegado!

Todos os olhos voltaram-se para o rei e a rainha. A rainha tinha posto a mão no coração. Vinha num saco, como prisioneiro... Mas tinha vindo! Só isto importava.

Mas antes de a rainha ir adiante, a harpia–chefe levantou o braço. Tinha decidido deixar Raimundo aos pés do rei e da rainha – voar com ele pelos ares, como os pássaros gigantes das lendas. Com o saco nas garras férreas, desdobrou as asas e, fazendo círculos em torno das cabeças da multidão, desceu em sincronia perfeita e depositou o pacote, que se remexia, num montículo de areia.

– Trago–lhes Sua Alteza Real, o príncipe da Ilha – disse dona Smith, e ajeitou o penteado.

Os aplausos tinham cessado. Ninguém se mexia agora, ninguém falava. Tinham esperado por aquele momento nove longos anos.

A harpia se debruçou sobre o saco – e o rei a despachou com um franzir de sobrancelhas. Mais tarde, seria recompensada. Mas estranho nenhum ia desembulhar a carga preciosa.

– Sua tesoura – pediu ele ao médico.

O médico abriu a valise preta e entregou a tesoura. A rainha, mortalmente pálida, ofegava, ao lado do marido.

Com um único golpe, o rei cortou a corda, desembaraçou–a e afrouxou o topo do saco. A rainha o ajudou a soltá–lo por sobre os ombros do menino. Então, num estalo súbito, feito larva saindo do casulo, a figura esperneante de Raimundo Trottle caiu sobre a areia.

Não estava só esperneando, mas também berrando, urrando, dando chutes. Escorria–lhe catarro do nariz enquanto lutava contra as mãos gentis da rainha.

– Quero minha mãe! Quero minha mãe! Quero ir para a minha casa! – soluçava Raimundo Trottle.

As enfermeiras deram um passo à frente, com as bananas abertas nas mãos – e recuaram, tornando a fechá–las. E uma grande preocupação se abateu sobre os observadores na praia,



porque, mesmo à distância, se podia ver o príncipe chutando os pais e ouvir seus gritos. Naquele momento, quando o rei o pôs de pé, firmemente, todos viram o rosto de porco, inchado, soluçando. A rainha não ia ficar terrivelmente magoada com a maneira como o filho se comportava?

Não precisavam ter se preocupado. A rainha levantou. Quando mostrou o rosto, sua aparência era maravilhosa, radiante. Os anos desapareceram: podia ser tomada por uma menina de dezessete anos. O rei seguiu o olhar dela. A multidão viu aquele homem valente se transfigurar. Voltou a ser o soberano sereno que tinha conhecido.

No chão, o menino trazido pelas harpias continuava esperneando e gritando. A rainha, com educação, puxou a saia e se afastou dele. Mas não correu, movia-se como as pessoas se movem nos sonhos, meio deslizando, meio dançando, como se tivesse todo o tempo e toda a felicidade do mundo inteiro. O rei andou de braço dado com ela.

Só então os observadores voltaram as cabeças para a entrada da caverna, onde viram duas figuras, de pé. Uma era a pequena bruxa, Oti Gribble. A outra, um menino.

Um menino que, por um instante, ficou parado, com um olhar surpreso. Depois, soltou a mão de Oti e correu. Correu como o vento, mal tocando o solo, só parando quando alcançou o rei e a rainha. Então, se lançou nos braços deles, como se toda a vida tivesse esperado por aquele momento.

As três figuras tomaram-se uma. Enquanto o rei e a rainha o seguravam, o abraçavam, os observadores ouviram as mesmas palavras, repetidamente:

– Meu filho! Meu filho! Meu filho!

Vinte e Um

Oti Gribble mudou-se para a caverna das enfermeiras. Ben tinha ido morar no palácio havia uma semana, sem lhe mandar notícia alguma. Agora, ia se retirar do mundo, tomar-se ermitã. Tinha deixado um bilhete para a mãe e as irmãs e estava se acomodando.

As enfermeiras comiam torrada queimada, dormiam em pedras e enfiavam pontas de pau nos ouvidos. Mas as coisas que Oti ia fazer eram muito mais interessantes. Ia dormir em estacas enferrujadas e comer limo e água-viva crua. Nunca mais ia falar com uma alma viva de novo. Todos os dias, de todas as maneiras, ia se tornar mais horrorosa e assustadora, parecendo bruxa. Quando crescesse, seria conhecida como Oti da Caverna, Oti do Oceano, ou apenas Oti, a Calada. A caverna ia se encher de sapos cuspidos por ela; todos os seus dentes seriam azuis e o calombo no pé esquerdo não se transformaria num dedo extra, mas em pelo menos sete deles.

Naquele momento, desfazia a mala. Era aquela em que o fabricante de névoa havia viajado, mas, é claro, Ben o tinha levado consigo para o palácio. Na verdade, o animal de estimação era dela. Mas Ben não se importou com isto. Foi embora com os pais, ser príncipe, e simplesmente não se lembrou mais dela. Dizem que quando a pessoa se torna grande e famosa, esquece os amigos. Sem dúvida, foi o que aconteceu com Ben.

Encontrou uma pedra que servia de mesa e resolveu comer alga mofada no almoço. Também não podia usar garfo e faca. Ia comer com a mão, para ficarnojenta o mais rápido possível. Agora que as enfermeiras nada faziam além de devorar belas bananas e desfilar em vestidos com babados, que lavavam três vezes por dia, era hora de alguém recordar a tristeza e o horror.

Encontrou a alga – tinha até umas minhoquinhas se arrastando por cima – mas resolveu adiar um pouco o almoço. Não que fosse desistir; comeria no final, tudo. Não ia desistir de nada. Ninguém mais ia feri-la de novo, e também não ia voltar para a escola. Gostava da escola, mas nunca mais ia gostar de nada, aquilo ia mostrar a eles!

Mas, ali sentada, com os dedos dos pés numa poça gelada, esperando que ficassem azuis e talvez até caíssem, enregelados, não pôde deixar de pensar em como a vida era cruel e injusta. Ela mesma tinha trazido Ben pelo gampi. Se não o fizesse ler a carta da avó quando o táxi os levou à estação, ele talvez ainda estivesse discutindo se vinha, se seria bem-vindo na Ilha.

Oti lembrava cada palavra escrita pela Babá Brown.

“Querido Ben” – a carta começava... – “Tenho de lhe dizer que fizeram com você uma coisa muito ruim quando era pequeno. Você foi seqüestrado pela dona Trottle. Ela



o tirou do cesto, perto da estação Encruzilhada dos Reis, e o levou para a Suíça, pensando em fazer você passar por filho dela. Mas quando chegou lá, viu que estava esperando um bebê. Depois que Raimundo nasceu, voltou-se contra você. Queria mandá-lo embora. Só que eu não deixei. Ninguém sabe quem são os seus verdadeiros pais, mas com certeza o amavam muito, porque você estava usando as roupas mais lindas, e a sua chupeta tinha o aro de ouro.

“Portanto, Ben, você tem de procurar a polícia imediatamente, contar a verdade e pedir que o ajudem a encontrar sua família. E, por favor, me desculpe pelas mentiras que lhe contei todos estes anos.”

A coisa toda logo fez sentido para Oti. Devia ser muito melhor olhar para Ben que para Raimundo, mais esperto, mais capaz de fazer as coisas. Não era de admirar que dona Trottle se aborrecesse e quisesse mandá-lo embora.

E Ben era bom – era bom na mesma medida em que Raimundo era mau. Por isso, o fato de ele esquecê-la a feria ainda mais. É verdade, o rei e a rainha a tinham abraçado, assim como a todos os outros salvadores, e dito o quanto estavam agradecidos. Também era verdade que o curto espaço de tempo entre a vinda de Ben e o Fechamento tinha sido muito atribulado. Raimundo teve de ser empacotado e jogado numa das últimas correntes de ar que subiam para a Encruzilhada dos Reis. O que devem ter pensado os fantasmas do gampi quando o viram? E assim que Raimundo subiu, um monte de gente resolveu descer à última hora: o Chapinhador, com um embrulho de pano molhado, que acabou se transformando na sobrinha, Melisande; o demônio chamado Henrique Prendergast e duas fadas que ficaram sabendo que Raimundo não era príncipe e, afinal, decidiram vir para a Ilha.

Mesmo assim, no início, Oti não acreditou que havia sido esquecida. Ficou esperando que pelo menos a convidassem para tomar um chá no palácio, ou que Ben fosse à casa dela, saber como estava. Todos contavam histórias sobre ele – sobre seu pônei branco, sua inteligência, o cão de caça que o pai lhe dera, a felicidade da rainha, que ficou tão bonita que o rei teve de botar guarda especial nos portões do palácio para receber os ramos de flores deixados para ela por jovens encantados.

Não tenho nada a ver com isso, pensou Oti. Vou ficar aqui no escuro, no frio. Enrugada, velha. Um dia encontrarão uma pilha de ossos num canto e sentirão pena.

Sentada na entrada da caverna, com as mãos em volta do joelho, tossindo, viu um menino abrindo caminho entre os fabricantes de névoa na areia. Quando se aproximou, viu quem era. Não ligou, continuou tossindo.

– Oi – disse Ben.

Parecia incrivelmente bem, incrivelmente feliz. Ela bem que gostaria de vê-lo usando roupa de nobre, para aparecer. Mas ele estava de camisa azul e calças de algodão, e tinha vindo sozinho.

– O que está fazendo? – perguntou Ben, surpreso.

– Tentando cuspir sapos, se é que você quer mesmo saber – disse Oti. – Embora não seja da sua conta...

Ben olhou em volta, procurando um sapo por ali, mas não havia.

– Oti, não sei por que você faz tanta questão de cuspir sapos. O que faria com eles, se os cuspsisse? Aposto que iam querer que você os beijasse, achando que eram príncipes encantados.

Oti suspirou.

– Não tenho a menor idéia por que você veio – ela disse. – Como vê, me mudei para cá, e vou morar aqui pelo resto da minha vida.

– Por quê? – perguntou Ben, sentando-se ao lado dela. Oti pôs o cabelo em volta do rosto e desapareceu.

– Porque quero ficar sozinha. Não quero viver num mundo cheio de ingratidão e dor. E não posso deixar de me perguntar o que faz você, sentado aí no chão. Por que não trouxe o trono, um príncipe importante como você?

Ben olhou para ela, atônito.

– Que diabos aconteceu com você? – perguntou.

– Nada, já disse. Vou viver aqui para o resto da vida.

Mas Ben tinha visto, entre os cabelos de Oti, uma lágrima brilhar.

– Entendo. Mas é uma pena, porque passamos a semana inteira decorando e mobiliando o seu quarto, para fazer uma surpresa. Terei de dizer a meus pais que você não quer vir. Vão ficar terrivelmente desapontados.

– Que quarto? – perguntou Oti, fracamente.

– O seu, já disse. O quarto ao lado do meu, no palácio. Estava pintado de cor-de-rosa, e não achamos próprio para uma bruxa, de modo que minha mãe escolheu um papel de parede azul meia-noite, com friso de morcegos, e pôs uma portinha para o fabricante de névoa... A cama é imensa, estofada com penas de corvo – os corvos *deram* as penas, porque você é uma heroína. Está bem bonito. E minha mãe foi falar com a sua hoje de manhã para perguntar se ela deixava você vir morar com a gente. Sua mãe disse que estava bem, desde que você fosse visitá-la uma vez por semana. Então, esta história de caverna é uma pena.

Ele esperou. Oti virou a cabeça. Seu olho verde apareceu; depois apareceu o castanho, quando sacudiu o cabelo para trás.

– Verdade? Você quer que eu more com você?

– É claro! Decidimos isto no primeiro dia, meus pais e eu –disse Ben. Quando disse “meus pais”, seu rosto todo pareceu se iluminar. – Talvez devêssemos ter lhe dito, só que eu amo surpresas e achei que você ia gostar também.

– Na verdade, eu também gosto. Ela esfregou os sapatos na areia.

– Só que... E se eu... Bom... E se eu não me tomar poderosa, assustadora? Vão querer uma bruxa apenas... comum... morando no palácio? Quero dizer... talvez eu *já* consiga ter um dedo a mais...

Ben levantou-se.

– Não seja boba, Oti – ele disse. – Você é *você*. E é você que queremos.



Oti assoou o nariz e botou o pijama de volta na mala. Então deu a mão a Ben e juntos caminharam pela beira da praia em direção ao telhado acolhedor do palácio.



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**